

MIAMI

O Soldado Cristão que Enfrentou
o Terror Policial Soviético



Myrna Grant



Editora
Betânia

Um relato do que aconteceu quando um soldado cristão resolveu falar abertamente de Cristo dentro do exército soviético. As pressões que sofreu de seus companheiros ateus e de seus superiores. O que faria você, se estivesse nessas circunstâncias?

Ivan era um jovem diferente: cristão genuíno, soldado exemplar, não se deixava ameaçar pelas ameaças dos oficiais e nem pelo escárnio dos colegas. A fé e o relacionamento íntimo com Cristo eram mais importantes que a sua segurança pessoal ou a aprovação dos companheiros de farda. Seu caráter cristão foi provado até ao sangue, no exército vermelho.

WAI

MYRNA GRANT



Editora Betânia

Cx. Postal 10 – 30.000 Venda Nova, MG
Cx. Postal 21.477 – 01.000 São Paulo, SP

Vanya

Brazilian Edition

Copyright 2015 Voice Media

info@VM1.global

Web home: www.VM1.global

All rights reserved. No part of the publication may be reproduced, distributed or transmitted in any form or by any means, including photocopying, recording, or other electronic, or mechanical methods, without the prior written permission of the publisher, except in the case of brief quotations embodied in critical reviews and certain other noncommercial uses permitted by copyright law. For permission requests, email the publisher, addressed “Attention: Permission Coordinator,” at the address above.

This publication **may not be sold, and is for free distribution** only.

Com admiração e gratidão

a meus irmãos soviéticos (alguns presentemente em cadeias) que nunca lerão este livro, mas que se arriscaram grandemente para divulgar a história de Ivan, na Rússia e no Ocidente;

e ao jovem soldado russo que pôs em risco sua vida para se encontrar comigo num dia chuvoso, numa rua de Moscou, e recebeu um pequeno Novo Testamento com a inscrição: “Este é o mais precioso presente que poderias dar-me.”

Quando nos calamos diante do mal, quando o sepul-
tamos no fundo de nosso ser de modo que nunca
assome à superfície, estamos a cultivá-lo de tal forma
que frutificará milhares de vezes no futuro.

Alexandre Solzhenitsyn
O Arquipélago Gulag

Ivan Moiseyev,
à época de sua convocação
(novembro de 1970).



Ivan de farda (maio de 1972).

Palavra Introdutória

No dia 16 de julho de 1972, faleceu na Criméia um jovem soldado russo. Era membro de uma igreja evangélica, e sofreu morte brutal. Este livro relata os detalhes de como e por que isto se deu. O Centro de Estudos de Religião e Comunismo possui evidências documentares que confirmam os fatos relatados nesta obra.

A morte de Ivan não foi um fato corriqueiro, e atraiu a atenção de milhares, talvez milhões, de pessoas do mundo inteiro, para a União Soviética e sua forma de conduta no que tange à religião. O assassinato deste jovem batista não foi uma ocorrência qualquer. A convenção da qual sua igreja faz parte compara-o ao de Nikolai Khmara, ocorrido em 1964, numa prisão da Sibéria. Hoje, os jovens batistas soviéticos escrevem poemas acerca destes dois mártires, e os apresentam durante suas reuniões, para conforto e encorajamento de todos. Pois a morte de Ivan Moiseyev, além de ter sido diferente, trouxe à baila uma situação que exige a atenção dos cristãos em geral, ou melhor, de todos os homens de boa-vontade, de qualquer parte do mundo.

A verdade é que a hostilidade soviética contra a religião não mudou nada, desde os dias dos bolchevistas. As táticas empregadas atualmente variam da

perseguição violenta à propaganda sutil. Contudo, em nenhum momento as autoridades desistiram de seu propósito de desarraigar de seu solo todas as atividades religiosas que ainda sobrevivem.

Esta linha normativa, militantemente ateuista, tem afetado todas as igrejas da União. Nos primeiros anos de revolução, isto é, em 1917 e nos anos que se seguiram, foi a Igreja Ortodoxa, a seita oficial, que sofreu o impacto da agressão materialista, enquanto os batistas e crentes de outras denominações gozavam de relativa liberdade — e da qual se aproveitaram amplamente. Mas não demorou muito, e Stalin começou a segurar as rédeas do poder cada vez com maior firmeza, e afinal todas as igrejas passaram a sentir o sopro frio dos ventos contrários.

Durante a época de terror da década de 30, milhares de cristãos e outras pessoas sofreram ou foram mortos em conseqüência dos “expurgos” de Stalin. A Segunda Grande Guerra, porém, veio operar uma mudança brusca nesta situação. O país passou a sofrer perdas cada vez mais pesadas, e o governo sentiu-se carecente do apoio popular. Apelava-se ao patriotismo russo, e as igrejas se tornaram meios de contato direto com o povo para encorajamento da causa pátria. Em entrevistas particulares havidas entre Stalin e os líderes religiosos, algumas concessões foram feitas de ambas as partes e disto resultou um relaxamento da tensão, que, por sua vez, ocasionou um avivamento espiritual, que provavelmente surpreendeu as autoridades.

Contudo, esta nova atitude não durou muito. Passada a crise mais urgente, ressurgiram os antigos métodos de repressão da fé. Então veio a era de Krushev. Apesar de sua imagem pública ser de “liberalizante”, na realidade, ele desencadeou uma terrível campanha anti-religiosa, que, iniciada em 1959, continuou até a sua queda do poder em 1964. É do conhecimento geral que metade das igrejas ortodoxas do país foram fechadas. Desta vez, também os batistas sofreram com esta nova onda de perseguição.

Um dos aspectos desta nova fase foi o estabelecimento de algumas regulamentações que, embora apresentadas ao povo pela liderança batista, eram reconhecidamente resultado de pressões estatais. Esta infeliz situação provocou uma reação violenta por parte de alguns crentes batistas de todo o país. Um grupo representativo foi organizado com a finalidade de promover um congresso para se acertarem as coisas, mas isto não vingou, e, em 1965, a fissão que se prenunciava entre as fileiras batistas se efetivou.

Este grupo reformador que se separou em 1965, existe ainda hoje em condições dadas como tecnicamente ilegais. É chamado de Concílio das Igrejas Cristãs Evangélicas Batistas, e era a este movimento que pertencia Ivan Moiseyev. Seus líderes são por uma lealdade ilimitada a Cristo, por uma contínua renovação espiritual e pela intensificação do esforço evangelístico. Também clamam por justiça para com os crentes de seu país, apelando à Constituição soviética e aos decretos de Lenine. Portanto, podem ser enquadrados dentro do contexto do movimento soviético pelos direitos humanos, para o qual, aliás, já contribuíram grandemente. Na verdade, pode-se dizer que eles abriram caminho para boa parte do que se seguiu: as atividades pró-direitos humanos na URSS, que ultimamente têm ocupado as manchetes mundiais. Os batistas foram os primeiros a, de modo altamente organizado, firmarem documentos não oficiais, e listas, e a imprimirem jornais relatando tudo sobre sua vida e problemas. Eles se constituíram no primeiro grupo denominacional a confeccionar listas com os nomes de membros seus que se encontram aprisionados, listas estas que contêm informações incrivelmente detalhadas, incluindo endereços de centenas de campos de trabalho forçado. Estes dados têm sido de valor incalculável para aqueles que fazem pesquisas acerca da atual sociedade soviética. Os batistas são os únicos dissidentes que operam uma gráfica clandestina. Chamam-na "A Cristã", e encontra-se em funcionamento desde 1971, ou antes.

Este é o cenário no qual se desenrola e deve ser presenciada a história da morte de Ivan Moiseyev. Foi um ato de brutalidade sem par, que revelou o temor e o ódio de um punhado de homens em posição de autoridade. Ao mesmo tempo, foi uma amostra da hostilidade ali existente, e que pode irromper com igual violência em outro lugar, a qualquer momento. Espera-se que campanhas repressivas tais como as que foram levadas a efeito por Stalin e Krushev não se repitam. Um fator que contribuirá decisivamente para isto será um interesse contínuo e uma ação positiva por parte de todos os que lerem este livro, e se importarem com o destino dos crentes que hoje vivem na União Soviética.

Michael Bordeaux

Prefácio

Uma multidão ruidosa e despreocupada deixava o circo. Turistas de todos os recantos da União Soviética e Europa Oriental, crianças de olhos brilhantes, estudantes, famílias da comunidade — todos em busca de entretenimentos. As fontes da praça emprestavam uma sensação de frescor ao lugar, suavizando o calor daquela região sulina. E por entre o povo, um homem, visivelmente nervoso, caminhava rapidamente, procurando avistar os amigos americanos, com quem prometera se entrevistar.

Na noite anterior, eu fora à reunião da única “casa de oração” que servia à população da cidade de um milhão de habitantes, e ouvira-o entregar um maravilhoso sermão sobre o poder de Deus. Ele mencionara os nomes de Davi Livingstone e Dostoievsky como exemplos de pessoas que empenharam tudo por sua fé.

E agora, menos de vinte e quatro horas depois, estava sendo seguido pela KGB¹, e sabia disto. Sua mente era um torvelinho de terror, à lembrança do mal que poderia atrair sobre a sua família, sua igreja e sobre estes amigos americanos, simplesmente pelo fato de, numa rápida conversa às escondidas, ter concordado em falar conosco.

¹KGB — Polícia secreta soviética.

E naquela praça, vivendo aqueles instantes de pavor, senti-me mergulhar, juntamente com ele, nos sofrimentos do submundo em que vivem os cristãos soviéticos. Entrei em pânico. As palavras do pastor tinham sido frenéticas: “Não posso conversar; estou sendo seguido. Deus os abençoe! Adeus!” E instantaneamente sumiu por entre o povo. Por quê? Por que a polícia secreta soviética se importaria com o fato de que dois cristãos americanos desejassem conversar em particular com um pastor russo?

Foi neste momento que cheguei à conclusão de que a história de Ivan deveria ser escrita. O que ele passou — em forma intensificada — é o mesmo que passam todos os crentes da União Soviética — gente simples e humilde, cuja existência é um caleidoscópio de temores e incertezas, cautela, sacrifício, coragem inacreditável, resistência e triunfo.

Às vezes era muito difícil fazer indagações sobre Ivan, dentro da Rússia, pois a polícia estava realizando forte campanha para apreender e destruir declarações e documentos feitos em conexão com o caso de Ivan Moiseyev, além de ameaçar com punições e prender os crentes que divulgassem os fatos. Mas apesar do perigo, eles pareciam desejosos de falar. Quantas vezes vimos lágrimas rolares dos olhos de homens e mulheres que afirmavam: “*Verno! Verno!*” (É verdade! É verdade!) Em todos os lugares onde indagamos acerca do rapaz, sua história era conhecida e comprovada.

Uma moça da cidade de Omsk, engenheira-química, contou-nos de uma reunião política, com presença obrigatória, que fora realizada na fábrica em que trabalhava, com a finalidade de rebater os “rumores falsos” que circulavam acerca da morte de Ivan, e divulgar a versão oficial sobre a ocorrência.

Na Geórgia, conversei — assentada num banco de praça — com uma senhora de meia-idade, cujos olhos estavam vermelhos de chorar. Combináramos previamente de nos encontrar ali, e ela fora, apesar de se achar sob forte tensão. Na noite anterior, a polícia

invadira e revistara sua casa, enquanto se achava na igreja. Estiveram à procura de documentos sobre o caso de Ivan Moiseyev, mas não encontraram nada. (Ela os havia passado adiante, precisamente um dia antes.) Mas eles levaram seus livros religiosos e as pequenas porções das Escrituras que possuía. Relatou-me tudo isto com a voz embargada, procurando controlar-se, mas, quando terminou, caiu em pranto, sempre repetindo as palavras: "Isto é terrível, terrível!"

Fomos informados de outros detalhes da história de Ivan na Europa Ocidental, por intermédio de um ex-pastor, da sua igreja da Moldávia. A família dele recebera permissão para emigrar, por terem eles parentes próximos que residiam na Alemanha. No momento, achava-se presente também um membro da igreja, que assistira ao funeral de Ivan. Todos queriam dar testemunho da fé vibrante do rapaz, e colaborar para o livro do modo que lhes fosse possível. Cada uma destas pessoas tinha experimentado sua própria quota de sofrimentos, e, se desejasse, poderia relatá-los também.

O escritor russo, Alexandre Solzhenitsyn, tem despertado a atenção do mundo inteiro para a supressão dos direitos humanos básicos dentro dos limites da URSS. Ele se conta entre os vários porta-vozes famosos do atual movimento dissidente da União Soviética, um grupo de intelectuais que apelam eloqüentemente em favor da liberdade de pensamento e expressão, e põem a descoberto o sistema soviético de terror policial. No momento em que escrevo, ele acaba de ser exilado pelo governo de seu país, em consequência da publicação em Paris do seu violento livro *O Arquipélago Gulag*.

O que o mundo livre desconhece é que existe outro heróico movimento contrário na União Soviética. Nasceu dentro das fileiras das igrejas evangélicas da União, reprimidas e perseguidas. E algumas destas congregações lançam seus protestos individualmente.

Desde 1964, existe uma organização em Moscou, ostensivamente denominada “Concílio de Parentes de Prisioneiros”. Este grupo clama por total liberdade religiosa, e se insurge contra a discriminação, a repressão, as prisões e até a morte inflingidas aos crentes da Rússia.

Em contraste com a situação de Solzhenitsyn, este concílio não goza das vantagens de uma proteção sob a forma de publicidade internacional. Seus líderes têm sido constantemente presos ou exilados. Todavia, novos líderes, do mesmo calibre, se levantam e ocupam as lacunas deixadas. Assim suas atividades não sofrem solução de continuidade.

Foi a este concílio que apelaram os pais de Ivan Vasilievich² Moiseyev. E foi graças aos esforços dele que a história do rapaz chegou ao Ocidente. Vários homens, mulheres e jovens desta agremiação arriscaram-se a perder a liberdade e a vida para protestar contra a violência feita a Ivan.

Os homens de boa-vontade do mundo inteiro sempre contestam a não-observação dos direitos humanos básicos nas sociedades totalitárias. Mas isto não basta. É preciso que haja uma mobilização de repulsa, uma manifestação, uma voz contrária, partindo de todas as camadas das sociedades livres em favor destes povos subjugados, sofrendo repressão.

Escrevia a história de Ivan, pensando na Voz que João ouviu na ilha de Patmos, dizendo: “O que vês, escreve em livro.” Aquela mesma Voz disse: “Tornai-vos, pois, praticantes... e não somente ouvintes.”

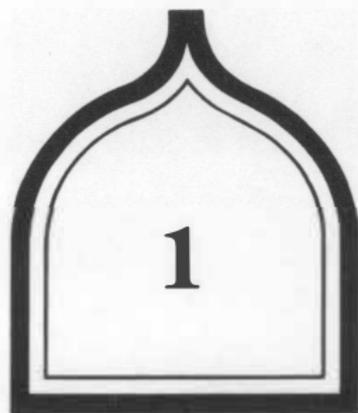
²Para os leitores que não estejam familiarizados com a nomenclatura russa, queremos explicar que o segundo nome de cada pessoa é sempre formado pelo primeiro nome do pai, seguido de um sufixo: *vich*, para o filho do sexo masculino, e *ova* para as filhas. Assim, *Ivan Vasilievich* significa *Ivan, filho de Vasily*. Isto tem semelhança com o costume bíblico. Exemplo: Davi, filho de Jessé.

Embora isto possa parecer estranho a ocidentais, os russos geralmente se dirigem uns aos outros citando o primeiro e o segundo nomes.



Primeira Parte

A HISTÓRIA



Aquele que chora de todo o coração, provocará lágrimas até em um cego.¹

Joanna Constantinova não tinha pressa de que o ataúde de seu filho chegasse. Desde que haviam recebido o telegrama do exército, no dia 17, ela passara a temer aquele momento mais do que qualquer outro. Vagarosamente, voltou os olhos inchados para o ponto da sala lotada onde se encontrava seu marido, Vasiliy Trofimovich. Havia um grupo de irmãos da igreja junto dele, todos com fisionomias carregadas. Ela só não via as feições de Vasiliy, cuja cabeça se inclinava para o assoalho pintado.

Mas o temido instante chegara. A camionete que trazia o caixão de Ivan da estação da via férrea já entrara na rua esburacada, e reduzia a marcha a fim de parar. Através das cortinas de renda, imóveis ao ar quente de julho, enxergou o veículo-escolta dos oficiais detendo-se logo atrás do outro. Três homens vestindo a farda cinza do exército russo, postaram-se rigidamente ao lado de sua viatura, enquanto o esquife era puxado para fora da carroceria, e, com todo o cuidado, colocado sobre os ombros dos amigos que o transportariam. Seu filho Semyon guiou-os até o portão de madeira da entrada, e depois até à casa.

¹As legendas que aparecem no início de cada capítulo deste livro são transcrições de tradicionais provérbios russos.

À vista dos militares, seu receio de que pudesse se descontrolar se esvaiu. Não haveria lágrimas nem desmaios por causa do filho morto. Se fosse haver dificuldades, ela precisaria apelar para toda a sua força de vontade. Seus olhos encontraram os de Vasiliy. Ele também estava preparado. Parecia dominado por uma energia santa.

Os dois oficiais e o soldado entraram na saleta meio desajeitados, tendo que curvar a cabeça para atravessar a portinhola, e parecendo incomodados na atmosfera carregada do aposento, onde se sabiam indesejados. O povo afastava-se deles, abrindo-lhes passagem até o lugar onde se achava Vasiliy Trofimovich.

O ataúde avançava, seguro bem no alto por quatro amigos de Ivan. Joanna ficou espantada com seu enorme tamanho e excesso de caros adereços de metal. Seu marido vacilou ligeiramente quando os moços o depositaram sobre a mesa, previamente arranjada. A maioria das mulheres usava seu pano de cabeça caindo-lhe sobre a testa. Algumas começaram a chorar, ocultando o rosto com lençinhos brancos, e assim tinham a cabeça completamente coberta.

Pela primeira vez, Joanna notou que o caixão fora soldado e selado com as insígnias do exército. O oficial mais graduado, Capitão Platonov, do setor de assuntos especiais, pigarreou e inclinou-se ligeiramente diante dos pais.

“Em nome do Coronel Malsin e dos oficiais e soldados do Pelotão 61968T, quero apresentar condolências aos pais e demais parentes do soldado Ivan Vasilievich Moiseyev, pelo seu passamento tão trágico.”

Seus olhos se moviam de uma pessoa para outra, cada uma sustentando seu olhar.

Joanna correu o dedo pelas cartas de Ivan, que segurava sob o xale, cartas que o moço escrevera pouco antes de sua morte. Como que tentando reter um pedaço do filho, ela comprimiu-as contra o peito, protegendo-as com a mão, para que não fossem

atingidas pelas mentiras de Platonov. Ela as reunira em um pequeno maço, pela ordem, de acordo com a data carimbada a vermelho sobre o selo: 15 de junho de 1972; 30 de junho de 1972; 9 de julho de 1972; 14 de julho de 1972 e 15 de julho de 1972. Aquelas datas pareciam elevar um protesto gritante contra a hipocrisia que aquele esquife representava. Condolências! Seus olhos ardiam.

“Naturalmente vamos requerer que o caixão de nosso filho seja aberto”, soou a voz de Vasiliy Trofimovich, com firmeza.

“Mas não é necessário”, retrucou Platonov, talvez com mais veemência do que tencionara, fazendo com que algumas pessoas ao fundo da sala erguessem a cabeça abruptamente. “O corpo dele já foi identificado em Kertch pelo senhor e seu filho, Semyon Vasilievich.” Passou um lenço dobrado na testa e continuou em um tom mais comedido. “Sabemos que este terrível acidente foi um grande choque para o senhor e sua esposa. Devem poupar-se maiores aflições. A morte por afogamento, às vezes, desfigura muito a vítima.”

Joanna afastou o marido para o lado com um braço.

“Camarada oficial...?”

“Platonov.”

“Platonov. Como mãe de Ivan, insisto em que o caixão seja aberto. Quero ver meu filho. Desejamos que seja enterrado à paisana. Temos este direito.”

Um pé de cabra foi passado de mão em mão e entregue a Vasiliy. Platonov abaixou a cabeça e cochichou algo com seus companheiros. Vasiliy introduziu a ponta do instrumento sob a tampa do caixão. O oficial estendeu a mão para detê-lo.

“Sinto muito, camarada Moiseyev, mas temos uma obrigação a cumprir, e precisamos sair imediatamente. O que o senhor deseja fazer é uma insensatez.”

E com um olhar rápido para Semyon que se postara ao lado do pai, os três abriram caminho por entre o povo, e saíram.

Novamente, Vasiliy ergueu a barra de ferro e colocou-a sob a tampa. No instante em que ela estalou, aconteceram tantas coisas, ao mesmo tempo, que Joanna ficou paralisada e boquiaberta sem conseguir entender o que se passava. Semyon se atirara sobre o caixão, como louco, cobrindo-o com os dois braços, protestando com voz sufocada: “Não, papai, não! Não abra!”

A barra caiu ao chão. Vasiliy tentou afastar seu filho mais velho. As pessoas estavam-se achegando para verem melhor a causa de toda aquela agitação. “O que está acontecendo?” — “Semyon está brigando com o pai.” — “Brigando, não. Ele só não quer deixar abrir o caixão.” — “Quem está brigando? Não consigo ver nada.” — “Que vergonha! O próprio irmão!”

Dois dos pastores — camisas úmidas de suor por causa dos grossos ternos pretos — adiantaram-se rapidamente e cada um agarrou-o por um braço, arrastando-o dali. Algumas mulheres, num canto da sala, começaram a orar em voz alta — suas preces aflitivas crescendo e diminuindo numa torrente de emoção e lágrimas. Semyon lutava desesperadamente para safar-se, e voltando-se para a mesa, disse em voz embargada:

“Papai, mamãe, por favor, deixem Ivan quieto. Não abram o caixão!”

Joanna fitou seu filho demoradamente. Em meio a toda aquela confusão sobreveio-lhe grande sensação de desânimo. No passado, ela se sentira muito feliz pelas ambições juvenis de Semyon, seus desejos de progredir na vida, de deixar o exaustivo trabalho coletivo do campo, e conseguir uma posição administrativa na fazenda. Ele se esforçara bastante, e, quando certo dia chegara em casa ostentando o lenço vermelho, emblema dos Jovens Pioneiros², nem a

²Praticamente, todas as crianças russas pertencem aos Jovens Pioneiros, que é uma agremiação do Partido Comunista que congrega as de 9 a 14 anos, e lhes oferece atividades tais como camping, esportes, música e cultura.

desaprovação geral da família o convenceu a retirá-lo. Ele se tornara o único dos Moiseyev a se afirmar — seguro de si mesmo e confiante no futuro. Mas, testemunhando agora o medo que levava Semyon a implorar como uma criança aterrorizada, Joanna preferiu desviar os olhos. Todas as maravilhosas vantagens da Komsomol³ (Liga Juvenil Comunista) haviam-no reduzido a isto — a uma obediência irrestrita ao partido que lhe ordenava que o auxiliasse a camuflar a violência feita ao próprio irmão.

Os dois homens afastaram-se com o rapaz, atravessando pelo meio do povo em direção à pequena horta — de canteiros de repolho e rosas — que agora se achava meio abandonada. À porta, houve nova agitação, mas depois esta foi fechada suavemente. Vasiliy forçou o pé de cabra, e o ruído da madeira rachando, atraiu novamente a atenção dos presentes para o caixão. O sol da tarde agora incidia sobre ele. Temerosamente, ergueram a tampa.

Os pastores se adiantaram, e olharam o corpo, mas não sem certa hesitação. Ao ver a expressão de horror que cobriu seus rostos, Joanna sentiu o pânico invadir seu coração. Fyodor Gorektoi, um dos mais velhos, encostou a cabeça branca no ataúde, desviando os olhos. Lágrimas escorriam pelo seu rosto sulcado de rugas. Apreensiva, Joanna agarrou a mão de uma das irmãs que lhe estava ao lado. Alguém passou um braço pelo seu ombro e aproximou-a da mesa. Ela ouvia os soluços do marido, mas o som parecia vir de muito longe. Tremendo, ela se acercou do corpo do filho, mas seu coração parecia querer fugir, saltar de dentro do peito, sair da sala, e afastar-se bastante daquela cena que ela não suportaria contemplar.

Forçou-se a baixar a vista para o esquife e fitar o cadáver. Não era Ivan! E continuou a olhá-lo, espanando-se, porém, ao perceber que não sentia alívio no

³O *Komsomol*, que reúne jovens de 15 a 28, prossegue na mesma linha dos Jovens Pioneiros, mas com intensificação do doutrinamento; seus membros devem ser ateus. Ele é a porta de entrada para a filiação plena ao Partido Comunista.

fato. Era um soldado mais velho, de queixo proeminente, e cujo rosto apresentava pisaduras, como se o tivesse ferido numa luta desesperada. A boca estava intumescida, quebrada, naturalmente, a testa e as têmporas exibiam manchas escuras e havia inchaços em alguns pontos. O cabelo negro estava arrumado para trás, como o de seu filho. Seu coração apertou-se estranhamente. Perto dela, alguém deixou escapar um terrível gemido. De repente, seus olhos se turvaram de lágrimas. Era o seu Ivan. Ela tombou ao chão e desatou a chorar.



Espera em Deus, mas esforça-te.

Ivan caminhava por entre os escuros vinhais, sob o céu gelado de novembro, com o coração cheio de louvor a Deus. Os hinos entoados no culto daquela noite ainda ecoavam em sua mente, e ele os repassava, ora cantando ora falando.

“Graças te dou, Senhor, por estes jovens, pelo culto de despedida, pelo pão, as uvas e o mel. Pelo suco de uva fresca, de nossos próprios campos; por Bóris e Vladimir, Luba e Yakov, Victor e Svetlana. Graças te dou, Senhor, pela tua Palavra, pelas mensagens de Stefan e Sasha; pelo aniversário de Elena Kuzminichna que possibilitou a realização desta reunião.”

Da pequena janela da cozinha, Joanna observava o filho que se aproximava pela trilha iluminada de luar.

“Como será sua vida no exército?” perguntou ela mais para si mesma do que para o marido que limpava as botas junto ao aquecedor a gás.

Ele soltou um dos calçados no chão ruidosamente, e endireitou as costas.

“Até aqui nos ajudou o Senhor”, respondeu citando um verso do Velho Testamento.

Vasiliy era uma pessoa que gostava de viver em paz e evitar dificuldades o máximo possível.

“E nós já tivemos dias bem difíceis.”

A mulher concordou com a cabeça, mas continuou voltada para a janela. Ele se referira à época do governo de Stalin. Ouvira certa vez um forasteiro afirmar que cerca de vinte milhões de russos haviam sido mortos naquele período.

Ela tinha certeza de que não podiam ser tantos assim. Joanna suspirou. Não era de seu feitio sentir-se perturbada. Vasiliy fitava-a pensativamente. Ela foi até o fogão e colocou nele uma acha de lenha.

“Tem somente dezoito anos. É crente há apenas dois anos. Vai ser muito duro para ele.”

Seu pano de cabeça escorregou, e ficou para trás, como usavam as meninas. Pegou a caixinha de chá.

“Ele vai querer um chá quente”, disse em voz abafada, embora não sussurrada.

Essa era uma característica particular dos russos, pensou Vasiliy, esse jeito suave de falar. Às vezes, em família, mas principalmente em público e no trabalho, todos falavam suavemente, sem elevar a voz. Como todos os outros, os moldávios também tinham precisado aprender aquele truque.

As cortinas ondularam ligeiramente quando Ivan abriu a porta e entrou, retirando as grossas luvas que protegiam suas mãos avermelhadas.

Pelo sorriso que estampava, Joanna percebeu que passara momentos maravilhosos.

“Muita gente?” indagou tirando a chaleira do fogo.

“Todo mundo. Stefan e Sasha pregaram.”

“Ah! Stefan e Sasha pregaram!”

Semyon surgira à porta, vindo do quarto onde os menores dormiam em catres e sofás. Ele gostava de ver os pais constrangidos. Eles não queriam que Semyon ouvisse suas conversas sobre os crentes. Contudo, fingiam não ligar muito para aquilo, e o rapaz se divertia com o fato.

“Olá, Ivan. Chegando do culto secreto?”

“Hoje é o aniversário de Elena Kuzminichna, Semyon. Você podia ter ido.”

“E o fato de hoje ser o último dia que você passa em casa, antes de seguir para o serviço militar, não teve nada a ver com a reunião? Tenho certeza de que ninguém se lembrou disto.”

“Venha tomar chá, Semyon.”

Joanna colocou as canecas na mesa, ligeiramente irritada. Será que Semyon iria provocar uma discussão no último dia que o irmão passava em casa?

“Pelo menos já se sabe que Stefan pregou. Isto deve ter afastado os olhares das moças do rosto de Ivan Vasilievich por alguns momentos!” riu Semyon, enquanto o outro se ruborizava fortemente.

Joanna sorriu.

“É! Ele vai dar um soldado muito simpático!” Quando é que Semyon iria entender o interesse deles pela pregação da Palavra?

“Ele também dava um motorista bem simpático. Não sei o que seus fregueses vão fazer agora. Já estou até ouvindo as velhinhas reclamando o tempo todo: “Onde está aquele moço, o Ivan?”

“Logo me esquecerão, se você for gentil com elas.” “*Gentil!*” Semyon repetiu a palavra entre dentes. “Um termo que não se encontra no vocabulário bolchevista. Bondade e amor! O amor é apenas uma reação biológica. Todo mundo sabe disto.”

Seus olhos caíram sobre o quadrinho enfeitado com flores, pregado à parede.

“Deus é amor? Como é que um Deus que se supõe ser um espírito pode ter uma reação biológica?”

“Seu amor por mamãe é biológico?” Ivan colocou a caneca vazia sobre a mesa, pensativamente.

“Lógico. É um sentimento de dependência pelo fato de ser ela minha mãe. Com papai dá-se o mesmo.”

“E quando você se casar, não vai amar sua esposa?”

“É o amor mais biológico”, disse com um sorriso de triunfo nos lábios. “No começo será apenas atração sexual; depois, um afeto baseado em compreensão mútua.”

Joanna atçou o fogo tão vigorosamente que pedaços de brasa caíram no borralho. Seu marido começou a limpar a outra bota. Ivan puxou sua cadeira mais para perto do irmão.

“E a Moldávia? E o amor que você tem pela nossa terra, o que é ele?”

Semyon inclinou a cadeira, equilibrando-a nas pernas traseiras, como que em profunda meditação. Depois deixou-a voltar com um movimento resolutivo.

“Só estou querendo dizer que não espere encontrar bondade e amor no Exército Vermelho. A vida lá não é brincadeira. Não me importo se você quer ou não acreditar. Pode ficar aí sentado, sorrindo, mas depois de amanhã você não rirá mais.”

Ivan olhou confiantemente para os pais, e respondeu:

“É lógico que posso rir, Semyon. Não é o governo quem deseja que eu vá para o exército. É Deus quem está-me enviando para lá. E será que ele vai me abandonar agora? Estou certo que não.”

Semyon deu de ombros. “Não adianta discutir. Você está resolvido a se enrascar. Então, boa-noite!”

Apanhou o cobertor e o travesseiro que estavam perto do aquecedor e dirigiu-se à varanda coberta, onde dormia. Ao chegar à porta, voltou-se mais uma vez.

“Não se trata apenas de uma questão de cair no ridículo, este negócio de falar de Deus e orar o tempo todo. É que tais coisas são mesmo proibidas. Mas eu não tenho culpa de você não me acreditar.”

O molejo da cama rangeu, quando ele se deixou cair sentado nela, e começou a retirar as botas. Vasiliy Trofimovich rompeu o silêncio embaraçoso que se seguira; sua voz soou tão baixa que Joanna teve de parar de soprar o fogo, para conseguir ouvi-lo.

“Você deve fazer o que o Senhor lhe ordena, meu filho. Nós sabemos disto. Se o que ele diz é verdade...”, e sua voz foi-se tornando mais fraca até se apagar.

Por um instante, ele fitou as brasas brilhantes do borralho.

“Gostaria de poder ajudá-lo de algum modo”, continuou, com o olhar fixo no rosto de Ivan. “Eu e sua mãe e todos os irmãos continuaremos a orar por você; sabe disso.”

Joanna erguera-se do fogão, e, colocando as cinzas de lado, sentara-se junto ao marido. Em seguida, pegou uma caixinha de costura. Uma corrente de ar entrou pela janela e moveu o cortinado da porta, como se este também desejasse ouvir a conversa entre pai e filho.

Havia em Ivan uma segurança que não parecia normal em um jovem de 18 anos. Joanna vira a mesma determinação nos irmãos que haviam regressado dos campos de trabalhos forçados. Eles tinham enfrentado o que de pior havia no mundo, e chegado à conclusão de que era suportável. Davam a impressão de ainda viver naquela situação. Agiam diferentemente de outros homens. Corria entre eles o pensamento de que o único lugar onde se é livre é a prisão, já que ali tudo o mais está perdido. Estranhamente, Ivan também gozava desta liberdade. Era como se ele nunca pudesse aprender a ser cauteloso, a olhar para os lados antes de dizer qualquer coisa, a examinar todos os que estavam por perto. Mesmo nas igrejas registradas, os crentes ainda tinham muitos temores. Um observador do governo podia relatar que um deles conversara longamente com um visitante. Um pastor podia estar fazendo visitas em demasia. Ou poderia pregar com excesso de entusiasmo; ou esquecer de informar a polícia de alguma irregularidade de um de seus membros. Nas igrejas não registradas, como era o caso da deles, de sua discreção dependia sua segurança pessoal. Mas não para Ivan.

Antes de se inclinar para a frente, a fim de ouvir melhor o que o filho dizia (e ao fazê-lo afastou-se da luz que lhe iluminava o trabalho), ela não pôde resistir ao impulso de olhar apreensivamente em direção ao quarto de Semyon. Ivan, entretanto, tinha no rosto

uma expressão de confiança tranqüila, que ela distinguia, apesar da meia escuridão do aposento.

“Certa vez”, dizia ele baixinho, “sonhei que me achava de guarda sobre um imenso penhasco, juntamente com um anjo. Levantou-se uma grande borrasca no mar. Fiquei aterrorizado, mas vi um navio sossobrando em alto mar. O povo estava-se afogando, e o anjo me ordenou que saltasse na água e os salvasse. Lembro-me de que me lancei no mar e consegui arrastar muitos deles para a terra. As ondas estavam bravias, e depois que puxei a última pessoa, deixei-me cair no chão completamente exausto. O anjo pegou-me e me colocou novamente sobre o rochedo para prosseguir na vigia.”

Joanna gostaria de poder ler os pensamentos do marido. Que é que se podia concluir daquela estranha história? Mas Vasiliy Trofimovich permaneceu em silêncio, com o rosto voltado para o filho, como se este ainda continuasse falando. Então Ivan retomou a palavra:

“Deus me ordenou que fale dele onde quer que eu vá, e nunca me cale. Isto confirma o que os pastores dizem, quando ensinam que devemos sempre testemunhar do amor de Deus, sem temer as conseqüências. Stefan mencionou isto hoje. Disse que temos de pregar o evangelho onde estivermos: na escola, no trabalho, em toda a parte, seguindo o exemplo dos apóstolos e profetas.”

Vasiliy pensou em falar, mas hesitou. Por fim, dirigiu-se ao filho sorrindo levemente. Inclinou-se para ele e o abraçou por longo tempo.

“Então você deve obedecer a Deus, Ivan. Vamos orar por isto.”

Para Vasiliy Trofimovich, aquela foi uma longa noite. Enquanto seus filhos dormiam — Ivan com a mala pronta ao lado da cama — ele se ajoelhou sobre um cobertor, junto ao fogão, e lutou em oração em favor do rapaz.



Não transponha umbral algum, sem Deus.

Já eram quase duas horas da madrugada, e Ivan estava tonto de sono. Em Odessa fazia muito mais frio que na Moldávia. Ainda não havia muita neve no chão, mas a que havia estava endurecida e escorregadia, como constataram os recrutas que, deixando o calor sufocante do interior da carroceria do caminhão, saltavam da viatura militar que os trouxera da estação até ali. E agora, enquanto acompanhavam, aos tropeções, o veículo-escolta que os guiava para o centro de um grupo de construções que se distinguiam em meio às sombras, Ivan tentava entender a confusão de vozes que se faziam ouvir ao seu redor, naquela escuridão.

“Por aqui! Depressa!” — “O comboio chegou com uma hora de atraso. Já estamos esperando há uma hora.” — “Posição de sentido! Que há com vocês, moleirões? Rápido!” — “Como é que vamos fazer a distribuição das camas a uma hora destas? O regulamento diz que as chegadas devem ocorrer apenas até às 22:00 horas.” — “O que vai fazer então? Ficar aqui a noite toda, ao relento?” — “Quem é que vai dar as boas-vindas?” — “Que é de Karetko?” — “Vá alguém chamar Karetko. Diga-lhe que já chegaram.”

Uma figura indistinta, abrigada num amplo sobretudo, a cabeça quase toda envolta por um cachecol, apareceu à porta do edifício, diante do qual toda a

companhia se detivera momentos antes. Falou-lhes por gritos meio sufocados. Por causa do adiantado da hora, grunhiu ele, o discurso de boas-vindas seria breve, e eles poderiam ser dispensados para os alojamentos, que eram aqueles prédios enormes que davam para o largo onde se encontravam. Eles podiam ver, à luz dos refletores, que os prédios tinham cinco andares. Cada andar era constituído de seis dormitórios, cada um acomodando trinta e dois homens, havendo, portanto, um total de 192 soldados em cada pavimento.

No trem, haviam recebido fichas que indicavam o número do alojamento, o andar e o quarto de cada um. Nos dormitórios, os oficiais informariam aos recém-chegados qual era o seu beliche.

O orador parou momentaneamente para pigarrear. Afastou o cachecol da boca e deu uma cusparada na neve.

Às seis horas, seriam despertados por um toque de corneta. Teriam cinco minutos para se levantarem, vestirem-se e fazerem a cama. Depois, então, receberiam instruções quanto ao que se seguiria. Dispensados! E o homem embuçado girou nos calcanhares e desapareceu porta adentro.

Seguiu-se então um imenso rebuliço. Vários oficiais pareceram despertar subitamente — empurrando e gritando, encaminhando os pequenos grupos de soldados em diversas direções. Já dentro dos alojamentos, os exaustos recrutas viram-se andando por entre fileiras de beliches, iluminados por lâmpadas pendentes do teto. Apressados pelos berros dos oficiais, eles procuravam o número correspondente ao que constava de suas amarfanhadas papeletas, como retardatários que chegam a um teatro depois de iniciado o primeiro ato.

Sotaques desconhecidos para Ivan enchiam o quarto — lituanos tentando se expressar em um russo mal falado, bielorrussos, o famoso cantado moscovita confundindo-se com a fala lenta e suave dos nortistas — e aquela constante sensação de extrema fadiga que

emprestava àquela mistura de leitões, braços, pernas, risos e palavras uma aura de irreabilidade.

Pela manhã, caía uma neve fina. Quando Bóris Yakovlevich Frolov ergueu a corneta para o toque de alvorada, os flocos caíam em seu rosto e no instrumento. Num gesto decidido, voltou-o na direção do terceiro andar do alojamento, para onde sabia que os novos recrutas haviam sido conduzidos na noite anterior. Nunca é cedo demais para se entrar em contato com as durezas da vida militar. Inalando profundamente o ar gelado da manhã, ele tocou.

Conhecia muito bem a cena que estaria se desenrolando naqueles dormitórios: a corrida para se vestir, evitando o atraso que lhes acarretaria a distinção de ser tachado de molenga ou poltrão. A estranheza dos uniformes novos começaria a seguir; os olhares de apreciação mútua; a caminhada até o refeitório para o desjejum de peixe e chá. Iniciava-se o primeiro dia de correria — da instrução para as salas de aula, para as palestras de orientação, dali para as refeições, e para a ginástica. Novo toque, agora na direção oposta. Para ele restavam apenas onze meses. Podia se alegrar com isto. Seus companheiros de pelotão já estavam deixando o alojamento, sem camisa, prontos para a corrida matinal. Tinham que fazer um percurso de quinze quilômetros antes do café.

Bóris Yakovlevich abaixou a corneta, e marchou, em passos lentos para seu quarto. Talvez hoje, durante os treinamentos de tiro, ele conseguisse surrupiar uma bala para dar cabo de si mesmo. Esta tentação vinha rondando seu pensamento havia já algum tempo.

O mais importante agora, pensava Ivan ao se encaminhar para o refeitório, é procurar um lugar para orar. O grande número de soldados, o barulho dos alojamentos, a impossibilidade de ficar a sós, começavam a incomodá-lo. Até mesmo os choupos desfolhados por que passava agora pareciam mais

achegados uns aos outros, como se o fato de estarem sozinhos os fizesse incorrer em suspeita.

O cheiro do peixe preparado permeava o amplo salão de refeições da cantina, quando Ivan entrou em fila junto ao balcão das canecas de chá que desprendiam um convidativo vapor em contraste com o frio da manhã. Em casa, nesta hora, ele estaria orando. Ali sempre fora fácil observar seus momentos devocionais, mesmo na época em que estava aprendendo a dirigir, e tinha os dias cheios. Às vezes, orava antes de pegar o trem para a cidade. Num dia de inverno como o de hoje, oraria junto ao fogão da cozinha, próximo à cama dos irmãos menores que ali dormiam para aproveitar o calor. Gostava de orar naquele canto, ouvindo a respiração regular dos outros, que a variação de volume em sua voz não perturbava.

Talvez após o desjejum pudesse procurar um lugar tranqüilo. Os pratos de peixe já estavam vazios, mas os trinta soldados que ocupavam a mesa ainda não estavam satisfeitos e as travessas de pão preto foram sendo passadas de um lado para outro até se esvaziarem de todo. Um ordenança movia-se por entre as fileiras de mesas com um enorme bule de chá e ia derramando o líquido quente nas canecas que lhe eram estendidas.

A sensação de solidão dava-lhe um aperto na garganta. Naturalmente a vida ali seria como ele já supusera, mas talvez não tivesse calculado bem a imensidade da missão que se achava diante dele. Cada pessoa parecia envolvida em um mundo particular todo seu, sorvendo os últimos goles de chá, limpando o prato com um pedaço de pão amassado, e depois passando a perna por cima do banco para se retirar, equilibrando prato e caneca numa das mãos, correndo para a porta, detendo-se aqui e ali para uma palavra rápida com um amigo que conhecera no trem. Fileiras de soldados se postavam perto da saída, enquanto outros passavam por eles e iam de encontro ao ar gelado daquela manhã de novembro. “Confessa-me diante dos homens e eu o reconhecerei diante dos

anhos de Deus.” Não havia dúvidas de que era a mesma Voz que lhe falara ao espírito tantas vezes. Ivan depositou faca e garfo dentro da caneca, e os três no prato, e transpôs o banco, dirigindo-se para a porta com os outros. A primeira coisa a fazer era procurar um recanto para orar.

O Sargento Strelkov tinha o rosto comprido e encovado, que ele conseguia encovar ainda mais, quando irritado. Havia duas semanas estava empenhado na preparação de um novo pelotão de recrutas; duas semanas ouvindo as mesmas perguntas, aturando as interrupções e desordens que tanto detestava. Um torrão de lama congelada apegara-se à sua bota, e ele fez um gesto impaciente para despregá-lo. Este novo grupo era fraquíssimo. Apertando os olhos, dirigiu o olhar para o ponto do bando em formação onde um lugar vago denotava a ausência de um soldado. Um movimento na periferia do campo de treinamento chamou sua atenção. O retardatário chegava numa corrida desesperada. Ficou a observá-lo impassivelmente. Era Moiseyev.

Arfando pelo esforço feito, ele ocupou seu lugar na fila. Nenhum soldado se moveu, nem mesmo para uma olhada rápida com o canto do olho. Strelkov sentia-se gratificado. Talvez ali estivesse a oportunidade de dar uma lição ao grupo todo.

“Explique a razão de seu atraso, Camarada Soldado Moiseyev.”

A conduta disciplinada de Strelkov era uma testemunha muda de que ele próprio nunca se atrasara.

Com o peito descoberto ainda ofegante pela longa corrida através dos campos, Ivan ergueu apreensivamente os olhos para a figura ereta do sargento, procurando controlar a respiração. Uma tensão parecia formar-se no grupo, enquanto Strelkov aguardava a resposta à sua pergunta.

“Sinto muito, sargento. Estava orando.”

Strelkov fixou o olhar nele. Não havia o mínimo sinal de brincadeira na expressão séria do rapaz. Um

dos soldados em fila tossiu. O sargento correu o olhar pelo grupo imóvel. Será que pensavam que ele não percebia que estavam a ponto de estourar de rir?

Mas ele já estava no exército tempo suficiente para saber o que fazer em caso de irregularidades.

“Siga com o treinamento normal, Moiseyev; quando terminar, apresente-se a mim.”

E dando um passo para trás, deu suas ordens ao pelotão, e os homens se espalharam pelo campo, cada um para seu setor de treinamento. No instante seguinte, a área regurgitava de soldados saltando, correndo, ou executando exercícios de ginástica.

Ivan lançou-se imediatamente aos exercícios calistênicos, desejando ardentemente apagar a vergonha de ter chegado atrasado, e que prejudicaria a dádiva que o Senhor lhe dera. Como se sentira feliz ao descobrir aquele gabinete onde podia orar. A velha que o arrumava assegurara-lhe que só seria utilizado depois das 10:00 da manhã, e que era ela própria quem o abria às 5:00 para prepará-lo. Desde então, ele se entregava ao louvor todas as manhãs, gozando da quietude do aposento, que enchia sua alma. Havia ali uma cadeira de couro, e ele apoiava os braços nela ao se ajoelhar, o encosto protegendo-o do frio que entrava pela vidraça rachada.

Mas esquecer a hora! Chegar atrasado para o início da instrução!

Ao ouvir Strelkov chamá-lo novamente, reviveu a sensação de vergonha de momentos antes.

O sargento pertencia a uma terceira geração de ateus. Seu avô fora um dos primeiros bolchevistas; aspirante da marinha e tripulante do couraçado *Aurora*. Lutara nas ruas de Leningrado por ocasião da revolução. Seu pai fora oficial durante a grande guerra patriótica, e participara do cerco daquela cidade, vindo a falecer nos últimos dias dele, em consequência de ferimentos e da carência de alimentação. Seu cartão de filiação ao Partido Comunista fora encontrado em seu bolso. Presentemente, Strelkov trazia-o junto ao seu, na carteira.

Ele se sentia perturbado com a presença do que denominavam “burguesia”, no exército. Esfregou as luvas, uma contra a outra, e começou a caminhar, dando a entender a Ivan, com um movimento de cabeça, que o acompanhasse.

“Que negócio é este de oração, Moiseyev? Você estava brincando?”

“Não, sargento.”

“Então, o que há com você?”

“Nada; estou bem.”

“É ortodoxo? Filiado à igreja?”

Estrelkov procurava se lembrar se aquele dia era um dos santificados pela Igreja Ortodoxa. De vez em quando, ocorriam incidentes desagradáveis nos feriados religiosos.

“Não, sargento; batista.”

Então era pior. Os batistas¹ eram imprevisíveis e teimosos. Strelkov já participara da direção de seminários anti-religiosos em comunidades rurais, quando de suas atividades no Komsomol. Estes batistas compareciam, é certo, mas sempre tinham respostas longas e elaboradas para rebater os argumentos, e dificilmente eram derrotados.

“Isto não é permitido aqui, Moiseyev. Orar. Religião. No Exército Vermelho, isto não dá. Já é bastante indesejável encontrarem-se remanescentes de sentimentos religiosos em outras partes da União Soviética, quanto mais em um jovem soldado em serviço nas forças armadas da URSS. Você terá que se modificar.”

Ivan seguia-o em silêncio, indagando-se mentalmente se o sargento esperava alguma resposta.

¹Na Rússia, a palavra *batista* é um termo geral que designa todos os protestantes, e a expressão *filiado à igreja* diz respeito a membros da Igreja Ortodoxa Russa. Os protestantes se dividem em dois grupos. Um é registrado junto ao governo. É o Concílio da União dos Cristãos Evangélicos Batistas. Outro, não registrado, é considerado ilegal: o Concílio das Igrejas Cristãs Evangélicas Batistas. A congregação que a família Moiseyev frequenta pertence a este último.

“Estou certo de que depois que arranjar alguns amigos aqui e começar a apreciar um pouco mais a vida militar, você compreenderá a insensatez de tais idéias. Só depois que a Rússia quebrou as cadeias do czarismo e da igreja, foi que ela pôde se tornar um país realmente forte. O mesmo deve acontecer a cada pessoa.”

Apesar de agasalhado com um sobretudo, o sargento começava a sentir frio. Desejou estar dentro do prédio, sentado à sua escrivaninha. Deu uma olhada na direção do rapaz. Sua pele brilhava pelo frio.

Batendo com os pés na neve para se aquecer, Strelkov ficou a observar Ivan que atravessava o campo, correndo para sua unidade. Apesar de protegido pelas botas forradas de feltro que lhe chegavam aos joelhos, seus pés estavam enregelados. E ele perdera a hora do chá. Todavia, estava satisfeito com a conversa. Todos os outros soldados tinham ouvido Moiseyev afirmar que estivera orando. O oficial político tinha que ser notificado da ocorrência.

O gabinete do Polit-ruk² estava parcamente iluminado. A fraca luz do sol de inverno que entrava pela janela era parcialmente bloqueada pelas desgraciosas cortinas verdes que cobriam a vidraça suja. O oficial encarregado era o Capitão Bóris Zalivako, uma fortaleza de homem, baixo, mas de compleição robusta, e uma fisionomia inexcrutável, de sobrancelhas espessas. Uma mera questão de pontualidade não lhe interessava em absoluto, mas o restante do relato de Strelkov — se é que não se tratava de uma piada de mau gosto por parte de Moiseyev — este sim.

Enquanto aguardava a chegada do rapaz, Strelkov começou a ter dúvidas quanto à sensatez de seu ato. Talvez não devesse ter levado Moiseyev tão a sério. Teria sido melhor se nem tivesse conversado com ele. Fizera-o, porém, com a intenção de ajudá-lo, de

²Polit-ruk — sigla que designa Politicheskoye-Rukovodstvo (Comitê de diretiva política).

orientá-lo. Mas poderia ser também que o soldado estivesse tentando zombar dele. Se fosse isso, os outros poderiam confirmar que ele declarara ter estado orando; nunca poderia negá-lo. Quantos teriam ouvido aquela afirmação? Procurou lembrar-se de quem eram os que estavam mais próximos, e que poderiam tê-lo ouvido.

O Capitão Zalivako voltou vagarosamente os olhos para Moiseyev que se postara à sua frente, em posição de sentido. Seu quepe estava na posição certa; ele fizera a continência também correta e respeitosamente. O interesse do oficial aumentou ligeiramente ao perceber a tranqüilidade com que o moço respondeu ao seu olhar examinador. Tinha boa dose de autoconfiança, sem contudo apresentar o menor traço de insolência.

Zalivako fez-lhe um gesto indicando que podia se assentar.

“Você não me parece o tipo de soldado que se atrasa. Que é que o impede de chegar à hora, juntamente com seus colegas de pelotão?”

“Sinto muito ter-me atrasado, camarada capitão. Prometo-lhe que isto não se repetirá.”

“Não respondeu à minha pergunta. Que explicação você dá para o seu atraso?” perguntou com voz ligeiramente irritada.

Zalivako detestava evasivas.

“Estava orando, capitão.”

A frase ficou suspensa no ar, quase tangível, pela sua estranheza. Strelkov suspirou de alívio. Convenia-se afinal de que agira corretamente ao denunciar Moiseyev. Era do conhecimento de todos que a religião constituía uma ameaça aos atuais padrões de vida da União Soviética, mesmo que ela se manifestasse sob as formas mais desprezíveis possíveis. O próprio Lenine declarara que o objetivo supremo do Partido Comunista era libertar as massas operárias da idéia de religião. Strelkov endireitou-se, recobrando a confiança. O capitão tamborilou os dedos na mesa.

“A quem você orava?”

“A Deus, capitão, o criador do universo, que ama a todos os homens.”

“A Deus”, repetiu Zalivako fechando os olhos e dando um profundo suspiro. “Já foi provado cientificamente que Deus não existe. Os cientistas soviéticos estudaram esta questão exaustivamente e confirmaram a tese do comunismo científico de que Deus não existe. A idéia de Deus foi inventada pelo homem primitivo para explicar algumas situações que ele não conseguia compreender.”

“Isto é o que dizem os ateus, capitão.”

“Esta é a teoria correta e a posição adotada pelo governo comunista, pela Academia de Ciências, e todas as grandes instituições soviéticas, incluindo nosso Departamento de Defesa. E esta é a opinião dos povos soviéticos.”

“Camarada dirigente político, sei que o ateísmo é a linha de pensamento oficial da nação. Mas a Bíblia ensina que Deus criou o homem, após haver criado o universo. Nisto consiste a fé cristã.”

Zalivako, que estivera fazendo anotações na ficha de relatório, parou um instante.

“Você possui uma Bíblia?”

“Não, senhor.”

“A Bíblia é um livro indesejável na União Soviética. Está repleta de erros científicos. Ela estimula a passividade e a subserviência. É proscrito no exército. Não sei como é que alguém ainda deseja ler tal livro.”

“Ele transforma a vida, capitão.”

“O exército é que transforma vidas, Moiseyev, e modifica as opiniões também. Talvez você precise de uma explicação mais detalhada para compreender isto. Trata-se de uma realidade mais profunda do que tudo que a Bíblia ensina.”

“Estou pronto a servir o exército da melhor forma possível.”

Zalivako começou a impacientar-se. Era difícil lidar com recrutas que tinham idéias religiosas. Estes crentes eram enganosos. Aparentavam ser bons cidadãos, calmos, pacíficos, pessoas inofensivas. E depois,

acobertados por esta capa de virtudes, espalhavam seus falsos ensinosa.

“Alegro-me de ouvi-lo dizer isto, Moiseyev. Esta declaração significa que está disposto a abandonar suas idéias subversivas a respeito de Deus, dedicar-se completamente ao programa de treinamento que está planejado para torná-lo um bom soldado soviético, de inquestionável lealdade para com o Estado. Congratulo-me com você.”

Strelkov fitou o Capitão Zalivako com grande admiração. O Polit-ruk sabia manobrar bem os homens, mas ele continuava a ignorar a expressão de atônito espanto do rosto do soldado.

“Pretendo interessar-me pessoalmente pelo seu desenvolvimento político, e pela sua participação em todas as atividades políticas e militares requeridas.”

A seguir, colocou-se de pé, ainda examinando detidamente o soldado, e aguardando sua resposta. Seria uma rematada tolice da parte dele se não aceitasse a saída que lhe era oferecida; mas os crentes eram todos muito insensatos. Começou a desejar que Moiseyev falasse melhor o russo. Era cansativo acompanhar sua linguagem gaguejante.

“Tenho prazer, como cidadão soviético, de servir à causa do socialismo da melhor maneira que puder. Mas sou cidadão de outro reino também — do Reino de Deus. Este reino nunca poderá representar uma ameaça à segurança do Estado soviético porque ele se situa no coração de cada crente, e a lei deste reino é a lei do amor. Não posso renunciar à minha cidadania neste reino, nem à minha lealdade ao Rei, que é Deus. Ele está estabelecendo seu reino em toda a parte, até mesmo na União Soviética. É um reino de perdão e amor.”

“Nós já derrotamos outros reinos, Moiseyev”, respondeu o capitão com voz trêmula, “e outros reis. Talvez você tenha se esquecido disto. Só temos lugar neste país para quem for leal ao Estado soviético, e a ninguém mais.”

Strelkov estava um pouco decepcionado. Tivera esperanças de presenciar uma demonstração de como tais questões podiam ser resolvidas de modo cabal e rápido, e parecia-lhe inadmissível que um jovem soviético pudesse estar assim tão contaminado pelo veneno da religião.

Mas o capitão ainda não terminara.

“É evidente que você tem resistido ao doutrinação, Moiseyev, e rejeitado as orientações de seus superiores. Isto me preocupa. Você precisa de uma lição. Já que gosta de orar de joelhos, vou dar-lhe uma oportunidade de fazer um serviço mais construtivo nesta posição. Irá lavar o salão de conferências do alojamento e todos os seus corredores, de joelhos, com um balde e um esfregão. Vai trabalhar a noite toda. Talvez um exercício desta natureza, diante de seus camaradas, poderá persuadi-lo a se tornar um pouco mais maleável. Você vai ter tempo para decidir se quer mesmo manter suas idéias anti-soviéticas. Dispensado.”

Strelkov tomou posição de sentido, fazendo continência ao capitão. A questão atingira uma conclusão satisfatória. Uma sensação de alívio uniu por um momento os dois homens, enquanto o soldado também executava a saudação militar e deixava o gabinete.

Aquela tarefa degradante ensinaria a Moiseyev, para que é que os joelhos serviam.

Antes que o pálido sol de dezembro chegasse ao meio do céu gelado, a notícia de que havia um crente naquele pelotão corraera toda a companhia. Passada de um para outro, a história despertava risinhos irônicos dos que a ouviam, uns abanando a cabeça, admirados, outros dando de ombros. Logo após a primeira, seguiu-se a segunda notícia — o Polit-ruk pusera Moiseyev a lavar o assoalho do salão do alojamento com um esfregão manual e um balde. E o jovem parecia incrivelmente bem disposto, cantando e rindo, enquanto trabalhava, apesar das inúmeras interrupções que sofria por parte dos oficiais que o

chamavam a seus gabinetes para passar-lhe repreensões. À hora do almoço, os soldados que atravessavam o hall, de passagem para o refeitório, olhavam-no com espanto, ao ouvir os hinos que entoava suavemente com evidente contentamento. Ele era um mistério.



Que código de leis é mais claro para o homem, que o que está gravado em seu coração? (Tolstoy.)

Kertch, a bela cidade portuária do istmo que penetra pelo mar Negro, apresentava-se diante dos olhos de um jovem soldado pouco viajado, como um lugar de inúmeros atrativos. Ivan firmava a vista procurando enxergar tudo, de cima da carroceria do caminhão de transporte, que sacolejava cidade adentro. À distância, divisavam-se as chaminés das usinas de ferro e aço. Mais perto, o forte odor da maresia e os piados das gaivotas, como que avivavam seu entusiasmo pela paisagem. A cidade era bem antiga, haviam-lhe informado numa palestra que precedeu a viagem. Fora fundada no Século VI da era cristã, pelos gregos, que a chamavam Panticapaeum. Digna de ser notada era a colina mais elevada da cidade, Mithradates. Nela se encontravam as ruínas gregas de uma acrópole.

Esta acrópole, dissera o oficial aos soldados, fora a sede do parlamento grego. Seria interessante que eles observassem que ali em Kertch as gloriosas tradições soviéticas da dignidade e liberdade humanas eram manifestadas à sombra da própria acrópole grega.

Tudo aquilo estava certo, pensaria Ivan depois, mas foi realmente no quartel de Kertch que suas provações começaram a se intensificar.

Nos primeiros dias, ele pôde ficar mais ou menos livre, como os outros soldados, que circulavam de um lado para o outro, conversando tranqüilamente, malas estufadas com papéis e livros. Sentia-se reconfortado e bem disposto. Várias vezes, durante os treinamentos físicos, nas palestras, nos treinos táticos, ele orava: "Senhor, concede que eu possa fazer tudo da melhor forma possível; dá que eu seja um bom soldado para a tua glória."

Ele acalentara esperanças de que, com sua saída de Odessa, os interrogatórios cessassem, e ficou tão satisfeito de deixar o lugar, quanto Zalivako de vê-lo ir-se. Contudo, este enviara um relatório completo para o Polit-ruk de Kertch, cientificando-o da existência de um crente no Pelotão 61968T. O soldado Moiseyev admitia abertamente que orava, que era batista e que iria assistir a cultos evangélicos, se tivesse oportunidade. Ele resistira firmemente aos seus esforços de doutrinação, e se recusara a manter silêncio a respeito de sua crença.

Mal haviam se passado duas semanas, e ao gabinete do Polit-ruk de Kertch começaram a chegar notícias de discussões nos alojamentos. O item n.º 5 dos Decretos de Lenine concedia permissão aos membros de seitas religiosas para celebrarem livremente seus ritos, mas não para promover a religião, o que seria um atentado contra a liberdade de outros cidadãos. Por que Moiseyev não se compenetrava disto? Ele tentou explicar ao oficial político que seus colegas de pelotão muitas vezes lhe indagavam acerca de Cristo. E se eles desejavam conhecer a salvação, qual era a lei que o proibia de responder às suas perguntas? Como poderia ele negar-se a isto? Todos os crentes devem ser testemunhas.

E mesmo que não houvesse a ordem de Cristo para que falassem de seu amor, era impossível reprimir o gozo que se desprendia do coração de Ivan a cada passo. Uma folha de árvore que caísse daquele céu gelado, era um toque da mão de Deus. A recordação momentânea de um verso bíblico, era a voz divina. As

rajadas de vento falavam do poder do Senhor; a lua, da sua beleza; a energia que permeava seu corpo era a vitalidade de Deus circulando nele.

O sub-oficial político, o Capitão Yarmak, era jovem e impaciente. Estava ansiando por encontrar uma situação difícil que o ajudasse a alçar posições mais elevadas na estrutura partidária. Moiseyev era problemático? Tanto melhor. O sucesso que obtivesse ao lidar com ele redundaria em méritos dobrados, em sua folha de serviços. E Yarmak sempre levava a sério suas responsabilidades. Todos os mil e cem soldados aquartelados em Kertch, sem excessão, deveriam ser levados a dedicar-se ao partido e às doutrinas do ateísmo científico de corpo e alma. Somente então as autoridades militares poderiam estar certas da obediência total e imediata de cada homem do exército soviético. E no momento em que Moiseyev foi trazido à sua presença, ergueu os olhos e encarou-o resolutamente. Fitou-o por alguns instantes, antes de começar a falar, procurando ajustar sua expressão fisionômica à aspereza de seu tom de voz.

“Já esteve doente, Moiseyev?”

Sentiu-se gratificado ao perceber a surpresa do outro.

“Não, capitão; nem sei como é um hospital por dentro.”

Yarmak cruzou os braços num gesto dramático. Os botões de latão do punho da farda rebrilhavam à luz ambiente e ele sentiu-se satisfeito. O sucesso no doutrinamento político de uma pessoa, muitas vezes, era apenas uma questão de ofensiva de choque.

“Ótimo. Nestes próximos dias você vai precisar de uma constituição bem forte, ou então de uma mudança de atitude, o que parece improvável.”

Fez uma pausa para causar efeito.

“Em Odessa, você deu demonstrações de uma atitude incorreta e rebelde. Já se fizeram tentativas de persuadi-lo a abandonar suas idéias anti-soviéticas e cultivar sentimentos políticos e militares, mas você se

recusa. Enquanto não concordar em se submeter ao comando deste quartel, e em obedecer as ordens que lhe são dadas, ficará preso, sem direito à alimentação. Está dispensado.”

O aposento ao qual Ivan foi conduzido não era uma cela, mas uma sala de detenção usada pelos oficiais para este fim e para interrogatórios. Era provido de um pequeno catre, com o cobertor de cor cinza do exército, uma mesa, três cadeiras, e uma estante com alguns livretes de orientação militar. Em um dos cantos havia uma torneira e um vaso sanitário imundo. Possuía uma janela grande guarnecida de barras de ferro, e uma porta de folha dupla, com fechadura de duas voltas. Era banhado pela luz pálida do entardecer, e estava bastante frio.

Para o rapaz, no entanto, era um santuário. Afundou-se na cama com um profundo sentimento de satisfação, enquanto à sua mente voltavam as expressões encolerizadas dos oficiais de Odessa e de Kertch, para depois esvaírem-se lentamente, como se fossem cenas de um confuso filme militar. Que bom poder dormir e depois acordar para orar!

Anteriormente, o Senhor já o chamara a observar muitos períodos de jejum e oração. Agora ele sorria ante a ironia da situação. Em tais ocasiões, ele se sentia grandemente fortalecido e reconfortado. O Capitão Yarmak não poderia ter lhe dado melhor sorte. Cheio de gratidão, Ivan voltou sua atenção para Deus, a fim de buscá-lo em oração. O tempo que passaria em jejum era deliberação do Senhor, e não de Yarmak.

Na noite seguinte, foi despertado pelo ruído de uma batida rítmica, que soava à distância. Procurava descobrir o que seria aquilo, quando uma chave girou na fechadura. A luz amarelada invadiu o quarto. Um oficial desconhecido achava-se à porta. E sem acender a lâmpada do aposento, dirigiu-lhe a palavra na escuridão do ambiente.

“Sua presença é solicitada na sala de reuniões, no fim do corredor. Venha imediatamente.” E o barulho

das botas foi desaparecendo na longa passagem.

Ao dar com o grupo de altos oficiais que o esperavam para interrogá-lo, Ivan esforçou-se para afastar o sono. Fixou os olhos no relógio elétrico da parede: 2:15 da manhã. Quase todos eles estavam recostados informalmente nas cadeiras, fumando e bebericando chá quente, soltando fumaça. De vez em quando, um deles fazia uma pergunta, em voz tranqüila e aguardava a resposta. Outras vezes, vários deles lhe atiravam acusações numa sucessão rápida de berros.

Estava doente? Será que já resolvera mudar de atitude? Suas idéias eram imperialistas, remanescentes do czarismo e do capitalismo. Tais conceitos não seriam tolerados no Exército Vermelho. Não pensasse ele que estava sofrendo pela sua fé. Estava, isto sim, sendo castigado por tentar evadir às suas obrigações militares. Até quando iria fugir às suas responsabilidades para com seus camaradas e para com o Estado? Supondo-se que Deus existisse mesmo, será que ele criaria um espaço pequeno demais para si mesmo? Por que ele, Ivan, deixava de alimentar-se? Estava suscitando dúvidas quanto ao seu equilíbrio mental. Será que não compreendia que uma rejeição dos princípios marxistas implicava na rejeição do ideal soviético? Deus é um mito criado pelos homens para explicar fomes, doenças e outras condições para as quais eles não encontram explicação. Agora, não havia mais necessidade de Deus. Ele era um empecilho ao progresso do cidadão socialista livre. As pessoas que divulgavam tais idéias se declaravam inimigas do Estado.

Durante todo o tempo do jejum, Ivan era chamado para interrogatórios, às vezes à noite perante vários oficiais, às vezes perante oficiais políticos, e em uma ou duas ocasiões, perante um oficial apenas, que começava a argüi-lo de modo paternal, mas logo passava a dirigir-lhe insultos aos gritos.

Esta prova durou cinco dias. Na manhã do último dia, um velho aparelho de raios-X foi trazido até o

aposento em meio a um tumulto de vozes e de tilintar de metal. Ivan ouvia a discussão acerca do tamanho da máquina, e escutava os homens se indagando se passaria pela porta. Por fim decidiu-se levar o rapaz ao corredor para se fazer uma chapa de seu tubo digestivo. O técnico, um judeu originário da Estônia de nome Myakaev, estava fervendo de indignação. Percebia que não se tratava de um caso clínico. Obrigá-lo a sair com aquele frio, de lá do hospital, e ainda esperar que o aparelho funcionasse depois de sacolejado por aquelas rampas e calçadas de pavimento quebrado, era um crime de negligência contra a propriedade do Estado.

Mais tarde, o Capitão Yarmak entrou no quarto tendo nas mãos a chapa e a ficha de registros. Sentou-se calmamente em uma cadeira e fitou Ivan fixamente, e, como se a pergunta não tivesse sido formulada centenas de vezes, indagou:

“E então, Moiseyev, mudou de idéia? Já passou cinco dias sem alimento.”

O oficial parecia muito distante da cama, e muito pequeno. Ivan estava sonolento, mas tentou concentrar-se na pergunta feita e na resposta que daria.

“Uma noite destas eu estava orando, capitão”, começou ele. “Estava sentindo muito frio e sono, pois fora despertado duas vezes para ser interrogado. Mas fiquei acordado orando a Deus, em favor de minha família e amigos e em seu favor também, Capitão Yarmak.”

O oficial levantou-se impacientemente, e passou a fitar, por entre as barras de ferro, a neve que caía lá fora.

“Eu não estava realmente cômico da fome, mas tinha muito sono e frio. Enquanto orava, Deus me tocou de modo maravilhoso. Senti-me aquecido e alimentado, como se tivesse saboreado um farto e delicioso jantar. Pouco depois, adormeci. Quando acordei, já era dia, e a luz do sol entrava pela janela. Um pássaro cantava no parapeito. Há um verso das Escrituras que diz: “Invoca-me no dia da angústia, eu

te livrarei e tu me glorificarás.” É por causa do auxílio divino que não estou com fome nem doente. Como, então, poderia eu “mudar de idéia”? O senhor pode olhar para mim, e verificar por si mesmo o que ele me tem feito.”

Yarmak fitava os flocos de neve, que rodopiavam lá fora, mas sua mente fervilhava de ódio. Sendo líder político, sua posição dependia enormemente do sucesso que obtivesse na solução de casos como o de Moiseyev. Ele já recebera um memorando do Coronel Malsin dizendo: “Deixe Moiseyev alimentar-se; não quero levar a culpa, se ele morrer de inanição como resultado destas ordens suas.” Com fria solenidade, Yarmak deixou o quarto.

Foi durante a longa corrida matinal que Ivan conheceu Sergei. Uma névoa densa, vinda do mar, cobrira a região, dificultando-lhes a visibilidade, impedindo que distinguissem bem as árvores que serviam de marco para o treinamento. O percurso era aumentado a cada dia, forçando os soldados a irem além dos seus limites de resistência. (O percurso máximo, para esta corrida antes da primeira refeição, seria de quinze quilômetros.) Era uma tarefa agonizante, através de campinas de terra endurecida pelo gelo, descendo barrancos e saltando fossos meio escondidos pela cerração. Era como se a própria natureza estivesse gemendo pelo esforço, e o batido rítmico dos pés invisíveis fosse uma dolorosa pulsação cardíaca ecoando sob a crosta de neve congelada.

Ivan estava retardando o passo, procurando dosar melhor suas energias, esforçando-se para ignorar a terrível sede que lhe comprimia a garganta. Aos poucos, foi tomando consciência da presença de um soldado de outro pelotão que estava-se emparelhando com ele. De repente, o outro gritou-lhe em voz rouca: “Ele vive!”

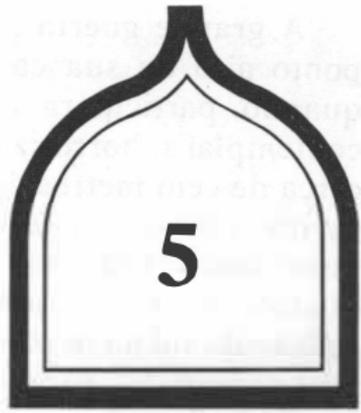
O que dissera ele? Ivan tentou adivinhar a frase pelo ritmo dos sons. Talvez houvesse dito: “Que neblina!”

Uma brisa leve dispersava a névoa. Ivan virou-se para olhar o rosto do companheiro. Estava pálido pela exaustão, mas abria-se num meio sorriso. Novamente, ele falou: “Eu disse: Ele vive”, irmão. “E-le vi-ve!”

Foi como se a terra tivesse se inclinado, e ele estivesse numa descida, tal a alegria que sentiu. Com um grito que era quase um brado de vitória, respondeu à velha saudação da páscoa. “Ele vive, realmente, aleluia!” O abraço fraterno teria que ser deixado para depois.

O lugar escolhido para se encontrarem foi uma das garagens onde se guardavam os veículos do exército, e que ficava ao lado do portão de entrada do quartel. Era uma construção velha, que antes fora utilizada como estábulo. Anteriormente, porém, e durante a guerra, fora um alojamento. Suas paredes espessas constituíam um excelente abrigo contra o frio, e as largas áreas de estacionamento faziam dela um lugar ideal para se caminhar a sós e orar. Às vezes, um ou outro soldado se dirigia para lá a fim de fumar abrigado do vento, mas geralmente Ivan e Sergei podiam conversar ali alguns minutos sem serem incomodados.

Estes encontros não eram muito freqüentes devido aos rígidos horários da vida militar. Mas só o fato de conhecer Sergei já foi um conforto para ele. Saber da existência de um irmão no quartel, levou Ivan a, inconscientemente, formar a idéia de que no fim tudo daria certo. Portanto, foi um choque para ele receber uma notificação, exigindo seu comparecimento perante o Major Alexander Petrovich Gidenko, do Polit-ruk.



Os santos não dormem em camas macias.

O Major Gidenko era um homem grandalhão, de feições leoninas, e um porte militar que realçava sua estatura. Quando jovem, ele se sobressaíra nas competições esportivas, e as medalhas e prêmios que conquistara fizeram-no grandemente admirado entre professores e colegas. Os fados lhe tinham sido favoráveis, e o fato de ter nascido no ano da Revolução Russa dava-lhe um forte sentimento de bons augúrios, que muito o sustentaram durante os anos difíceis de seu curso na universidade. Depois de graduar-se na escola superior, fizera do exército toda a sua vida. Como chefe do Comitê de Diretiva Política de Kertch, ele se propusera firmemente a resolver o problema de Moiseyev antes que o comissário do Polit-ruk precisasse interferir no caso.

Gidenko suspirou. Estava nas forças armadas havia trinta e dois anos, e já lidara com todo tipo de gente, mas nunca conseguira compreender os fanáticos religiosos. Para ele, tais pessoas eram simplesmente criaturas timoratas, vivendo à margem da realidade soviética. Por que não desistiam de vez de suas práticas estranhas e se integravam totalmente à vida do Estado, contribuindo com seus esforços para o desenvolvimento da nação e colhendo os benefícios decorrentes?

A grande guerra patriótica tinha representado o ponto alto de sua carreira. Era um jovem soldado quando participara da batalha de Stalingrado, e contemplara, horrorizado, os armamentos fascistas a cerca de cem metros de distância. De repente, a idéia de que não sobreviveria à luta tomou conta dele. As atrocidades nazistas que testemunhara tinham-no abalado muito, enfraquecendo seu desejo de viver. O reflexo do sol na neve alva e nos uniformes brancos de seus camaradas parecia a ponto de cegá-lo. Sob fogo cerrado, ele correu até a sede do Partido Comunista, que funcionava em um canto de uma fábrica bombardeada, e se inscreveu. Saiu dali para a batalha já de posse de seu cartão de inscrição. O fato de não ter perecido na guerra só veio reforçar ainda mais seu sentimento de que lhe estava reservado um grande futuro. Nascera para servir à Rússia, e para isso vivia.

Era-lhe totalmente impossível compreender como as pessoas podiam agarrar-se à idéia de Deus. Talvez os velhos fossem muito temerosos para se modificarem, mas como um jovem podia levar a sério tal credence, mesmo em suas formas mais inofensivas? Moiseyev fora educado em escolas socialistas. Naturalmente ouvira falar das baixezas da religião, da influência negativa que o cristianismo tivera sobre o país, com seus sacerdotes corruptos e seus afiliados que eram senhores feudais.

Um vento frio soprou sobre os campos cobertos de neve que se estendiam por quilômetros de distância. Gidenko suspirou novamente.

Ele já lidara com crentes antes. A experiência lhe ensinara que obter sucesso no trato com tais pessoas era mais uma questão de disciplina que de persuasão ou reeducação política, embora considerasse válidas as tentativas feitas neste sentido.

“Quando se pára para pensar”, dissera ele à esposa na noite anterior, durante o jantar de sopa de repolhos, “apesar de todos os nossos esforços para a divulgação do ateísmo científico, não conseguimos modificar a opinião da maioria deles. Na maior parte

dos casos, o único recurso é a punição severa. Se fôssemos depender apenas do redoutrinamento, eu poderia fechar o Polit-ruk.”

Todavia, ele se responsabilizaria por Moiseyev, de um jeito ou de outro, perante o Coronel Malsin.

A caminhada até o gabinete do Major Gidenko era relativamente longa, e enquanto palmilhava as ruelas do quartel, de onde a neve fora recentemente varrida, Ivan glorificava a Deus por esta oportunidade de orar. Em sua mente estava um corinho baseado em um versículo das Escrituras (que aprendera com seu irmão Ilyusha), e ele o cantava baixinho, marcando o ritmo com os passos. “O gozo do Senhor é a sua força. O gozo do Senhor é a sua força. O gozo do Senhor é a sua força.” A melodia era alegre e se casava bem com o esplendor do sol sobre a neve.

O dia estava claro. No céu, acima, alguma coisa brilhou momentaneamente: “O gozo do Senhor é a sua força.” Uma alegria muito grande enchia seu peito. As árvores da praça central pareciam revestidas de uma luz celestial. Ivan saudava cada uma por que passava em nome de Jesus. Aquele fulgor cegava-o como um raio de sol refletido num espelho. Ergueu os olhos para os céus e, no mesmo instante, ouviu uma voz que o chamava: “Ivan! Ivan!”

O anjo estava logo acima dele, e seu resplendor e presença introduziram um pouco de temor em sua alegria, e as duas sensações juntas, como que paralisaram seu coração.

A voz era como uma recordação, clara e inconfundível; estranhamente, era uma voz sem palavras. “Não tema!” dizia ela.

Através da figura transparente do anjo, ele enxergava as árvores maiores do outro lado do largo. De repente, pareceu-lhe que ele se movia. Ainda com os olhos fixos nele, Ivan reiniciou a caminhada lentamente. O clarão do anjo parecia iluminar o lugar mais que o próprio sol. Novamente ele falou.

“Não tema”, disse. “Vai. Eu vou com você.”

O rapaz não teve palavras para responder. O gozo que sentia era como um fogo interior. Talvez aquele calor proviesse do resplendor do anjo. Mais tarde ele iria se perguntar como chegara à porta do edifício do Major Gidenko. Embora a luz se tivesse dissipado, o sentimento da estranha presença permanecia. Dirigiu-se ao gabinete do major e bateu levemente à porta. Gidenko sorriu-lhe efusivamente. Aquilo iria ser mais fácil do que imaginava, pensou o oficial. Afinal, o que se passava com Yarmak? Se não soubesse a idade de Moiseyev, diria que não contava mais que dezesseis anos. Tinha jeito de simplório. O major estendeu a mão aberta e indicou-lhe uma cadeira forrada de couro, colocada à frente da escrivaninha.

“Sente-se, filho.”

Havia em suas maneiras um toque de bondade.

“Está bem distante de sua terra, não é Moiseyev?”

“Sim, major.”

“Ao completar um ano de serviço, você terá uma folga.”

“Sim, senhor major.”

“Tem saudades de sua família? Sua mãe? Seu pai?”

“Tenho sim, senhor.”

“Lembro-me bem dos primeiros dias que passei no exército. Escrevia para casa todos os dias. Agora, isto me parece tão engraçado. Você escreve muito?”

“Bastante, mas não diariamente. Não tenho muito tempo.”

“Não? E por que não?”

“Por causa dos interrogatórios. Passo muito tempo sendo interrogado no Polit-ruk.”

“E nestes interrogatórios, você não está aprendendo a dar a resposta certa? Não tem ares de ser um sujeito estúpido.”

“Às vezes existe uma grande diferença entre a resposta certa e a verdade. Por vezes, Deus não permite que eu dê a resposta ‘certa’.”

“É mesmo? E quem é este seu Deus?”

Mal fizera a pergunta, e se arrependeu. Moiseyev inclinou-se para diante, o rosto radiante pela oportunidade de testemunhar.

“Ele é o criador de todo o universo, major. Deus é espírito e ama muito a todos os homens...”

“Sim, sim. Eu conheço as doutrinas cristãs”, interrompeu-o remexendo-se na cadeira impacientemente. “Quer dizer que você não pode dar as respostas certas porque são mentiras. Você discorda do ensino do glorioso Exército Vermelho?”

“Não, senhor major.”

“Mas não aceita os princípios do ateísmo científico sobre os quais se baseiam nosso Estado soviético e o poderio militar do exército?”

“Não posso aceitar uma coisa que sei não ser verdade. Tudo o mais aceito de bom grado.”

“É impossível provar-se a existência de Deus. Até mesmo os teólogos sabem disso. Sacerdotes e pastores também concordam neste ponto.”

Ivan percebera claramente que a voz do oficial ia perdendo o amistoso tom do início. Começou a orar em espírito antes de responder. Gidenko insistiu.

“Está vendo? Nem mesmo os seus melhores mestres falam como você, sobre este negócio de *conhecer* a Deus.”

“Major, todos concordam sobre a impossibilidade de se provar a existência de Deus, mas quanto a conhecê-lo, ninguém tem dúvidas. Agora mesmo, ele está comigo aqui, nesta sala. Pouco antes de eu vir para cá, ele me enviou seu anjo para me confortar.”

Gidenko fitou o rapaz atentamente. Estaria ele querendo se passar por um tolo? Seria esta sua conduta apenas um ardil para provocar seu desligamento do serviço ativo? Ele era de uma simplicidade incrível, uma simplicidade deliberada!

Ergueu-se abruptamente.

“Moiseyev, já encontramos outros como você no exército. Sempre aparecem uns dois ou três.”

Desviou os olhos ao verificar que, a esta menção, estampara-se no rosto dele uma expressão de satisfa-

ção. Começava a crer que Moiseyev não era um fanático religioso, mas sim um pobre rapaz, saudoso de casa, desesperado para ter uma folga. Vira outros procederem do mesmo modo antes. E já não passara ele cinco dias sem alimento, e depois fingira não sentir fome? Gidenko vira soldados fazerem-se de desentendidos quando a comida lhes era colocada à frente. Uma visita ao psiquiatra logo lhes curara a pretensa loucura.

Quanto a Moiseyev, não havia dúvidas de que era são. Simples demais, não sabia nem mentir.

“Sinto muito que você persista em seu procedimento incorreto”, retornou o major, e agora sua voz denotava fadiga. “Isto só vai lhe trazer aborrecimentos. Entretanto, eu creio firmemente que, com um pouco de disciplina, poderá recobrar o bom uso da razão, e ser libertado destas ilusões acerca de anjos e deuses que falam. Você vai ficar de pé na rua, hoje à noite, após o toque de silêncio, e todos os dias enquanto não se dispuser a vir aqui e se desculpar pelas tolices que anda espalhando pelo quartel acerca destas suas experiências com Deus. E como a temperatura deverá descer a 25° C abaixo de zero, será melhor que você resolva agir sensatamente o mais rápido possível. Amanhã vamos planejar uma linha de ação para sua reeducação política. Está dispensado.”

Gidenko sentiu-se profundamente irritado pela tranqüilidade com que Moiseyev pareceu acatar a ordem. Esperara uma hesitação de sua parte, uma tentativa de reconsideração, mas as feições dele estavam perfeitamente calmas e seus ombros eretos, quando se encaminhou com passos firmes para a porta.

“Camarada soldado!”

Ivan voltou-se. O major notou que estava ligeiramente pálido. Portanto, ele *tinha* compreendido bem a determinação.

“As instruções dadas serão executadas em farda de verão. Pode ir.”

O velho cabo que atendia nas dependências do comando olhou espantado para Ivan ao ouvi-lo requisitar uma farda de verão. A neve já se encontrava a quase meio metro de altura. Estudou o pedido, atônito e pensativo, a mão engelhada coçando o queixo. Parecia haver algo de errado com aquilo, e ele não queria levar a culpa por um engano destes. Por que se precisaria de uma farda de verão em pleno inverno? Para que a queriam? À explicação dada por Ivan, um brilho de malícia surgiu em seus olhos circundados de rugas. Então era uma peça que estavam a pregar-lhe, e, no fim, seria ele quem acabaria mal. Mas uma rápida consulta telefônica ao Polit-ruk confirmou tudo, e ele colocou nas mãos de Ivan as calças de tecido leve, camisa, túnica e quepe. O homem manteve-se em silêncio enquanto entregava as peças ao rapaz, meneando a cabeça num gesto grave. O rapaz quase podia adivinhar os pensamentos que lhe passavam pela mente e se externavam em um olhar penalizado. Seria uma noite horrível.

Quando a lua surgiu, um vento forte começou a soprar, varrendo a neve acumulada nos cantos dos edifícios, para os caminhos recém-limpados. Os alojamentos estavam bem frios, no momento em que os soldados se trocavam para se deitarem, encolhendo-se bem sob os cobertores pesados, buscando o aconchego da cama.

Igor Alexandrovich Markov encostou-se na parede, enrolado em seu cobertor, fumando um cigarro. Originário da Geórgia, possuía os brilhantes olhos e cabelos negros bem assim como o temperamento dócil que caracterizavam seu povo. Para ele, Moiseyev constituía um profundo mistério. Ficou a observá-lo vestir a farda de verão, com perguntas e dúvidas cruzando seu cérebro.

“O que você está fazendo, Moiseyev? Conte-me novamente.”

A conversação sussurrada, que alcançava apenas os beliches mais próximos, era agora apenas um leve murmúrio. Na cama logo acima da de Ivan, Vladimir

Yakovlevich Albu tossiu de repente, disfarçando um sorriso.

Ivan já estava-se cansando de repetir a história. A notícia deste seu novo castigo espalhara-se rapidamente pelo refeitório, durante o jantar. O praça que servia a mesa do cabo de serviço no comando ouvira-o narrar o fato, e encarregara-se de passá-lo aos outros, juntamente com as conchadas de ensopado de beterraba. Ao deixar a cantina naquela noite, Ivan fora bombardeado com perguntas e conselhos, de uns e de outros.

E a resposta dada era completamente absurda.

“Após o toque de silêncio, tenho que me apresentar ao oficial de serviço, e ficar de pé na rua.”

Ele lhes dava motivo para risos. Se o pessoal do Polit-ruk desejava tornar o rapaz em um exemplo para os outros, estava conseguindo plenamente. E agora, os outros soldados também entravam na conversa.

“Quanto tempo vai ficar lá?”

“Você terá de ceder, senão morrerá de frio.”

“Por que você se recusa a parar de falar em religião?”

“Por que você não pode ser crente, mas ficar calado?”

“Daqui a cinco minutos, você estará de volta.”

Igor ergueu a voz e silenciou os colegas.

“Por que, Ivan? Em que é que você crê tanto que tolera isto tudo?”

“Eu creio que Deus deseja que os homens saibam que ele existe, e que os ama, e que ele veio à terra na pessoa de Jesus, em forma humana. O Natal está chegando. Nesta época, nós recordamos o nascimento de Cristo em Belém. Os crentes do mundo todo comemoram este grande ato de Deus e dão-lhe glória. Eu creio que ele veio morrer pelos pecados de todos os homens que desejam o seu perdão; morreu por mim e por você também, Igor.”

Demchenko, um membro entusiasta do Komso-mol, deitado num dos beliches próximos, bradou:

“Acho que não estamos interessados neste tipo de conversa, camaradas. Eu pelo menos não estou, e muito me admiraria se alguém estivesse, principalmente o camarada Markov.”

O grupo se desfez, mas antes Vladimir interveio com um comentário sardônico.

“Ah, Igor não está interessado, não. Este negócio de Natal talvez seja muito bom para os batistas, mas para ele não. É muito agarrado ao seu cigarrinho e à vodca.”

Uma onda de gargalhadas se espalhou pelo quarto, mas foi logo detida pelo toque distante da corneta. Imediatamente, as luzes foram desligadas. Ivan encaminhou-se apressadamente para a porta. O luar, entrando pela janela, iluminava a passagem por entre as camas. Um silêncio pesado caiu sobre o aposento, enquanto ele descia as escadas e alcançava a saída.

O primeiro contato com o ar frio foi como um tapa no rosto que lhe provocou dor de cabeça e fez seus olhos lacrimejarem. Ele se retraiu instintivamente, para fugir ao vento gelado que lhe ardia as orelhas. Sabia muito bem que as janelas dos alojamentos às escuras estariam cheias de cabeças que o espiavam. A luz da lua iluminava a ruela e os bancos de neve contra a silhueta dos prédios. Entesou os músculos, como que tentando resistir às lufadas geladas. Olhou o relógio. Passava um minuto das dez horas.

Teria tempo de sobra para orar. Começou hesitantemente, sentindo nascer em seu coração um leve temor, que logo procurou afastar. Quanto tempo *podia* suportar? E se ele sentisse tanto frio que acabasse cedendo? E se morresse congelado? Será que o deixariam ali até morrer? Tentou concentrar-se na oração, mas o pânico comprimia seu peito. Quanto tempo levaria para morrer congelado? Seria uma morte rápida? E se de manhã ele estivesse *quase* congelado e eles o reavivassem? Ouvira dizer que a dor causada pelo congelamento dos membros era terrível. E se tivessem de amputá-los? Tinha que desviar o pensamento destas coisas. Começou a can-

tar: "O gozo do Senhor é a sua força; o gozo do Senhor é a sua força."

De repente, a gloriosa visão que tivera pela manhã voltou-lhe à lembrança. Olhou para o largo, distante dali, mas perfeitamente visível ao luar. Parecia-lhe que a luz angelical permanecia lá.

"Não tema. Vai. Eu vou com você", dissera o anjo.

Ele se referira ao que aconteceria à noite. Sentiu novamente o mesmo calor que experimentara naquele momento. Abriu os lábios e começou a orar baixinho, mas fervorosamente.

Eram 12:30 quando sua atenção foi atraída por passadas que rangiam sobre a neve. Abrigados em sobretudos, três oficiais caminhavam vagarosamente em sua direção, vindos do alojamento.

Suas vozes eram ásperas, e quase perdidas em meio ao assovio do vento.

"Muito bem, Moiseyev, já reconsiderou sua posição? Quer entrar? Cansou-se de ficar aqui fora?"

Apesar da semi-escuridão, o rapaz pôde perceber que eles o fitavam ligeiramente apreensivos. Será que ele não estava sentindo frio?

"Obrigado, camaradas oficiais. Eu gostaria muito de entrar e ir dormir, mas não concordo em parar de falar a respeito de Deus."

"Quer dizer que vai ficar aqui a noite toda?" O rosto deles exibia uma expressão de medo.

"Preferiria não ficar. Mas não vejo como isto seria possível, de outro modo. Além disto, Deus está-me ajudando."

De pé em posição de sentido, Ivan esfregava as mãos com as pontas dos dedos. Sua voz tremia pela emoção. As mãos estavam frias, mas não mais frias do que quando se trocara, no alojamento. Tentou exercitar também os dedos dos pés. Moveram-se facilmente, sem qualquer dificuldade. Foi então que um grande espanto começou a nascer dentro dele. Olhou para os oficiais com grande comoção interior — apesar dos pesados capotes, eles estavam enregelados. Batiam os pés e as mãos, movendo-se constantemente, impacien-

tes para retornarem aos dormitórios aquecidos. Daí a uma hora, ele mudaria de idéia, ouviu o oficial mais graduado murmurar enquanto se afastavam. Ivan não pôde deixar de sorrir.

Pouco depois, a sensação de alívio o abandonou, sendo seguida por um sentimento de quebrantamento. Ele não era melhor que nenhum dos outros rapazes de sua igreja. Seus pais haviam sofrido muito no passado. Sabia de pastores que tinham sido interrogados, presos e enviados a campos de concentração. Entretanto, ele fora várias vezes alcançado pelo poder libertador de Deus. Havia algo dentro de si que desejava repelir aquele privilégio. Não queria receber um tratamento especial do Senhor, não merecia milagres nem mistérios. Ele *deveria* mesmo estar congelando. Não; ele não era bom. Lágrimas ardentes vieram-lhe aos olhos.

Às 3:00 da madrugada, começou a cochilar. Suas confissões de arrependimento haviam-se encerrado. A intercessão por todos os crentes fora repetida várias vezes. Cantara os cânticos natalinos. Orara por todos os oficiais que conhecia de vista ou de nome. Clamará a Deus em favor dos soldados de sua companhia. Mas, gradualmente, seu pensamento ia-se esvaindo. Lutou para continuar em oração, mas não conseguia.

De súbito, uma voz despertou-o. O oficial em serviço falava-lhe com brandura.

“Está bem, Moiseyev. Pode entrar agora.”

A lua se escondera; o vento cessara. Na densa escuridão reinante, Ivan apertou os olhos tentando divisar o rosto do outro. De pé, ao lado do rapaz, ele pareceu hesitar antes de dizer alguma coisa. A luz mortiça que provinha do alojamento deu nas insígnias douradas do quepe. O tom com que lhe falou era carregado de sentimento.

“Afim, que tipo de pessoa é você?”

“Senhor?”

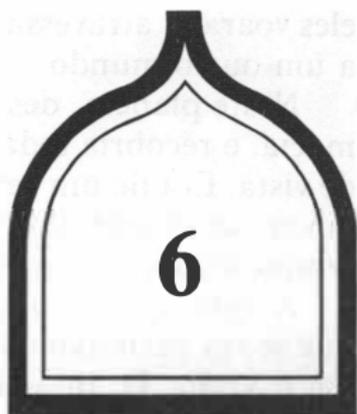
“Que tipo de gente é você, que parece não ser afetada pelo frio?”

“Ah, camarada; sou uma pessoa comum, mas orei a Deus e ele me aqueceu”, respondeu-lhe Ivan suavemente.

Tocando o braço do soldado para que o seguisse, o oficial virou-se, e caminhando lentamente, dirigiu-se ao alojamento.

“Fale-me sobre este Deus”, disse.

O Major Gidenko estava grandemente perturbado. O relatório que deveria enviar ao Coronel Malsin acerca de Ivan Moiseyev era um desafio à razão. Ele sofrera a punição de ficar ao relento, em temperatura inferior a zero grau, durante doze noites seguidas, usando fardamento leve. Era impossível que não estivesse congelando e clamando por misericórdia. Na noite anterior, ele próprio fora vê-lo. É verdade que seu rosto mostrava-se arroxeadado, e ele parecia tonto de sono. A neve fina, soprada pelo vento, apegava-se ao seu cabelo e roupas, fazendo que se assemelhasse tetricamente a uma estátua. Mas, após quatro horas de exposição ao frio, ele se mantinha tranqüilo, e em melhores condições físicas do que ele, Gidenko, após cinco minutos. Seria possível àquele rapaz suportar aquela temperatura baixa sem senti-la? Era o que parecia. Havia duas semanas que Moiseyev agüentava aquilo. Há muitos anos o major não se sentia tão perturbado. Até mesmo seu sono estava sendo prejudicado. A folha de relatório a ser enviada ao Coronel Malsin e ao Polit-ruk tinha de ser preenchida. Mas fazia-se claro que o tratamento por punição não estava surtindo os efeitos esperados. Todo o quartel já comentava o caso de Moiseyev. Ele teria que determinar o cessamento daquela vigília pública.



Não temas a lei, mas o juiz.

Embora as camas militares tivessem uma largura de apenas cinquenta centímetros e fossem duras como tábuas, Ivan enfiou-se entre os lençóis e puxou o cobertor sobre si, agradecendo a Deus por aquela bênção. Era a primeira vez em 1971 que ele desfrutava do prazer de se deitar numa cama. Não tinha mais que passar as noites ao relento, exposto ao frio. Não havia mais interrogatórios sob a neve ou nos gabinetes dos oficiais. Não mais veria a lua se pôr detrás do arvoredado da praça central. Antes mesmo que a corneta soasse, ele já se achava prazerosamente imerso em profundo sono.

Apesar de ter ouvido aquela voz apenas uma vez antes, ele despertou imediatamente.

“Levante-se, Ivan!”

Em um segundo já estava de pé na passagem, fitando o fulgor cristalino do anjo. Sua mente girava febrilmente. Percebeu que nenhum dos soldados adormecidos no alojamento se movera. Mecanicamente, começou a vestir a calça, e depois tateou à procura dos sapatos, sem tirar os olhos da beleza radiosa do ser à sua frente. O olhar do anjo era tão terno que Ivan não sentiu nenhum receio.

No instante seguinte, eles começaram a elevar-se. O teto do dormitório, e depois o telhado, se abriram, e

eles voaram, atravessando tempo e espaço, em direção a um outro mundo.

Neste planeta, desconhecido, a grama era verde e macia, e recobria toda a superfície dele, até perder-se de vista. Era de um verde vivo, como o das plantinhas novas. Deslumbrado, Ivan ia seguindo o anjo. Algum tempo depois, chegaram a um riacho.

A água era clara como cristal, e tão transparente que se via perfeitamente o leito. O brilho dele cegava-lhe a visão. O anjo saltou a corrente sem qualquer esforço, mas o rapaz se deteve diante dela. O outro voltou-se para ele.

“Por que está com medo, Ivan?”

Sua voz era tranqüila e repassada de ternura. O moço sentia-se dominado por um inexplicável temor de cobras.

“Cobras”, respondeu, correndo os olhos pela grama.

A estranheza de tudo aquilo provocava nele um medo absurdo. Embora o anjo estivesse bem distante, sua voz continha certa sensação de proximidade.

“Não tema. Você está comigo. Aqui não é como na terra; não há cobras.”

E tão subitamente como surgira, todo o seu receio se dissipou, e ele transpôs o riacho. Ao resplendor daquele mundo, cada detalhe da paisagem — as folhinhas da grama, as pétalas das flores — se destacava nitidamente, como se estivesse iluminado por refletores. As figuras das cascas das árvores eram indescritivelmente belas; os espaços entre os ramos, de uma graciosidade profunda, e tão luminosos, que a luz parecia jorrar do interior de cada árvore. Instintivamente, Ivan ergueu o rosto para o alto, girando a cabeça em todas as direções. Não havia sol.

Quando baixou os olhos para o anjo, havia alguém ao lado dele, alguém que lhe pareceu mais sagrado e sublime que o próprio anjo. Este mostrou ao outro certa deferência, e o rapaz compreendeu tratar-se do apóstolo João. Tendo o anjo como intermediário, o apóstolo dirigiu-se ao rapaz, e Ivan quedou, fascina-

do, bebendo cada palavra. A seguir, apareceram três seres em quem, sem saber por que, ele reconheceu Davi, Moisés e Daniel. Sua concentração foi tão intensa, e seu senso de encantamento e gozo tão dominantes, que quando o último deles se foi, Ivan teve a impressão de que iria cair em pesado sono. Entretanto, o anjo — que agora se achava sozinho na corrente de luz — falou-lhe:

“Viajamos bastante, e você deve estar cansado. Venha sentar-se.”

Ivan acomodou-se sob uma árvore grande e acolhedora, que exalava um aroma que lhe recordava os vinhais da Moldávia. Se o anjo nunca mais lhe dirigisse a palavra, ele ficaria satisfeito de permanecer ali para sempre, aspirando o delicioso perfume e apreciando aquela paisagem iluminada.

“Gostaria de mostrar-lhe a cidade celestial, a nova Jerusalém; mas se você a vir, não poderá continuar habitando neste corpo terreno. E ainda há muito trabalho para você realizar na terra.”

Houve um período de silêncio, e depois ele prosseguiu:

“Vamos para o outro planeta; vou mostrar-lhe a luz da cidade. Assim, embora você esteja vivendo neste corpo, saberá com certeza que realmente existe uma nova Jerusalém.”

Em questão de instantes, chegaram a um outro planeta, onde se viam muitos montes elevados. Ali também a luz era tão radiosa, que clareava profusamente cada recanto do lugar. Ivan contemplou riachos prateados, descendo pelas encostas dos morros para vales verdíssimos, de onde saltavam chuviscos em névoa. Chegaram à beira de um grande *canyon*, e desceram até o fundo.

O anjo parecia ter se transformado numa chama de gozo, sua voz mais solene e jubilante do que nunca.

“Ivan, olhe para o alto e verá as luzes da nova Jerusalém.”

Ao primeiro olhar, o moço retraiu-se. O brilho era tão intenso que, embora o tivesse fitado por apenas

um segundo, pensou que ficaria cego. Imediatamente, o anjo falou:

“Pode olhar! Não vai lhe acontecer nada!”

Nem mesmo um homem que tivesse se perdido no deserto, beberia água com a avidez com que Ivan sorveu o esplendor daquele clarão. Possuía energia tão intensa que dava a impressão de poder ser tocado, provado, ouvido. Vê-lo não era uma sensação visual apenas, mas uma experiência que afetava todos os sentidos. E quando o anjo o chamou, teve ímpetos de chorar de tristeza.

“Vamos. É hora de voltar para a terra.”

No instante em que Ivan tocou o assoalho do alojamento, três coisas aconteceram. O anjo desapareceu; a corneta soou e as luzes do dormitório foram acesas. Sem compreender bem, viu sua cama feita e constatou que estava vestido e pronto. Foi então que escutou o riso de seu colega de lado. Grigorii Fedorovich Chernykh também era originário da Moldávia, e demonstrava um interesse todo especial por este seu estranho conterrâneo. Rapidamente, ele saltou de seu beliche, e, enquanto vestia as calças, perguntou-lhe em tom confidencial:

“Ivan, aonde foi ontem à noite?”

Fazendo um enorme esforço mental, Ivan procurou coordenar os pensamentos. O dormitório regurgitava de gente se movendo, passando por sua cama em direção à saída, mas tudo lhe parecia irreal — as pilhérias bem humoradas dos soldados, os resmungos dos mais sonolentos, os reflexos das guarnições de metal das fardas. Ele se voltou para Chernykh e olhou-o fixamente.

“Está querendo dizer que não me viu trocar de roupa para me deitar ontem à noite? Nós entramos à mesma hora.”

O outro abotoava a camisa apressadamente.

“Certo. Você se deitou à mesma hora que eu, e dormiu, mas não muito tempo. Eu acordei às 3:00 horas e sua cama estava vazia. Você não se achava em canto algum deste quarto.”

Pegou a túnica, dando um sorriso malicioso.

“Logo você tinha que dar uma saída sem permissão?”

Então não fora um sonho? Ele *realmente* saíra com o anjo! Uma grande comoção tomou conta dele como se fora energia elétrica. Dirigiram-se rapidamente para a porta.

“Vamos indagar do oficial de plantão se alguém deixou o alojamento durante a noite”, disse ele com voz trêmula.

O oficial ficou indignado.

“É lógico que não! Vão andando! Estão querendo meter-me em complicações?”

Ivan e Grigorii deixaram o aposento calados. Por fim, Chernykh rompeu o silêncio constrangedor que os envolvera, fazendo-lhe uma pergunta. Como resposta, Ivan passou a narrar-lhe o que sucedera.

Quando caiu a noite, a história de Ivan já corra de boca em boca, e toda a companhia a conhecia. Ninguém acreditava, pensou Grigorii com satisfação. Apesar do profundo tom de sinceridade de Ivan, suas histórias eram simplesmente incríveis. No entanto, não se podia negar que seus relatos eram envolvidos em uma aura de mistério que deixava a todos intrigados. Como era possível alguém passar cinco dias sem se alimentar, e não adoecer? Como um homem podia ficar horas e horas exposto a uma temperatura inferior a zero, sem sentir frio? E se Ivan Vasilievich não deixara o alojamento durante a noite, mas também não estivera no dormitório, onde tinha estado então?

Chernykh esticou-se na cama. Aquelas quatro horas, único tempo de folga que gozava durante o mês, eram preciosas demais para serem desperdiçadas em divagações. Pegou lápis e papel. Escreveria para a família. Mas continuou deitado, com os olhos no teto.

Talvez os oficiais do Polit-ruk soubessem explicar aquele mistério. Eles estavam interrogando Ivan incansavelmente havia um mês. Grigorii mesmo se indagava como o rapaz conseguia manter o equilíbrio

mental, tendo que suportar tal tensão. Para muitos deles, o serviço militar em si já era um tormento impiedoso. Estavam constantemente correndo, desde o toque de alvorada, às 6:00 da manhã, até às 10:00 da noite, quando soava o toque de silêncio. E além disso havia os alarmes noturnos, que lhes roubavam horas de descanso. Como eles temiam a sirene que os arrancava da cama alta madrugada, e os conduzia, ainda meio tontos, a um exercício de ataque simulado, na noite gelada! Chernykh tinha contas a acertar com o exército pelo que lhe acontecera no último alarme. Estivera nevando tão densamente que ele não conseguia ver onde andava. Forçando os olhos para procurar enxergar o caminho por entre a neve que dançava à sua frente, ele mergulhara num poço descoberto. Consequira agarrar-se na borda dele, e se pusera a gritar o mais alto que podia, já que o barulho do vento também era terrível. Por fim, um companheiro o ouvira e o salvara, mas suas botas estavam cheias de água congelada, e a calça, dura como cimento. Ele prosseguira no treinamento, tremendo incontrolavelmente.

E eles nunca eram despertados apenas uma vez por noite. Quantas vezes jogavam-se na cama exaustos e enregelados, para serem chamados uma hora depois, e repetirem tudo novamente. Agora, ele perdera a noção certa da seqüência, mas a princípio anotara (para relatar à família, na primeira folga que tivesse), e sabia que estes alarmes eram soados de duas em duas ou três em três noites. Era completamente ilógico que se esperasse que os soldados pudessem fazer instrução e estudar com apenas três ou quatro horas de sono.

Grigorii não conseguia entender como Ivan suportava aqueles interrogatórios constantes, além dos rigores do programa de treinamento. Já vira o rapaz ser chamado durante as refeições, ou durante as aulas, ou no meio da noite. De dia ou de noite, não importava. Muitas vezes a cama dele permanecia vazia a noite inteira.

Não havia dúvidas — ele estava em sérias dificuldades. Tinha havido vários incidentes e muitas ocorrências inexplicáveis. Talvez ele não chegasse ao ponto de pensar que os batistas fossem inimigos do Estado, mas de uma coisa estava certo, eles eram fanáticos e simplórios. Simplesmente não se discute com o Exército Vermelho. Era uma arrematada loucura tentar contrariá-los. Se um oficial dissesse que um repolho era girassol, então tinha que ser.

No fundo, tudo se resumia numa questão de disciplina. Talvez fosse para isso que o Polit-ruk estivesse empregando medidas tão drásticas com Moiseyev. Afinal de contas, o que seria deles se, durante as manobras, não obedecessem as ordens dos superiores? Chernykh deitou-se novamente, o papel e o lápis esquecidos sobre o cobertor de tecido grosseiro. Alguém lhe contara que o chefe do Polit-ruk da Criméia estava em visita ao Coronel Malsin. Falava-se que Moiseyev seria enviado para o centro de detenção militar de Sverdlovsk, nos montes Urais. Decidido a esquecer de vez o companheiro, Chernykh pegou do lápis. Ele não tinha nada a ver com o caso. O fato de ter relatado aos outros a história da excursão de Ivan com o anjo para outro planeta, não influíra em coisa alguma. O próprio Ivan conversava abertamente, com todos, sobre Deus e anjos. Começando a escrever rapidamente, Chernykh procurava esquecer-se de que, na noite anterior, ao voltar para o alojamento, sentira receio de fitar o céu escuro.

O trem sacudia de um lado para outro, sobre os trilhos gelados, cortando a paisagem hibernal. Campos, bosques, lagunas, ravinas, iam ficando para trás, contemplados através da porta corrediça do vagão de prisioneiros militares, que estava entreaberta. Os bancos de madeira eram dispostos em forma de concha ao longo das paredes laterais e do centro do carro. Ali, os prisioneiros se acomodavam — uns dormindo, outros apenas assentados — no rarefeito ambiente daquele entardecer. Alguns discutiam, ou-

tros meramente conversavam, mas a maioria permanecia envolvida somente com seus tristes pensamentos.

Ivan colocara-se à porta, respirando o ar puro, e ignorando completamente as altercações que haviam surgido entre os que queriam cerrar a porta e os que a preferiam aberta. Uma sensação de profunda paz parecia repousar sobre as terras que passavam diante de sua vista. O guarda, um praça proveniente de uma base militar dos arredores de Moscou, encostou-se à parede trepidante do vagão, a arma pendurada no braço, a cabeça pendendo sonolenta. As ondas de irritabilidade que pareciam varrer os presos vez por outra, davam em nada, e morriam lentamente. Ivan sentia-se suspenso entre a confusão dos soldados às suas costas e a distante paisagem campestre que contemplava.

Recordava seus esforços para provar aos oficiais que desejava ser um bom soldado. Durante as aulas de política, ele afirmara categoricamente que a Bíblia exortava os crentes a amar a pátria e respeitar as autoridades constituídas e dar-lhes tudo que lhes era devido.

Mas fracassara. Resultado: fora chamado no meio da noite, e conduzido por estradas ruins e congeladas até o ponto onde embarcaria no trem de prisioneiros que se dirigia para Sverdlovsk, um presídio militar situado na Sibéria, a 2.000 km dali.

Agora já haviam atravessado as planícies centrais da Rússia. Ivan observava a cúpula azulada dos bancos de neve que se recortavam contra a luz do horizonte. Dois dias antes havia sido levado perante o comissário da região, o Major Andrei Dolotov, de Simferopol. Quando este pousara seus olhos de oriental sobre Ivan, o rapaz percebera neles uma expressão sombria. Parecia uma pessoa extremamente passiva e bonachã, para um oficial de tão elevada posição. Suas maneiras eram tão retraídas e reservadas, que seu corpanzil sugeria mais a idéia de uma muralha. Quando lhe dirigiu a palavra, sua fala era

sussurrada e totalmente desprovida de emoção.

Ele pareceu levemente surpreso ao constatar que Ivan já se encontrava no exército havia quase dois meses, e ainda não se adaptara à vida militar. Estudara as fichas de registro. Tudo fora feito no sentido de se reabilitar Moiseyev, e fornecer-lhe oportunidades de modificar seus pontos-de-vista, e se ajustar politicamente, mas ele recusara. Sua ficha continha queixas de Odessa, do Polit-ruk de Kertch, e dos oficiais e soldados de seu próprio pelotão. Havia também o problema de ele propagar suas idéias subversivas entre os colegas. Eles poderiam se contaminar com aquela ideologia indesejada. Naturalmente, isto era uma violação frontal das ordens dos oficiais políticos. Dolotov estava curioso para saber por que Moiseyev não queria obedecer.

Sua voz era tranqüila. Ivan ficou sem saber se terminara de falar ou não, e hesitou. A atmosfera da sala estava tão carregada que lhe parecia impossível pensar. De repente, sentiu falta de ar. Fazendo um enorme esforço, respirou profundamente, orando em espírito. Logo, suas idéias se aclararam e ele disse:

“Camarada comissário, a Bíblia ensina que os crentes devem obedecer ao governo. Eu desejo muito agir assim, mas as Escrituras afirmam também que nosso Mestre supremo é Deus. Ele exige de nós dedicação e obediência absolutas. Suplico-lhe que procure compreender o fato de que eu presto lealdade a dois poderes, ao Estado e a Deus. Se eu receber uma ordem que implique em desobediência a Cristo, sou obrigado a colocar minha lealdade a ele em primeiro lugar.”

Uma mudança de expressão perpassou momentaneamente a fisionomia do oficial; depois um pensamento lhe ocorreu, e ele disse:

“Você está cerceado, amarrado por estas crenças batistas. Pois muito bem, se você provar o gosto do que seja realmente uma prisão, talvez venha a reconhecer a gravidade de sua situação, e é provável que isto lhe seja proveitoso. Pode ser que esta medida seja

mais efetiva que todos os programas de reeducação levados a efeito em Kertch. Então veremos se muda ou não de opinião.”

Ivan só não compreendia por que ele havia escolhido aquele presídio tão distante. Havia outros mais próximos, nas imediações do mar Negro. Talvez o dissabor de uma viagem longa, no inverno, fosse parte da estratégia.

Suspirou profundamente. O ar parecia diferente agora. Estava mais denso e impregnado dos odores de uma substância química. Alguns dos homens que se achavam ao fundo do carro, começaram a mover-se. Pegavam as peças de bagagem que se achavam mais ao seu alcance. Um prisioneiro idoso retirou uma corda de um volume envolto em um cobertor, e atou-o com ela. Um gigantesco cossaco pegou de uma panela que continha um resto de água de neve derretida ao aquecedor, e sorveu-a. O trem sacolejou subitamente, e um sargento mal barbeado soltou um imprecação. Dois soldados mais jovens, denotando ódio no olhar, mantiveram-se juntos. Ao longe, quase sumido à luz fraca da madrugada, via-se o conjunto das chaminés das fábricas, atirando para o alto a sua fumaça escura. Aqui e ali uma língua de chama lambia os céus.

O velhinho aproximou-se por trás de Ivan, e, inclinando-se um pouco, passou a espiar, procurando ver o que estava pela frente.

“Sverdlovsk, a cidade da serra”, citou, no sotaque meio cantado de Odessa.

“Operário e guerreiro! É isto que devo ser aqui. E você também, camarada.”

O guarda despertara de sua sonolência, e, empurrou bruscamente o velho para um lado, postando-se junto de Ivan sem dizer palavra.

A máquina começou a diminuir a marcha. O trem chacoalhava mais, ao passar sobre as mudanças de chaves, com grande trepidação. Os outros prisioneiros se aproximaram da porta o mais que podiam, procurando ver a cidade, ansiosos para terminar logo

aquela jornada longa e tediosa. Uma estrelinha pálida piscou, acima de uma fila de pinheiros que bordejava a via férrea. Ivan fitou seu brilho suave. Sua mente se reanimou por instantes, ao recordar um versículo bíblico de que seu pai gostava muito: "Os que forem sábios, pois, resplandecerão, como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas sempre e eternamente."



Fugiu do urso e caiu entre lobos.

A cela era pequena, escura e fria. Depois que seus olhos se ajustaram à pouca luminosidade ambiente, viu um catre junto à parede. Percebeu também que se abrisse os braços tocaria as duas paredes laterais. A porta era provida de uma pequena abertura na parte superior, pela qual os guardas introduziam a lanterna para a inspeção noturna. Seus ossos doíam pela inatividade. Arrancou as botas penosamente, e colocou os pés na úmida parede de concreto. Após o balanço constante do trem, o batido regular das rodas do vagão e o murmúrio da conversa dos companheiros, o silêncio profundo e a quietude do quartinho faziam dele um túmulo. Ivan ficou deitado no recinto frio, sem conseguir alívio para o cansaço num sono reparador. As palavras do velhinho, “Guerreiro e operário!”, cruzavam sua cabeça incessantemente, misturadas ao eco do barulho ritmado das rodas do trem. Pensou uma vez mais na experiência que tivera no planeta celestial com o anjo.

“Ainda há muito trabalho para você realizar na terra”, dissera ele.

Guerreiro e operário! Uma sensação de medo pairou sobre ele como se fosse uma camada de gelo, suspensa acima da cama, na escuridão da cela. Qual seria o trabalho? E a guerra? E aquele temor aproximou-se um pouco mais, como se fora uma chapa

arriada por roldanas. "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosamente: dele vem a minha salvação. Só ele é a minha rocha e a minha salvação, o meu alto refúgio: não serei abalado."

A sala de interrogatórios do presídio ficava num edifício de concreto, não muito distante da ala das celas. Era bem espaçosa, com um assoalho de madeira bastante gasto. O radiador do sistema de aquecimento estava pintado e corria por toda a extensão da parede, o que recordou a Ivan sua sala de jardim de infância, da escola da fazenda coletiva. Uma escadinha cujos degraus estavam enfeitados com samambaias, levava a uma pequena plataforma ao fundo, na qual se via um retrato de Lenine. Ivan compreendeu que o aposento era utilizado também para reuniões de caráter cultural.

Um oficial da cadeia sentava-se a uma mesa grande, coberta por uma toalha roxa, e que se encontrava num dos lados do aposento. Havia outra mesa próxima à primeira, à qual se assentavam quatro homens à paisana. Mas foi o oficial quem se dirigiu a ele. Em suas mãos estava o prontuário de Ivan.

Muito elogiável que Moiseyev tivesse prestado juramento de lealdade ao Exército Vermelho. Muitos batistas haviam se recusado a fazê-lo. Ele começara bem, mas logo se revelara um agitador, não desejando se corrigir e atendo-se às velhas crenças religiosas, rejeitando a doutrinação socialista soviética, e procurando influenciar outros a fazerem o mesmo. Por isso, sua lealdade para com o Exército Vermelho estava sendo questionada e sua atitude para com as autoridades estava perturbando seu treinamento militar. Apesar dos dedicados esforços de seus superiores que tentavam reeducá-lo, Moiseyev a tudo desprezava, e causara vários incidentes nos quartéis onde estivera, por causa da sua mania de provocar anarquia. O Estado lhe concedera diversas oportunidades de modificar seus pontos-de-vista, e isto só vinha demonstrar a clemência dos líderes soviéticos. Não havia mais dúvidas de que as evidências contrárias a ele eram

inúmeras. Será que sabia que seus atos podiam levá-lo a julgamento, e acarretar-lhe uma pena de sete anos de detenção? O júri podia alegar violação do artigo 142 do Código Penal, já que ele confessara abertamente pertencer a uma seita batista clandestina. Podia-se apelar também para os artigos 181 e 182 que faziam referência a falsos testemunhos. Já estava provado que suas conversas, em grande parte, consistiam em mentiras absurdas e impossíveis, e que várias vezes ele cometera perjúrio. O artigo 190, parágrafo primeiro, que falava da distribuição de literatura subversiva também podia ser mencionado, pois em sua correspondência ele usara de termos difamantes ao Estado Soviético e ao Exército Vermelho. Haviam tirado fotocópias de cartas enviadas a seus familiares, e agora constavam dos autos e provas contra ele. Quanto à violação do artigo 58, parágrafo décimo, que diz respeito à agitação anti-soviética, sua situação era realmente grave. Agora, ele se encontrava entre os muros de uma prisão, mas apesar disto era-lhe oferecida mais uma oportunidade de aceitar a reeducação que lhe seria proporcionada em Sverdlovsk. Se se recusasse a cooperar com eles, usariam de medidas mais persuasivas.

Ivan respondeu-lhe então, falando lentamente e procurando pensar em cada palavra que dizia. Às vezes, encontrava grande dificuldade em se expressar, já que não podia empregar o seu dialeto nativo. Quando estava cansado, não conseguia lembrar bem os sufixos russos e tinha dificuldade na construção das frases.

“Não fiz nada contra o Estado soviético”, disse. “Sempre desejei cumprir minha obrigação para com o exército sem transtornos, mas ao mesmo tempo manter minha devoção a Deus. Quanto aos tumultos de que me acusam, são sempre os outros que os provocam, não eu. E quanto a ficar aqui sete anos, se for da vontade de Deus, ficarei; se não, serei enviado de volta para meu quartel amanhã mesmo. Disto estou certo.”

A nova cela para onde foi transferido era um cubículo de cerca de um metro quadrado, que mais parecia uma jaula. Um banco semelhante a uma carteira escolar ocupava quase todo o espaço dela. Como a outra, era bem fria e não possuía iluminação. Durante dois dias ele permaneceu ali, encolhido no banco, envolvido apenas pelo braço escuro do tempo, numa quietude que era quebrada apenas de longe em longe, quando a porta era aberta para lhe entregarem sua ração de pão e café ralo, e pegarem a vasilha sanitária.

Uma ou duas vezes foi despertado por uma sufocante sensação de pânico, após alguns instantes de sono, mas a presença de Cristo era tão sensível que chorava de alegria, e sentia amenizar-se a agonia da cãibra nos membros enregelados.

Quando afinal o retiraram da cela, e ele se viu banhado pela luz do corredor, uma queimação lhe percorreu os músculos. Um guarda fustigou-o com a ponta da metralhadora, conduzindo-o através da intensa friagem do pátio, até a sala de interrogatórios. O mesmo homem da ocasião anterior achava-se ao lado da mesa, correndo os dedos por um chicote que trazia atado à correia.

“Bem, então você saiu de sua toca, e está respirando nosso bom ar socialista! Parece que nestes dois dias, não quis perder tempo em pedir para ser solto; deve ter pensado bastante. Talvez agora esteja disposto a retirar as viseiras que colocou em seus próprios olhos, e penetrar no verdadeiro mundo soviético.”

Ivan sentiu as pálpebras arderem à pálida luz do sol. Sobreveio-lhe a absurda idéia de que, quando fosse falar, sua voz sairia fraca demais para ser ouvida, mas combateu tal tolice. O rosto do oficial como que brilhava à sua vista. As palavras lhe chegavam aos ouvidos muito lentamente.

“Há um verso bíblico”, respondeu, “que declara que a vida do crente está escondida com Cristo em Deus. Para mim, tal fato se constitui no verdadeiro mundo, e eu estou nele.”

Àquela resposta de Ivan, o homem ficou paralisado e sem fala por alguns minutos. Arrancou do chicote e golpeou a mesa, num gesto dramático. Depois, sem desviar os olhos do rosto de Ivan nem por um instante, bateu de novo, e outra vez, como se agredisse um animal.

Quando criança, Ivan presenciara um operário bêbado espancar um boi. O animal estava amarrado a uma cerca, e, com a canga sobre os ombros, era-lhe impossível escapar ao seu alkoz. O chicote do homem retalhava o dorso do pobre bicho arrancando-lhe sangue que escorria pelas patas e pingava na lama. De repente, Ivan sentiu-se dominado pelo pavor.

“Nosso mundo é o real”, berrou o oficial avançando para ele tremendo, e com o braço que empunhava o chicote erguido. “Pensa que Deus pode protegê-lo daquilo que o aguarda? Veremos o que vai dizer quando perceber que seu Deus não virá livrá-lo da realidade que reservei para você.”

Ivan preparou-se mentalmente para receber o golpe, mas o outro girou nos calcanhares, e se afastou, suas passadas ecoando como tiros de revólver no longo salão. No momento seguinte, surgiram dois guardas que o conduziram de volta à cela.

À porta do cubículo, aberta pelo guarda, o rapaz hesitou, intimidado pelo medo.

“Entre! Entre!” berrou ele, erguendo o rifle às suas costas, com um empurrão que o fez deslizar pela cela a dentro.

A porta foi batida e trancada. Sentiu água espirrando em suas botas, e depois percebeu que ela descia pela parede. Uma luz baça, dentro de uma caixinha protetora, pendia do teto baixo, parcialmente escondida por uma série de canos recobertos de gelo. Destes também gotejava água — escorrendo das costuras e esguichando das junções — em direção a um ralo no chão, também já recoberto por uma camada de gelo. Logo notou que era impossível fugir ao suplício daquela água gelada. Seu capote ficou logo empapado, e o líquido lhe escorria pela nuca e descia pelas

costas, quando tentava encolher-se dentro das roupas. Veio-lhe o impulso de bater à porta. Em questão de minutos, tremia incontrolavelmente. “Tem misericórdia de mim, ó Deus, tem misericórdia, pois em ti a minha alma se refugia; à sombra das tuas asas me abrigo, até que passem as calamidades. Clamarei ao Deus Altíssimo, ao Deus que por mim tudo executa. Ele dos céus me envia o seu auxílio, e me livra.” Através da cortina de água, percebeu, fixos nele, os olhos de um guarda que o espiava pelo orifício da porta. “Contaste os meus passos quando sofri perseguições; recolheste as minhas lágrimas no teu odre: não estão elas inscritas no teu livro? No dia em que eu te invocar, baterão em retirada os meus inimigos: bem sei isto que Deus é por mim.”

Depois de alguns instantes, ele descobriu que comprimindo-se contra um canto da cela, as costas de encontro à água que escorria parede abaixo, conseguia livrar-se da maior parte das goteiras. Várias vezes ele repetiu para si mesmo as palavras do salmo, que lhe pareciam vir de fora dele, da atmosfera da cela. Ao mesmo tempo, porém, sua mente — desligada dos versos que agora recitava aos berros — desejava com desespero escapar àquele tormento.

Com o passar do tempo, o tremor foi cedendo lugar à uma excruciante dor que se iniciava em suas juntas e chegava-lhe às costas e à cabeça. Os pés, encerrados nas botas ensopadas, doíam terrivelmente, e ele caiu ao chão. Meio ajoelhado sobre a água e o gelo, começou a imaginar que se encontrava no interior de uma catedral ortodoxa, entre fileiras de velas que ardiam, despreendendo calor, sua luz refletindo-se nas imagens ricamente adornadas. Várias pessoas estavam por ali em atitude de adoração, e um esplendoroso misto de música e louvor enchia o templo. Mas o culto era longo, muito longo.

Desta vez o interrogatório foi realizado numa das dependências do próprio prédio das celas — uma imensa sala empedrada, com uma lareira, acesa, junto

à escrivania. Ivan estava deitado num divã, no outro lado do aposento. Próximo a ele, um aquecedor elétrico fornecia um calor agradável. Como e quando fora trazido para ali, não fazia a mínima idéia. Ao voltar a si, sentiu um cheiro de pano chamuscado. Colocou-se de pé, notando que seus músculos estavam entorpecidos. Uma janela alta, protegida por barras de ferro, as paredes secas e os oficiais da prisão foram as primeiras coisas que ocuparam seu campo de visão, mas logo fugiram, quando ele tombou para baixo. Um guarda postado atrás dele soltou um palavrão, e sacudiu-o violentamente, recolocando-o em posição.

Um dos oficiais dizia algo que lhe parecia irrelevante, mas, mesmo assim, esforçou-se para prestar atenção. Sentia-se muito doente.

“...Receberá sua ração de pão e café. Estamos resolvidos a só permitir que retorne a Kertch quando estiver ajustado aos moldes de um perfeito cidadão soviético. Foi a ordem que recebemos. Até agora você tem se mostrado muito teimoso, Moiseyev, mas creio que nós também já lhe provamos que não conseguirá o que almeja. Logo que demonstrar desejos de se reinar, nós nos daremos por satisfeitos; então o libertaremos e tomaremos providências para que reinicie seu serviço militar, como é plano do exército, e seu dever para com a União Soviética.”

Uma xícara contendo um pouco de café ralo foi depositada na mesa ao seu lado, e sobre ela um prato de estanho com um pedaço de pão. Ivan levou a xícara aos lábios aspirando o vapor que dela se desprendia. O vinho da comunhão da Ceia do Senhor nunca lhe fora tão sagrado como aquela vasilha de café. As palavras de Cristo acudiram-lhe à mente. “Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos.” Invadido por uma onda de amor, Ivan sorveu todo o café. Depois, reverentemente, tirou uma ponta do pão. “Tomai, comei; isto é o meu corpo.”

“Temos aqui alguns papéis, Moiseyev, que talvez você queira assinar”, continuou o oficial. “São declarações de que está disposto a cooperar integralmente com o Coronel Malsin, que é o comandante do quartel de Kertch, e a obedecer toda e qualquer ordem recebida de qualquer divisão, durante todo o tempo de serviço que lhe resta no Exército Vermelho. Quando você acabar de comer, tudo que quero é sua assinatura, e então começarei a tomar providências para sua soltura.”

Nos dias que se seguiram, Ivan viu-se mergulhado ainda mais profundamente no mundo dantesco da prisão.

“Você será enviado para o ‘quartinho dos congelados’, segredou-lhe um velho guarda. “Ceda! Senão acabará sendo morto.”

Quantas horas agüentaria na cela de refrigeração? pensava. As paredes estavam recobertas de uma fina camada de neve, notou ele logo que a porta se fechou com um ruído cavo. E com o passar das horas, o medo se intensificava. A dor começou, e a porta permaneceu cerrada. A brancura da sala parecia rebrilhante. Por fim conseguiu acalmar-se recorrendo à recitação de versículos bíblicos, recordando-se de seu lar e concentrando-se sobre o maravilhoso paraíso iluminado onde viveria um dia. Pouco a pouco, tanto o medo como a dor foram decrescendo, e ele sentiu-se sonolento. Profundamente agradecido, deitou-se no piso da cela.

A princípio, ele pensou que aquelas sensações de pressão e compressão fossem parte de seu sonho. Era um cosmonauta vagueando por um espaço gelado. Mas o macacão pressurizado era real, assim como o eram os berros que ouvia:

“Vai ceder? Vai abandonar sua crença?” as palavras eram como dardos aguçados que o chamavam à consciência.

Estava-se asfixiando. Não podia respirar. O espaço estava cheio de anjos envoltos em luz que iam e

vinham. “Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos.” *Se eu explodir, serei lançado nos céus*, pensou. A pressão foi aumentada. Ivan tentou libertar-se, queria sair dali, e partir para o maravilhoso planeta que visitara com o anjo.

“Vai abandonar suas crenças? Nós cessaremos com a compressão. Mude de idéia, senão ficará aqui sete anos.”

Não estava certo se eles o ouviam ou não, mas esforçou-se para falar, e sua voz saiu sufocada.

“Se for da vontade de Deus, eu fico. Se não... amanhã vou...”

O oficial da prisão atirou o maço de cigarros vazio na cesta de lixo, junto à escrivaninha, e começou a procurar outro na gaveta. Acendeu um cigarro e tragou a fumaça pensativamente. Ele não tinha outras instruções de como proceder com Moiseyev. Sendo soldado, ele deveria ser julgado e sentenciado por um tribunal militar. Naturalmente, poderiam mantê-lo em Sverdlovsk se o desejassem, mas não tinham permissão para isto. Tecnicamente, o comitê da prisão tinha completado seu trabalho e sua obrigação estava cumprida. Durante doze dias, ele fora submetido a todos os tipos de interrogatórios possíveis e à melhor técnica de reeducação. Haviam utilizado todos os recursos, menos enviá-lo de volta a Kertch num caixão. Ivan teria uma longa e cansativa viagem de trem, de regresso ao quartel. Durante a jornada, deveria se restabelecer e também teria bastante tempo para pensar no futuro que o aguardava. Agora, os oficiais de Kertch e Odessa que resolvessem o que se faria dele. Não poderiam argumentar que seus métodos não lhe tinham sido aplicados. Sverdlovsk lavava as mãos com respeito a Moiseyev.

Os olhos do homem foram atraídos para um pássaro que pousara na neve suja do parapeito da janela. Estava bicando as migalhas de pão que ele colocara ali. Desde que as novas indústrias haviam

vido instaladas, as aves vinham diminuindo a cada ano. Ficou a observar o pássaro com certa ansiedade. O céu estava escurecido pela poluição. A neve, escura. Ultimamente tudo estava sujo.



Repartindo comigo o seu pão, você me devolveu toda a Rússia.

Aquele período final de inverno foi bem menos rigoroso, o que não era normal em Kertch. Algumas vezes, ainda nevava pela manhã, uma neve fina que caía lentamente. E com a temperatura mais amena, o treinamento era mais suportável. O Polit-ruk advertira a Ivan que não comentasse com ninguém nada do que lhe sucedera em Sverdlovsk — uma ordem relativamente fácil de ser observada, já que todo o seu tempo era tomado pelo trabalho de recuperar a matéria perdida e alcançar o resto do pelotão. Além disso, ele fora designado para servir de motorista para o Coronel Malsin, que muitas vezes o requisitara para o seu serviço inesperadamente. De vez em quando, sentado na sala de aula juntamente com os outros, Ivan tinha a impressão de que seu conturbado universo momentaneamente se acalmara e se tornaria tranquilo.

Os horrores de Sverdlovsk só foram relatados uma vez, em sussurros, a Sergei, durante uma partida de xadrez. Bispos, peões e cavalos nunca foram movidos mais desordenadamente que neste dia em que Ivan e seu amigo se isolaram num canto reservado do salão de recreações. Versos bíblicos e palavras de conforto iam de um para outro quase inaudíveis, em meio ao bulício das risadas ruidosas e ditos chistosos que enchiam a atmosfera da sala.

No início da primavera, Ivan notou que algo de muito maravilhoso lhe acontecia. Mesmo nos dias em que era impossível observar sua hora devocional, experimentava um sempre crescente e arrebatador senso da presença de Deus. O amor ardia em seu interior como um fogo sagrado. E ele se espantava ao perceber que nem mesmo as rajadas dos ventos da injustiça faziam a chama vacilar. Naquele instante, quando se dirigia apressadamente para a aula noturna de ateísmo científico, nem se sentia nervoso. Estava cansado; seu corpo doía, mas de seu coração brotava uma fonte inesgotável de louvor a Deus.

Não houvera necessidade de se apressar. Os outros soldados haviam se agrupado ao redor do aparelho de aquecimento que ficava na frente da classe, e conversavam alegremente, rostos voltados para a resistência incandescente. Ivan assentou-se, e repousou a cabeça no braço da carteira. Seu vizinho de beliche, Vladimir Abu, notou-o, e não se surpreendeu ao vê-lo dormir a despeito de toda a bulha. O relógio da parede indicava que se passavam vários minutos da hora. O instrutor ainda não se achava em classe.

Os rapazes começaram a se dirigir para seus lugares. Embora relutassem em afastar-se do aquecedor, temiam ser surpreendidos ali por algum oficial que entrasse de repente. Mas o tempo passava e o professor não vinha. Foi então que Vladimir teve uma idéia.

“Vamos proceder à aula nós mesmos. Façamos um debate político”, sugeriu.

Um leve sopro de interesse agitou o grupo. Seria uma boa maneira de passar o tempo, já que ninguém tinha coragem de deixar a sala sem uma permissão formal.

“Nosso camarada, Ivan Vasilievich, já se opôs algumas vezes às teorias defendidas nesta classe. Contudo, ainda não tivemos dele uma exposição completa de suas razões. Vamos debater em torno da seguinte pergunta: “Qual é a diferença entre o Deus de Ivan, e o nosso deus (que ele afirma ser o Estado)?”

Ivan estivera justamente orando, enquanto aguardava o início da aula. Reanimado interiormente, ele concordou. Alguns dos outros tiraram cigarros do bolso, e se voltaram em sua direção. A atmosfera da sala parecia impregnada de uma certa tensão.

Vladimir abriu a discussão.

“Muito bem, Ivan, quem é o seu deus?”

“Meu Deus”, principiou ele, “é altíssimo e todo-poderoso...”

Mas sua satisfação pela perspectiva de uma oportunidade de pregar durou pouco. No meio da sala, um sargento originário da Armênia, deu uma tosse seca, e bateu o pé no assoalho, impacientemente. Depois soltou um resmungo de exasperação.

“Espere um momento, Moiseyev. Você quer dizer que seu Deus é *todo-poderoso*?”

“É.”

“Ele pode fazer qualquer coisa?”

“Pode.”

A expressão de desafio que surgiu de repente nas feições do sargento era inconfundível. Os outros observavam tudo com evidente prazer.

“Se o seu Deus é todo-poderoso, e pode fazer qualquer coisa, dê-nos uma prova.”

Murmúrios de aprovação partiram dos vários cantos do aposento. A vida que Ivan levava suscitara dúvidas inquietantes na mente de muitos deles.

“Se o seu Deus tudo pode”, disse o sargento em voz bem clara, “que ele me consiga um passe amanhã, para eu ir em casa. Se isso acontecer, creerei nele.”

“Muito justo!” ajuntou Vladimir.

A prova então teria características bem científicas. Preto no branco. Sim ou não. Atualmente, as licenças para saída eram bem raras. Uma prova destas seria nítida e incontestável.

Logo outros soldados acrescentaram comentários ao desafio.

“É mesmo, Ivan Vasilievich. Já ouvi suas histórias. Parecem contos de fadas. Mas se o seu Deus conseguir

um passe para Pyotr Alexandrovich Prokhorov, então, acreditarei que existe um Deus no céu.”

“Certo! Se seu Deus fizer isto, creemos que é um Deus vivo que tudo pode.”

“Isto mesmo! Que ele dê provas de si, depois nós creemos.”

Percebendo o ânimo ligeiramente exaltado dos colegas, Ivan começou a orar em espírito. Eles ficaram aguardando sua resposta, e foram-se acalmando ao contemplar a luta que se estampava na fisionomia dele.

Senhor, será que isto vem de ti? Podes ser provado pelos homens? Esta questão que propõem, será que isto está certo, Senhor?

“Vamos, Ivan Vasilievich, dê-nos uma prova de que seu Deus existe.”

O sargento parecia inquieto. O desafio estava sendo levado muito a sério.

De repente, Ivan se lembrou de um relato do Velho Testamento, que descrevia uma disputa entre Elias e os profetas de Baal. Sentiu renovada paz interior, e pediu novamente a orientação divina.

“Diga-lhes que farei isto!” disse-lhe aquela Voz inconfundível.

Todos os olhos estavam cravados nele, e, ao responder, sua palavra tinha uma firmeza que os espantou. Ivan voltou-se para o sargento, e, em voz alta e clara para que todos ouvissem, declarou:

“O Senhor falou que amanhã você receberá a licença para ir em casa. Mas terá que fazer o que vou lhe dizer. Jogue o cigarro fora.”

O sargento obedeceu.

“Agora tire o maço que está no bolso.”

Dando de ombros, Prokhorov retirou o maço do bolso. Levantou-se, caminhou até o aquecedor e atirou os cigarros atrás da grelha. Eles pegaram fogo e se queimaram rapidamente.

Foi então que Ivan notou que outros soldados haviam parado junto à porta da classe, e alguns tinham entrado e se postado ao longo da parede. O

silêncio era denso como uma cerração. Por fim o suspense foi quebrado pela chegada de alguns oficiais apressados. E a aula foi iniciada.

Foi somente após o toque de silêncio que Ivan pôde falar novamente com o sargento. Encontrou-o totalmente desperto, contemplando as estrelas através de uma janela próxima ao seu beliche. A firmeza com que Ivan lhe respondera deixara-o inquieto. Ele não conseguira pensar em outra coisa o resto da noite. Tudo aquilo era um absurdo, mas, apesar disto, estava cada vez mais empolgado pela possibilidade de sair. Quase acreditava que algo ia mesmo acontecer no dia seguinte.

“Quero lhe dizer várias coisas, camarada”, falou-lhe Ivan em voz sussurrada.

Prokhorov soergueu-se na cama, apoiando-se num cotovelo, e puxando o cobertor mais para si.

“Por que não está dormindo, Moiseyev?”

Ivan sorriu.

“Porque tenho muito para lhe falar. Já que amanhã você será um crente, quero dar-lhe algumas informações.”

“Está louco, rapaz. Volte para sua cama. Vai pegar um resfriado.”

Na semi-escuridão, Pyotr Prokhorov olhou nervosamente para o colega. O fato de que ele ficara a noite toda do lado de fora, no mês de dezembro, numa temperatura inferior a zero grau acudiu-lhe à mente. Sentiu-se mais tranquilo ao ver que Ivan pegara seu cobertor e se envolvera nele, antes de aninhar-se aos pés do seu leito.

“Você disse que creia em Deus, se ele lhe conseguisse um passe amanhã, não disse?”

“Lógico. Muitos outros disseram o mesmo.”

“Mas o milagre que Deus vai realizar é especialmente para você, Pyotr Alexandrovich. Quero lhe dizer o que a Bíblia nos ensina.”

Apesar de toda a sua inquietação, o sargento não pôde deixar de interessar-se pelo que o outro estava dizendo. Nunca ouvira aquelas idéias expostas antes

com tanta convicção e firmeza. Os ensinamentos bíblicos constituíam para ele um mundo estranho que provinha de imagens encerradas em museus, ou de histórias esquisitas que escutara acerca dos escritos cristãos. Será que aquele vazio interior, que ele já aceitara como inerente a todo ser humano era mesmo um anseio por Deus, como dizia Ivan? Se é que Deus existia!

“Há uma igreja em sua cidade?”

O sargento fitou-o meio divertido.

“Você quer dizer uma daquelas igrejas para velhinhas? Creio que não.”

“Não são somente as velhinhas que as freqüentam. Muitos homens e jovens vão também. Eles poderão orientá-lo. Vou procurar saber o nome de alguns crentes de sua localidade, mas isto pode levar algum tempo. Os crentes de Kertch devem conhecer alguns.”

“Aqui em Kertch também existem pessoas que crêem como você? E na minha terra também?”

Ivan sorriu.

“Naturalmente. E eles vão ficar muito felizes quando souberem o que Deus fez por você. Como vão glorificar ao Senhor! E irão acolhê-lo com grande satisfação.”

Prokhorov sentia-se cada vez mais incomodado.

“Nos nossos cultos, alguns possuem bíblias; pelo menos um dos pastores tem; talvez quase todos. É possível que lhe emprestem um exemplar, e o instruem a respeito da leitura dela também. Infelizmente, eu não tenho. Por enquanto, você terá que aceitar minha palavra. Vou lhe dizer tudo que posso: vou falar sobre o mundo, o homem, o pecado e o plano de Deus para a salvação da humanidade.”

E assim a noite foi passando; o monólogo acabou se tornando diálogo.

Duas horas antes de soar o toque de alvorada, Ivan orava por seu amigo, e quando terminou, este se espreguiçou em silêncio.

“Moiseyev, minha cabeça está cheia. Acho que não vou dormir, mas muito obrigado, camarada. O dia já vai nascer.”

Ao som da corneta, Ivan despertou imediatamente, sentindo-se vibrar de expectativa. Aquele dia seria maravilhoso. Pela primeira vez, estava ansioso para iniciar o suplício da corrida longa. Talvez se encontrasse com Sergei, e então pudesse lhe contar a experiência de Prokhorov, e o que o Senhor prometera. Entretanto, uma alteração imprevista fez com que fosse dispensado do exercício matutino.

O pão do desjejum não fora entregue, e ele deveria ir a Kertch apanhá-lo. Subiu à boléia da camioneta, e, cantando, ligou a chave de ignição, e partiu.

Uma hora depois, quando retornou ao quartel, ficou surpreso de ver uma certa movimentação nas proximidades da garagem onde os veículos eram estacionados. Curioso, saltou do carro, e correu em direção aos soldados que se haviam aglomerado junto ao portão. Eram seus colegas de pelotão. À sua chegada, um brado de entusiasmo cortou o ar:

“Ivan Vasilievich, o camarada Prokhorov conseguiu a licença. Já foi embora. Estávamos a esperá-lo para lhe contar isto.”

Agora todos rodeavam Ivan, falando animadamente.

Um general ou coronel — não se sabia ao certo — telefonara do quartel-general de Odessa com uma ordem para que fosse dada a Prokhorov uma licença para ir em casa. Ele partira dez minutos após o telefonema. Saíra correndo e saltando como louco, e pulara no furgão do correio que ia para a estação férrea.

Vladimir avançou até o centro do grupo e pegou o braço de Ivan.

“Quando os oficiais nos viram rindo e gritando, vieram aqui fora. Narramos o que se passou ontem à noite, na aula de política. Você precisava ter visto o semblante deles quando dissemos que acontecera

exatamente o que você havia predito. O Major Gidenko procurou saber o que havia, e depois que ouviu o caso todo, mandou alguns soldados apressadamente à estação para trazerem Prokhorov de volta. Eles saíram escorregando e deslizando pela neve, mas quando chegaram lá, viram apenas a cauda do trem desaparecendo na curva. Prokhorov já se fora.”

O Major Gidenko permitiu-se somente alguns segundos de irritação, ao observar, através de seus binóculos, a cena do retorno de Moiseyev ao quartel. Ainda bem que ordenara que o rapaz fosse trazido à sua presença imediatamente. Com certa satisfação, viu Ivan ser afastado do grupo alegre de soldados, e os outros se dispersarem, seguindo para suas atividades. Gidenko supusera que após o tempo cumprido em Sverdlovsk, Moiseyev se aquietaria. Ele enviara ao Comissário Dolotov, de Simferopol, um ofício em que lhe informava que a questão estava sob controle agora. Entretanto, surgira novo problema. O rapaz adquirira certa projeção em sua companhia. Sendo um bom soldado, era bastante admirado pelos colegas, e estes começavam a se interessar por ele e suas idéias batistas. Era simplesmente impossível preparar bem, tanto política quanto militarmente, um pelotão que fora vítima de tantos incidentes desagradáveis. Havia em Moiseyev um elemento indefinível. O Coronel Malsin, agindo em nome de Dolotov, sugerira a Gidenko que resolvesse o caso de vez, ou providenciasse sua transferência para outro pelotão onde não fosse conhecido.

Quanto ao último fato ocorrido, evidentemente, havia algum artifício por trás de tudo. Moiseyev devia manter contato com alguém em Odessa, para saber de antemão que a licença seria concedida. Gidenko sentiu-se subitamente deprimido. Estes problemas tomavam tempo demais, e envolviam muita gente, o que só aumentava sua inquietação. Já não pensava mais que o caso Moiseyev fosse ser resolvido facilmente. Com Prokhorov, porém, a questão seria dife-

rente. Ele sempre tivera sólidas convicções políticas. Algum perturbador devia ter inventado o boato de que o sargento se declarara cristão. Mas isto se esclareceria quando ele retornasse.

Era uma infelicidade que o Coronel Malsin tivesse deliberado encarregar-se do caso pessoalmente. O Polit-ruk contava com oficiais em número bastante para lidar com dez Moiseyevs. Mas Malsin era muito susceptível nestas questões de religião. Gidenko ergueu-se e fez continência ao coronel que entrava neste momento. Uma pena que ele não deixasse o problema em mãos de outros.

“Se não fosse pela popularidade dele entre os colegas, *eu* daria um jeito nele”, disse num forte tom recriminativo para Gidenko.

“Ele é um bom motorista, creia-me. Estou a observá-lo atentamente. Sempre pontual; o veículo sempre em perfeitas condições; sempre sóbrio e correto em tudo. Até já recebeu várias menções elogiosas de vários oficiais. E não está no exército há mais que seis ou sete meses.”

Tempo demais para manter um desafio à autoridade do Exército Vermelho, pensou Gidenko. Era um fato difícil de se entender.

“Eu sei como estes batistas agem”, prosseguiu Malsin. “São teimosos e insubmissos. Além disso, são meio misteriosos, mas sempre procuram cumprir sua obrigação da melhor forma possível. Eles conhecem as leis do país — ou pensam que conhecem — melhor que todos vocês, advogados políticos.”

“Teoricamente, de acordo com a lei, Moiseyev não cometeu delito algum”, respondeu Gidenko. “E estou certo de que ele sabe disso também.”

Abriu a janela para deixar entrar a brisa marinha. A primavera em Kertch era belíssima. Começava cedo, e se alongava bastante. Respirou fundo, e começou a desejar que Moiseyev chegasse logo.

“Que nada!” interveio o coronel. “Se insistir nisto, Gidenko, serei obrigado a duvidar de sua competência. Eu poderia mandar prender Moiseyev neste mes-

mo instante, sob a acusação de agitação. Em primeiro lugar, existem leis — creio eu — que dispõem a respeito de atividades anti-soviéticas e da propagação de religião. Moiseyev já violou a ambas. Depois, há ocasiões — e você sabe disso — em que precisamos colocar a lei de lado, e agir 'administrativamente'."

Gidenko detestava ter que refutar o coronel.

"Infelizmente, o caso Moiseyev não pode mais ser resolvido em sigilo. Ele já se tornou o centro das atenções. Os rapazes de seu pelotão iriam interpretar nossa ação contra ele como sendo anti-religiosa, e isto não deve acontecer. Quando ao fato de suas atividades serem anti-soviéticas, isto está claro para nós, naturalmente, mas pode não estar para eles. O problema não é tão simples assim."

Malsin cerrou o sobrolho numa irritação muda contra Gidenko que acendia um cigarro. A questão fora mal conduzida desde o começo. Cinco dias sem alimentação! Horas e horas sob a neve! Só aquilo já era suficiente para que o moço se pusesse a imaginar histórias fantasiosas de anjos. E agora, vinha este novo incidente tendo o Deus dele como astro principal. O rosto tenso de Malsin foi momentaneamente iluminado pela luz de um fósforo.

"Se averiguarmos bem, veremos que há uma explicação científica para a licença de Prokhorov. Não existem mistérios neste mundo. O que há é muita ignorância."

Ouviu-se uma batida curta na porta, e Ivan foi introduzido no aposento, sob escolta, e a porta rapidamente fechada.

Malsin respirou profundamente. O rapaz era bem simpático, de traços regulares, e olhos firmes e claros. Sua expressão era inteligente, mas continha algo que desagradou o coronel.

"Irei diretamente ao assunto, Moiseyev. Sou o Coronel Malsin, o comandante geral deste quartel. Tenho razões para crer que você é suspeito de atividades subversivas e anti-soviéticas. Para saber que haveria uma licença de saída em favor do Sargento Pyotr

Alexandrovich Prokhorov, você teria que contar com a ajuda de um colaborador em Odessa.”

Gidenko virou-se na cadeira, e ficou a olhar para fora, indiferentemente. Lá embaixo via soldados passando em frente do prédio e erguendo os olhos para o alto de vez em quando. Era sinal de que já correria a notícia de que Moiseyev mais uma vez estava sendo interrogado.

“Já está claramente patente que você faz inúmeras tentativas de conseguir adeptos para suas fantasias religiosas, e deseja atingir o maior número possível de soldados que não tenham fortes convicções acerca de nossa ideologia materialista e socialista. Você procura afastá-los de suas importantes atividades de treinamento e labor comunistas. Como seu comandante, ordeno que cesse imediatamente tais práticas, e confesse seus atos subversivos.”

O major voltou a olhar para dentro da sala, fazendo girar vagarosamente a cadeira. Moiseyev continuava impávido. Também não dissera uma palavra.

“Em primeiro lugar”, prosseguiu Malsin, num tom ainda mais ríspido, “como foi que você ficou sabendo que Prokhorov iria receber a licença? Não chegou absolutamente nenhuma notificação prévia a Kertch. Exijo uma explicação completa.”

“Camarada coronel”, a voz do rapaz soou clara e distinta, “eu não sabia que o Sargento Prokhorov estava para receber a licença. Deus me falou que lhe daria aquela permissão de saída, a fim de provar sua existência. E deu.”

O rosto do coronel ficou afogueado de cólera. Repetiu a pergunta, com maior clareza, como se já não a houvesse feito.

Gidenko desejou que tivesse tomado um drinque. Aquilo prometia durar muito.

A manhã passou; a tarde entrou, pontilhada de demonstrações de fúria e ameaças, e de perguntas elaboradas e dúbias, seguindo linhas que Gidenko já conhecia de sobra. As energias do coronel eram inesgotáveis, mas Moiseyev respondia a tudo calma-

mente, por vezes demorando-se tanto para fazê-lo, que o major começou a pensar que talvez estivesse enfermo. Estando sem café e sem almoço, o rapaz se esgotaria em pouco tempo. Tomara que isto acontecesse, pensou. A entrevista parecia-lhe interminável. Ele teria agido de outra forma, com melhores resultados.

De repente, ouviu o coronel dispensando Moiseyev de volta ao pelotão. Logo que a porta se fechou, Malsin, rosto pálido de ódio, resmungou entre dentes:

“E ele come do pão soviético!”



Os pobres cantam; os ricos ouvem.

Durante todo o verão perdurou a incerteza. Ivan ouvira rumores de que seria transferido para outra companhia. Sabia que Malsin estava decididamente resolvido a livrar-se dele de um jeito ou de outro. Mas a fragrante primavera da cidade portuária dera lugar às belezas do verão, e este ao outono, e ele ainda permanecia em Kertch, atravessando aqueles dias quentes, cheios de uma programação intensa, que não lhe deixava tempo para investigações. Tentou esforçar-se ao máximo, e distinguir-se em tudo: aula de política, tiro ao alvo, ginástica, mecânica, em seu serviço de motorista, nos treinos noturnos, nas manobras de campo. Cada uma destas atividades era, para ele, uma oportunidade para honrar o nome de Deus.

Mas, ao entardecer, ouvira novamente murmúrios sobre sua possível mudança. Estava correndo até a agência de correios do quartel a fim de postar uma carta para sua família, quando ouviu seu nome ser mencionado em um grupo de soldados parados à porta do refeitório dos oficiais.

“Afinal, que foi que Moiseyev fez de errado?” era Vladimir Yakovlevich quem perguntava. “Não é certo que a constituição garante liberdade de pensamento a todo cidadão? É contra a lei ser crente? Qual foi o regulamento que violou para ser interrogado tantas vezes?”

Ivan não conseguiu escutar a resposta do oficial nem a explicação apresentada pelo oficial político.

Um ucraniano forte adiantou-se para o miolo do grupo e indagou:

“Por que ele vai ser transferido? Que foi que ele fez para ser afastado desta companhia?”

Alguém começou a responder, mas Ivan não ouviu, pois entrara na sala do correio. Sua mão tremia, ao contar as moedas para o selo. Qualquer incidente agora servia de pretexto para o oficial político iniciar outra série de interrogatórios. O Coronel Malsin e o Major Gidenko ficariam furiosos se viessem a ter conhecimento de que os soldados estavam a defendê-lo.

A estradinha para a sala de reuniões apresentava inúmeras marcas de pneus. Eram da caminhonete que transportava a lenha para os fornos da cozinha. Os sulcos estavam recobertos de um pó fino que se apegava às suas botas. Em outras partes do mundo deveria haver muitos crentes, pensava ele, que eram livres e testemunhavam de sua fé em Cristo, abertamente. Seus olhos buscaram os campos verdejantes à distância. Antigamente, aquele país era chamado de “Santa Rússia”, lembrou-se. Mas agora não era mais.

Algumas folhas dançaram à brisa do entardecer, caindo lentamente ao chão, cobrindo-o de tons dourados. Embora seu futuro fosse incerto, o Senhor era para ele um porto seguro. Sua mão nunca falhava. *Glória, glória, glória ao Deus altíssimo; ao santo, digno, maravilhoso, poderoso Deus! Príncipe da paz!* Ergueu o rosto, sentindo intenso gozo. Brilhantes chamas de fogo luziam nos céus com um tal esplendor que as primeiras estrelas desapareceram momentaneamente.

Assustado, Ivan apoiou-se ao tronco de uma árvore do bosque ao lado da estrada. Todo o céu parecia arder em chamas, que, no entanto, não desciam à terra. Enquanto, deslumbrado, contemplava a cena, sentiu-se inundado por suaves ondas tépidas que desfizeram seus temores. Depois percebeu que algu-

mas letras se formavam no meio das labaredas. Tão arrebatador era o espetáculo, que Ivan o olhava meio fora de si, sem entender direito o que se passava. De repente, sobreveio-lhe uma sensação interior que lhe ordenava: *Leia!*

E então, como uma criancinha que ainda está aprendendo a soletrar as palavras, ele leu letra por letra. *Ya pridy Skoro.* (Eis que cedo venho!) Estranhamente, as palavras eram vivas e pareciam saltar de contentamento, e o seu gozo se comunicou a Ivan, e encheu seu coração. Elas se repetiam e repetiam, como se dançassem festivamente.

Quase com desespero, ele se deu acordo de que a visão estava-se esvaindo. As chamas desapareciam na escuridão da noite, e num instante dissolveram-se totalmente. E ele se deixou ficar ali, talvez por um breve momento, pois um colega que se dirigia para a classe, pegou-o pelo braço.

“Vamos Moiseyev. Não é hora de devanear. Chegaremos atrasados à aula.”

Ivan seguiu-o, mecanicamente. Era-lhe impossível dizer qualquer coisa, pois tinha a sensação de que seu coração se partia. O companheiro falava animadamente, enquanto caminhavam. Ivan procurou escutar o que ele dizia, e acenar a cabeça vez por outra. Procurou entrar no prédio normalmente, e encaminhar-se para sua carteira de modo bem natural. Depois, como os outros, fez suas anotações, tentando acompanhar a preleção rápida do professor. Terminada aquela aula, fechou a pasta e foi para a seguinte, depois para os exercícios noturnos, para o alojamento e por fim, para a cama. Quando a corneta soou no meio da noite, convocando-os para um ataque simulado, ainda estava despertado, imerso em um enorme gozo que o impedia totalmente de dormir. Durante o primeiro treinamento, e no segundo — que se seguiu ao primeiro quase imediatamente — e pelo restante da noite, ficou a orar, alimentando um forte desejo de que o anjo não tivesse dito que ainda havia muito trabalho para ele realizar na terra.

Os primeiros raios de sol que vieram tirar Ivan do leito, ainda glorificando a Deus, apenas irritaram o Coronel Malsin. Ele tossiu fatigado, esforçando-se para levantar, e lembrando-se da razão por que aquele dia seria tão desagradável. Do quarto, ouvia sua esposa na cozinha preparando o desjejum e conversando em voz baixa com o filhinho. Havia um odor de peixe no ar. Escutou quando ela derramou a água no samovar para fazer o chá.

Ah! Neste dia, o pelotão 61968T receberia a incumbência de ir trabalhar na colheita em Zhostena. Era o pelotão de Moiseyev. Desgostava-lhe deixar uma tarefa mal concluída. O problema era que o rapaz conquistara a simpatia de muitos dos seus colegas de pelotão. Isto era bem compreensível. Possuía forte personalidade, era aplicado em tudo, estava sempre pronto a auxiliar os outros. Naturalmente tudo não passava de uma estratégia para difundir sua crença. Mas Gidenko tinha razão. Judicialmente, ele não fizera nada de errado. E fora bastante inteligente, atraindo para sua pessoa o máximo de atenção possível.

Malsin pôs-se a mexer o chá com uma colherinha. Sua esposa Galina fitava-o pensativamente.

“Não estou gostando muito deste negócio de Moiseyev seguir com o pelotão para a colheita”, disse por fim. “Deveríamos tê-lo transferido para outro grupo onde fosse menos conhecido. Poderíamos ter tomado as providências em sigilo e com rapidez.”

“Tudo isto me deixa muito nervosa; estas estranhas histórias que se contam dele. Você diz que podem ser explicadas cientificamente, mas...” sua voz foi morrendo lentamente, e seus olhos se voltaram para a janela, fitando o céu que clareava.

Malsin tomou o chá tão depressa que sapecou a língua.

“O que está dizendo, Lena? Logo você, uma professora soviética, duvidar de que a ciência ofereça explicações para estas coisas? Isto é um absurdo.

Você, cuja tarefa é instruir os pequeninos nos ensinamentos marxistas e leninistas!”

Impulsivamente, ela se inclinou para ele. Seu cabelo meio grisalho era tingido de uma cor moderna, e uma mecha dele lhe caiu sobre o rosto. De repente, seus olhos azuis se revestiram de uma expressão brincalhona.

“Não precisa se irritar comigo, Volodia. Será que, de vez em quando, você também não acha este materialismo científico meio *tedioso*? Claro que acha.”

Malsin olhou de soslaio em direção ao quarto onde seu filho se aprontava para sair, e sua esposa continuou.

“Você não se admira do fato de que alguns dos nossos melhores cidadãos — alguns dos mais laboriosos e honestos — sejam justamente estes batistas?”

“O que me admira é ouvir uma mulher de sua formação e posição fazer um comentário destes.”

Ela não procurou disfarçar um suspiro de impaciência, com o que ele se enfureceu ainda mais.

“Esta idéia de Deus”, continuou ele mais nervoso, “é apenas uma explicação fácil para alguns fenômenos que ainda não compreendemos, embora sejam bem naturais. Ou então — o que é pior — *Deus* é um nome que tem sido usado pelos séculos a fora, em nosso país, para apoiar atos de crueldade e hipocrisia, coisa que você não desconhece.”

Sua língua ficaria dolorida o dia todo, pensou. Jogando alguns papéis dentro de uma pasta, ele ignorou a travessa de peixe que a mulher depusera sobre a mesa.

“O câncer da religião precisa ser extirpado de nossa sociedade, se é que desejamos que o comunismo triunfe completamente. Como é que poderemos progredir e avançar para o século XXI, se ainda existem pessoas amarradas a preconceitos religiosos que *não* conseguiram superar? Onde está o novo homem soviético?”

Galina hesitou um pouco e depois disse:

“Mas Volodia, não é certo que a campanha anti-religiosa deve empregar apenas armas ideológicas, já que as táticas de repressão só fazem aumentar o fervor religioso? Você não está pensando em utilizar tais métodos com o jovem Moiseyev, está?” indagou ela, uma lembrança súbita anuviando-lhe o semblante.

“Quando eu tiver de dar satisfações a uma professora a respeito de minhas táticas militares”, replicou impaciente, “entrarei na fila da escola.”

Saiu sem bater a porta. Um ponto a seu favor, pensou.

As semanas passadas na plantação, dormindo em tendas sob o vasto céu ucraniano, escoaram-se rapidamente para Ivan. Os outros soldados, principalmente os que se haviam criado na cidade, logo se cansaram do penoso serviço da colheita e da insípida paisagem campestre. Os empregados da fazenda estatal, com sua fala simples e suas mãos encardidas, não apresentavam nenhum motivo de interesse para eles, e, de noite, sempre ficavam a bocejar desinquietos nas tendas, ou lendo ou jogando xadrez, desejando que aquele período de trabalho se encerrasse logo.

Mas, para Ivan, aquilo era como estar em sua casa, embora a fazenda coletiva onde seus pais trabalhavam não fosse tão grande quanto esta, e nem a colheita semelhante. Todavia, a sensação de ter o sol batendo nas costas, o cheiro que se desprendia da terra, os gritos que se ouviam à distância e ecoavam no ar, às vezes faziam-no esquecer-se de onde estava e quase se erguia à ilusão de que seus irmãos ou sua mãe estavam ali por perto.

Foi também um período de descanso e de renovação de suas energias espirituais, e que se encerrou depressa demais para ele. Agora, estava sentado no seu Zil-164 com o eixo de transmissão inutilizado, observando o carro que o rebocava. O grupo de veículos do exército carregados de terra e transportando os soldados que regressavam a Kertch, serpeavam pelas colinas do interior, em direção à cidade.

De repente a tranqüilidade dos pensamentos de Ivan foi perturbada por um barulho forte de batidas sob o caminhão. Buzinou ruidosamente para chamar a atenção de Fyodor Tarusov, no reboque. Estavam-se aproximando do topo de um morro, e Fyodor conduziu os veículos para o acostamento, e saltou ao chão juntamente com Alexi Kuprin.

“Será a junta universal?” opinou Alexi.

Ivan acenou que sim, saltando também para o ar frio da noite.

“Dê-me uma lanterna e a caixa de ferramentas. Vou desligar o eixo de transmissão. Puxe o freio de mão.”

Um cão ladrou de longe. Uma coruja piou. Não havia estrelas no céu. Fyodor deu uma olhada rápida no relógio deixando escapar uma exclamação de desagrado.

“São dez horas. Não vamos dormir quase nada.”

Mesmo à luz fraca da lanterna, Ivan viu que realmente fora a junta universal. Bufando levemente pelo esforço, ele conseguiu arrastar-se para debaixo do caminhão. Correu a mão pela caixa à cata de uma chave, e depois conseguiu desmontar a junta. No instante em que sentiu o caminhão mover-se compreendeu que Alexi não havia puxado o freio. Jogou-se para um lado tentando rolar de debaixo do veículo em movimento. Soltou um grito desesperado: “Engate a ré!”

O mais estranho de tudo que se seguiu foi que, em meio à dor, ele estava perfeitamente cômico de tudo que ocorria. A roda traseira esmagando o seu peito e ombro, o horror estampado no rosto de Fyodor, o zumbido (rouco) do motor com Alexi tentando engatar a ré, no carro reboque; sentiu o cheiro forte da borracha dos pneus e do óleo, ali na escuridão, sob o veículo. Com o canto dos olhos, viu a lanterna que rolara para a estrada. No seu foco de luz, voavam vários insetos miúdos. A dor no peito aumentava terrivelmente quase lhe tolhendo a respiração. Perce-

bia claramente que Alexi não conseguia engatar a ré. Por certo, muito breve estaria com o anjo.

“Jesus! Jesus!”

Com um leve solavanco, o motor roncou, e os seis pares de roda deram marcha ré. Ivan arrastou-se de debaixo do caminhão, e tombou na estrada, caindo em cima do braço ferido.

Quando abriu os olhos, a dor era como uma chapa incandescente em seu corpo. Ao redor de sua cama achavam-se alguns médicos. Por trás deles, viu uma parede branca e uma janelinha estreita, com cortinas brancas de algodão. Tentou falar, mas seus lábios estavam crestados pela febre.

Percebendo a interrogação que havia em seus olhos, uma médica inclinou-se bondosamente para ele.

“Você foi transportado para o Hospital Militar de Simferopol, Ivan Vasilievich.”

Sua voz era suave, mas sua fisionomia permanecia impassível. Ela retirou o termômetro de sob o braço do rapaz.

Uma enfermeira aproximou-se e passou um pano úmido e bem frio em seu rosto. Ele tentou chupar a água do pano, quando este tocou sua boca. Ela sorriu, e chegou-lhe um copo aos lábios. O menor movimento parecia abrir comportas de dor. Mesmo respirar de leve custava-lhe um imenso esforço. Ela depositou o copo sobre a mesinha de cabeceira, e ele acompanhou seu gesto com o olhar. Seu braço direito achava-se fora dos cobertores. Olhou para ele grandemente espantado. Sua mão, o punho e a parte do braço que não estava oculta pela tipóia, tinham uma cor acinzentada. Pareciam não pertencer-lhe mais. Era impossível mover, por pouco que fosse, os dedos inchados. Com a esquerda, tocou o punho direito e as costas da mão direita, gelados. Entretanto, o resto de seu corpo estava em fogo.

A enfermeira ajudou-o a elevar-se um pouco mais até quase sentar-se, e ele bebeu mais água, avidamente. Notou então que se encontrava numa ampla

enfermaria. Alguns dos outros pacientes deviam estar bem mal, pois ao lado de suas camas frascos de soro gotejavam em finos tubos de plástico transparente, a par com o chiado soturno dos aparelhos hospitalares. Alguns dormiam. Outros eram convalescentes e caminhavam, envergados como velhinhos, do leito para uma cadeira, ou então liam assentados. Alguns outros — bem poucos — fitavam Ivan com muito interesse.

A moça afastou-se levando a bacia e a compressa. Ele fechou os olhos e começou a orar.

À hora do jantar, um cirurgião veio ao quarto e informou-lhe que sua operação estava marcada para a manhã seguinte. Tinham mandado buscar um especialista para realizar a cirurgia. O braço direito — o que estava frio — teria que ser amputado. A parte de seu pulmão que fora afetada também seria removida.

Ivan ficou a olhar o médico que se retirava, parando junto a alguns leitos, encaminhando-se com passos cansados para o corredor. Sua bata branca ia de um para outro doente, detendo-se aqui, acenando para outro ali, os ombros inclinados denotando fadiga. Depois que ele saiu, cada um deles voltou a se concentrar em sua luta pessoal ou com a dor, ou com a depressão, ou com a solidão. Um forte sentimento de aversão às palavras do homem invadiu a mente de Ivan. O coração pulsava-lhe violentamente junto ao pulmão lesado. A idéia de seu corpo sem braço começou a horrorizá-lo. “Ouve, Senhor, a minha súplica, e cheguem a ti os meus clamores. Não me ocultes o teu rosto no dia da minha angústia; inclina-me os teus ouvidos; no dia em que eu clamar, dá-te pressa em acudir-me.”

Foi dominado por um forte desejo de sair da cama. Sentia-se caindo num profundo fosso de sofrimento, no qual não poderia orar e nem ter esperanças. Impulsionado pela angústia, arrastou-se até a beira do leito, e colocou os pés no chão. Procurou desesperadamente equilibrar-se enquanto a dor lhe toldava a visão. O desespero lhe dava forças para respirar.

Todos os outros pacientes fixavam os olhos nele, entre espantados e aterrorizados.

“Ao Senhor ergo a minha voz e clamo, com a minha voz suplico ao Senhor. Derramo perante ele a minha queixa, à sua presença exponho a minha tribulação. Quando dentro em mim me esmorece o espírito, conheces a minha vereda. A ti clamo, Senhor; e digo: Tua és o meu refúgio, o meu quinhão na terra dos viventes. Atende ao meu clamor pois me vejo mui fraco.”

Uma enfermeira que passava parou à porta, e depois entrou no quarto com passos lentos.

“Tira a minha alma do cárcere, para que eu dê graças ao teu nome: os justos me rodearão, quando me fizeres esse bem.”

Tomando Ivan pelo braço esquerdo, ela o guiou de volta à cama. De repente, ele sorriu.

“Quando me fizeres esse bem.”

Viu quando ela limpou o suor de seu rosto com um pano úmido, mas logo em seguida mergulhou na inconsciência.

Eram 6:00 da manhã quando despertou. Durante os primeiros momentos ele ficou imóvel, procurando reter a agradável sensação deixada pelo sonho que tivera. Pouco a pouco, foi percebendo que estava deitado de costas, e não do lado esquerdo como estivera antes. Sua respiração era regular e calma. Cautelosamente, começou a respirar fundo. Seus braços achavam-se dobrados acima da cabeça. Correu os olhos pela enfermaria ainda imersa no silêncio do sono. Começou a glorificar ao Senhor, em voz suave, pelo imenso alívio recebido em sonhos. Com muito cuidado, desceu o braço direito, colocando-o paralelo ao corpo. Estava perfeitamente são, as unhas rosadas, a pele ainda levemente tisonada pela exposição ao sol durante o trabalho da colheita. Apoiando-se com as duas mãos, ele se sentou; depois pôs-se de pé. Rindo de satisfação ao notar que o sonho era realidade, esmurrou de leve o travesseiro, e alisou as roupas da

cama. Levou as mãos à cintura e exercitou-se, flexionando o tronco.

Completamente dominado por uma onda de felicidade, ajoelhou-se ao lado do leito, murmurando frases de louvor a Deus. "Louvai ao Senhor! Louva, ó minha alma ao Senhor. Louvarei ao Senhor durante a minha vida; cantarei louvores ao meu Deus enquanto eu viver. O Senhor abre os olhos aos cegos, o Senhor levanta os abatidos, o Senhor ama os justos. Louvai ao Senhor."

Eventualmente, outros doentes despertaram; um paciente de um leito próximo gemia; mais além, outro tentava pegar um copo de água. A luz do dia punha estrias claras no céu azul-cinza que se entrevia pela janela.

O sonho tornado realidade maravilhava Ivan. Com um suspiro de satisfação, enfiou-se novamente entre as cobertas. Imaginou-se flutuando num delicioso sono.

A enfermeira estendeu o braço, num gesto mecânico, e retirou o termômetro da gaveta da mesinha de Ivan. Ele abriu os olhos e fitou-a sonolentemente. Quando ela se virou para ele, sua mão paralisou no ar, com o instrumento ainda entre os dedos. Um instante depois, afastou-se a correr.

Passos apressados entrando na enfermaria despertaram-no pela segunda vez. O cirurgião acompanhava a enfermeira. Outros médicos também entravam no quarto. Todos pareciam grandemente espantados.

Ivan assentou-se num instintivo ato de defesa. Que estaria acontecendo? De repente, foi tomado por imenso gozo. Assentara-se! Olhou para as mãos. A tipóia jazia ao pé da cama, sobre as cobertas. Começou a respirar fundo, deslumbrado. Esfregou as mãos; separou-as desfrutando intensamente daquele sentimento de satisfação.

O médico estava nervoso. Viu-o gaguejar, à cata do que dizer. A enfermeira afastou-se um pouco do leito.

Por fim, com ligeiro tremor na voz, ele disse: “Posso verificar sua temperatura, camarada Moiseyev?”

Ivan sentiu o rosto afogueado de felicidade.

“Mas está claro que não é necessário tirar minha temperatura, camarada doutor.”

O cirurgião continuava a encará-lo. Resolveu colocar o remédio sobre a mesinha. Tomou a mão direita do rapaz e apalpou-a com as pontas dos dedos. Vagarosamente arregaçou a manga da túnica de hospital, e examinou o braço de Ivan, fitando alternadamente o rosto radiante do rapaz.

“Compreendi que o senhor não poderia salvar meu braço”, explicou Ivan, observando a palidez do rosto da enfermeira, e notando que outras pessoas haviam se aglomerado à sua volta. “Por isso”, continuou, “recorri ao meu médico celestial, e ele me curou esta noite. Veja!”

Com um sorriso, o rapaz afastou a roupa de cama e colocou-se de pé.

“Ontem eu estava muito mal, e com a temperatura bem elevada”, disse.

A enfermeira confirmou com um aceno de cabeça, e começou a tremer.

“Agora vou mostrar-lhe o que o meu Deus faz.”

E dizendo isto, entregou o termômetro ao homem que o sacudiu e colocou-o sob a língua de Ivan. Alguns dos outros pacientes também se acercavam do leito. Outros interrogavam-se mutuamente, tentando saber o que sucedia, e a informação era passada de um para outro.

O médico retirou o termômetro.

“Temperatura normal, Moiseyev. Mas volte para a cama, por favor.”

Era uma ordem muito difícil de obedecer. Sua vontade era saltar, gritar, encher aquele lugar de louvores a Deus. Depois que os médicos e outros funcionários do hospital se retiraram, ele se ergueu um pouco, firmou-se num dos cotovelos, e narrou aos estupefatos companheiros de enfermaria o que Deus lhe fizera enquanto dormia.



O que recebemos com o leite materno, só nos deixa com a alma.

O Tenente Coronel Malsin atirou o livro de relatórios sobre a escrivainha. Nunca uma chamada telefônica o enfurecera tanto. O cirurgião de Simferopol era um idiota incompetente. Ontem mesmo, ele os informou de que Ivan Moiseyev iria ser submetido a uma operação melindrosa. Muito bem. Se não podiam salvar seu braço, que o amputassem. Pelo menos, o rapaz ficaria afastado do quartel bastante tempo. É claro que ele entendia perfeitamente. Suas condições eram críticas. Certamente que eram. Podia considerar o caso como encerrado. Malsin teve que reconhecer que experimentara certo alívio ao saber que Moiseyev não voltaria a Kertch. Ao que parecia, os fados haviam se encarregado do rapaz, por ele. Moiseyev ficaria incapacitado para o serviço militar, e, provavelmente, receberia baixa. De qualquer modo, não causaria mais problemas ao quartel de Kertch.

Agora, o médico telefonara para dar uma notícia absurda. A cirurgia não seria mais efetuada. Vários médicos haviam examinado Ivan Moiseyev e declararam-no curado, miraculosamente curado. Um homem de ciência conversando a respeito destas baboseiras de milagre. O paciente que ainda ontem estava em condições críticas já fora liberado do hospital, e tomara o ônibus de volta à sua companhia. Um

homem de ciência! Malsin cuidaria para que o fato fosse relatado ao comando. Obviamente, tratava-se de um incapaz, desequilibrado. Malsin iria recomendar que fosse examinado por um psiquiatra.

Sua voz tremera ao telefone. O coronel precisara procurar ignorar o tom de sinceridade que percebera em suas palavras.

“Coronel, pela primeira vez na vida, estou vendo que Deus existe. Ele curou Moiseyev. O rapaz goza perfeitas condições de saúde. Mesmo que eu tratasse dele durante meses e meses, não conseguiria tal recuperação.”

Que terrível era ver alguém tentando disfarçar a própria incompetência. Se tinha havido um tremendo engano no diagnóstico, seria melhor reconhecer isto abertamente, e agüentar as conseqüências. Com fria satisfação, Malsin preencheu o relatório da *alta* médica de Ivan. Cada palavra que aquele cirurgião do exército pronunciara acerca de milagre e de Deus seria comunicada a Moscou. Tocou a campainha, convocando o auxiliar para bater o relatório.

Respirou profundamente ao servir-se de uma dose de vodca. O Polit-ruk estaria à espera de Moiseyev quando chegasse.

Ivan passou grande parte da viagem de volta orando e louvando a Deus em espírito, observando a paisagem interiorana que, neste fim de novembro, desfilava pela sua janela, envolta numa capa cinzenta de geada. Breve deveria nevar. Os lavradores trabalhando nos campos acenavam uma saudação calorosa ao ônibus que passava. Povoados, que lhe lembravam sua cidadezinha natal, pareciam encolher-se nos recortes de terra fria, buscando preservar um pouco do calor que se esvaía. Criancinhas, engordadas subitamente pelo aumento de vestuário, de pé ao lado de poças de água congelada, olhavam o veículo, ponderando no mistério que ele representava para elas, enquanto suas amas se inclinavam pacientemente e lhes sussurravam ao ouvido. Ele gostava daquilo, de

contemplar o povo, a amplidão dos céus, as plantações, os homens carregando os caminhões com as últimas caixas de repolho. Por alguns instantes, ele se esqueceu de suas tribulações, e ficou recostado à janela, orgulhoso de pertencer àquela imensa caudal de vida que era a União Soviética.

“Já me sucedeu várias vezes”, escrevera ele a seus pais, “que logo após uma poderosa manifestação de Deus em mim, Satanás me ataca com toda a sua fúria e procura prejudicar-me da pior forma possível.”

Agora que se achava a apenas algumas horas de Kertch, tentou preparar-se para o que talvez o esperasse no quartel. Mas mesmo assim ficou aturdido ante a maneira repentina e a rudeza do ataque inimigo logo ao seu retorno.

O comissário Dolotov enviara uma ordem diretamente de seu centro de operações na Criméia. A ordem era: “Moiseyev tem que ser subjugado.” Os cabeças do Polit-ruk e do comando militar eram responsáveis perante ele pelo caso Moiseyev. O rapaz já prestara um ano de serviço militar e ainda continuava cristão declarado. Não deveria haver mais incidentes em seu pelotão. Outros erros na condução do caso, e tanto Gidenko como Malsin estariam acabados.

Mal Ivan terminara de desfazer as malas, e já estava sendo chamado a comparecer à presença de um e de outro. Foi interrogado, interpelado, advertido, ameaçado. Era convocado durante as aulas, no meio das refeições, durante a noite.

Sabia-se que antes de entrar para o exército ele participara de atividades ilegais, numa igreja clandestina. Era fato provado que estava engajado em ação subversiva no exército. Quantos soldados já não atraíra para os ventos de suas fantasias; homens que foram tirados de seus afazeres para se darem a conversações e atos secretos? a qualquer momento ele poderia ser sentenciado a sete anos ou mais de detenção e ser enviado para um campo de trabalhos forçados por causa de suas práticas anti-soviéticas, de

acordo com o artigo 58, parágrafo décimo, do código penal. Ele estava sempre alheio às exigências de seu treinamento militar; parecia freqüentemente ausente das aulas e períodos de instrução. Havia laudas e laudas de queixas contra ele vindas dos oficiais seus superiores. Ele era insubordinado. A KGB estava realizando um inquérito a seu respeito. Ele iria ser submetido a um exame psiquiátrico, um exame médico e um inquérito policial. Se existe mesmo um Deus, como é que ninguém acredita nele? Conheceria ele as declarações de Marx, Engels e Lenine com referência a Deus? Ou quem sabe ele era surdo?

O interrogatório era conduzido aos berros, e às vezes durava horas e horas. Ivan tentava não escutar; era-lhe desnecessário, pois as perguntas eram meramente retóricas. Quando os inquisidores desejavam uma resposta, repetiam a pergunta enfaticamente, dando-lhe um soco nas costas, ou na cabeça, “para despertá-lo”, e nos longos intervalos entre uma e outra ele se concentrava em oração.

“Por que se mostra sempre refratário às atividades culturais? Por que alguns dos soldados do batalhão, que não pertencem ao seu pelotão, o procuram com indagações? Quem são eles? Confessa que tem tentado converter outros para sua religião? Sabe que tal procedimento é proibido por lei? Sua obstinação em desobedecer pode ser interpretada como um desejo de suicídio. Até sua religião desaprova o suicídio... Você está passando por uma crise religiosa, com estas histórias de anjos e curas. Então não sabe que tais coisas se acham em oposição frontal à filosofia do comunismo científico de Lenine? Isto que você diz, que a vida sem Deus não tem propósito algum, é simplesmente uma desintegração do consciente. Quem são seus cúmplices de Odessa? Quando foi a Odessa? Suas respostas, são, todas elas, muito incoerentes. Não existe um mandamento em sua religião que proíbe mentir? E sua fidelidade ao Estado soviético? Você já não quebrou seu juramento de lealdade ao exército? Como é que nós, os ateus, não enganamos

ninguém, mas vocês, crentes, enganam o Estado realizando reuniões secretas, e editando publicações ilegais? Vocês estão à margem da nossa sociedade...

“Quem nega a filosofia marxista é um inimigo nosso em potencial. Você não pode ser considerado cidadão soviético. Aderiu a um grupo de corruptos, e contra eles o Estado deve lutar. No exército mais que em qualquer outro seguimento da vida soviética estamos edificando o comunismo. Como pode insistir em afirmar que é um soldado leal, se, no entanto, com suas crenças, procura minar o sistema filosófico científico do exército e dos povos soviéticos?”

Algumas vezes o próprio Malsin se juntava a Gidenko nos interrogatórios. Nestes momentos, era ele quem conduzia a inquirição — a voz tensa pela frustração. Moiseyev era insubmisso; não acatava as instruções; rejeitava conselhos, e continuava a crer e divulgar uma ideologia individualista e fanática, com o objetivo de abalar a estabilidade e o bom andamento do preparo de seu pelotão e divisão, dentro do exército soviético.

E, então, abruptamente, ele era dispensado. Assim, ele se via outra vez atirado dentro de uma sala de aula ou de um período de instrução, tendo que procurar colocar-se em dia com as matérias, ao lado dos outros, fazer as provas, responder às perguntas. Se falhasse ou não conseguisse realizar o que lhe era solicitado, lá se registrava uma queixa contra ele, e Ivan tinha que ver, desconsolado, mais uma vez seu nome figurar na lista dos relapsos.

E, lentamente, aquele inverno foi avançando, e entrou a primavera de 1972, tudo lhe parecendo um pesadelo turvo, que se movia em câmara lenta, fora de foco. Ivan sabia que a estafa e o frio unidos à incerteza de sua situação acabariam por desgastá-lo. Havia curtos períodos de recesso, em que ele participava normalmente das atividades rotineiras do exército, antes de ser chamado de volta às entrevistas, interrogatórios e reuniões com oficiais. Mas, apesar de tudo, ele derramava seu coração a Deus diariamente.

Descobrira que o quartinho-armário de seu dormitório dava para uma saída de incêndio, e, por isso, a porta de acesso a ele ficava aberta a noite toda. Na parede oposta havia uma janela que se abria para a escada que descia rente ao prédio, e terminava embaixo na rua. Nas noites mais amenas, ele escancarava a janela, e, apoiando os cotovelos no assento de uma cadeira, ajoelhava-se diante dela para orar, durante horas e horas, respirando a brisa suave que soprava do mar Negro. Havia um poder reconfortante no silêncio profundo do compartimento. As fardas enfileiradas ali abafavam a bulha de suas orações e lágrimas, e o som dos hinos que entoava em voz baixa, para não despertar os soldados que dormiam no aposento contíguo.

Quando os campos das redondezas começaram a reverdecer, sentiu a saudade apertar-lhe o coração. Algumas vezes, encontrava-se desanimado demais para orar. Ultimamente, parecia que suas declarações aos líderes políticos e aos advogados estavam ficando confusas. Ele via, pelas suas expressões, que o haviam apanhado em alguma afirmação dúbia, e aquilo lhes agradava. Durante os interrogatórios, sua mente vagueava muito. Pensava na Moldávia e na pequena comunidade onde seus pais residiam em uma fazenda coletiva.

Nesta noite, a lua, que entrevia pela janelinha do quartinho, atravessou o céu num trilho de nuvens. Era a mesma lua que surgia por trás dos vinhais de Volontirovka. Ivan estava abatido. No dia seguinte teria que comparecer no gabinete de Malsin, antes do desjejum.

“Senhor Jesus!”

A quietude do ambiente tornou-se ainda mais profunda.

“Jesus, não sei quanto tempo ainda vou suportar.”

Ele debruçara a cabeça sobre os braços cruzados na cadeira. Às vezes, cochilava, esperando sentir a bênção do Senhor. Acudiu-lhe à mente uma música; deixou-se embalar por ela, à aragem tépida que entrava pela janela. Um braço passado sobre o ouvido

impedia-o de escutar claramente a melodia. Girou a cabeça ligeiramente na direção de onde provinha o som. Um raio de luz incidiu sobre suas pálpebras cerradas. A música tornou-se mais celestial ainda.

Uma espécie de choque já seu conhecido colocou-o de pé num instante. Correu à janela. Para os lados do ocidente, o céu antes escuro apresentava-se iluminado por um exército de anjos. Seus mantos translúcidos pareciam tecidos de luzes de várias cores, e seus rostos brilhavam com uma beleza agreste. Davam a impressão de que se moviam, mas sua posição no céu nunca se alterava, enquanto seu cântico como que se expandia e enchia a noite.

Em todos os recantos desta terra atribulada
Onde quer que haja homens
Jorra a verdade do evangelho
Em torrentes de uma fé pura e poderosa.

Após alguns instantes, a luz foi-se esmaecendo, mas o céu já não estava tão escuro. Vagarosamente, ele foi tomando uma cor cinza-pérola. Era o alvorecer. Chorando de arrependimento e alegria, Ivan ajoelhou-se louvando e adorando a Deus. Uma profunda calma reinava no lugar. Nem um pássaro se ouvia ainda. À sua mente veio então aquela Voz inconfundível.

“Isto é para o conforto de sua alma. Amanhã você não será interrogado. Em breve sairá daqui.”

Malsin ficou furioso ao constatar que Moiseyev deixara o quartel a serviço, dirigindo um veículo. Ele próprio assinara uma ordem no sentido de que ele não deveria mais sair. Era o tipo de engano que não tolerava: extraviar-se uma notificação destas, como se fosse coisa de criança. Ela teria que ser encontrada, e o responsável seria punido. A saleta adjacente ao seu gabinete era um verdadeiro campo de batalha: retirando-se pilhas de papéis das gavetas, revistando-se cestas de lixo.

“Você viu a ordem?” — “Ela não foi enviada ontem à tardinha ao sargento de pelotão?” — “Você

pode ver que não está comigo. Isso não tem nada a ver com meu serviço.” Uma cesta de arame foi revirada no chão, e os papéis voaram para todos os lados, como as folhas de uma árvore, em meio a uma ventania. A porta da saleta bateu. A ordem estava mesmo perdida.

Era agradável estar outra vez na estrada, pensava Ivan; era bom estar rodeado pela vastidão dos campos. O furgão rodava suavemente sobre o asfalto, com sua carga de pão arranjada atrás, e a porta fechada a cadeado. Uma cerca viva ladeava este trecho da rodovia, e o rapaz olhava para ela freqüentemente, apreciando os pássaros que saltitavam por ali. O suboficial que viajava ao seu lado era um militar de carreira, um ucraniano de bom temperamento. Adquirira um melão em um dos povoados que haviam atravessado, e agora devorava-o ruidosamente, tirando as talhadas com um canivete. De vez em quando, cruzavam com pesados carroções de madeira, puxados por pares de cavalos.

De repente, sem qualquer aviso, Ivan ouviu — ou pensou ter ouvido — uma voz interior dando-lhe uma ordem:

“Ivan, diminua a marcha!”

Deu uma olhada rápida para o velocímetro. A agulha indicava 60 km por hora. O ucraniano continuava a saborear sua fruta — o suco escorrendo pelo queixo e pingando no piso, entre os joelhos.

Era impossível que Deus estivesse-lhe falando para diminuir a marcha. Já estavam rodando a uma velocidade bem moderada. Agora a cerca terminara, e via-se todo o campo, que naquele ponto era cortado por um longo trilho, ladeado de arbustos, e desaparecia na distância.

“Ivan, diminua a marcha!”

Ergueu os olhos para o retrovisor. A estrada atrás dele estava vazia; na frente também. Vadim Harmansky atirou fora a casca, e limpou a boca na

manga da camisa. Fechou o canivete, e, soerguendo-se ligeiramente no assento, recolocou-o no bolso.

Algo caiu na estrada, e Ivan dirigiu o olhar naquela direção. No mesmo instante, Harmansky exclamou espantado:

“Hei, camarada, lá se vai um de nossos pães.”

Outro objeto de cor parda rolou pela estrada. Foi como se uma luz se acendesse subitamente. *Deus está-nos detendo!* Imediatamente, Ivan compreendeu tudo. Dirigiu o veículo para o acostamento, e brecou. O oficial saltou da boléia e correu à traseira do carro.

“Olhe só para isto, camarada. A porta está trancada, e o cadeado intacto.”

Virou-se para a estrada e viu-a pontilhada pelos pães que haviam caído do transporte. Abrindo-o rapidamente, examinaram o interior do furgão: faltava metade do carregamento. Ficara espalhada na estrada.

Harmansky coçou a nuca pensativamente.

“Diga-me uma coisa, Ivan. Nós dois trancamos as portas”, disse sacudindo a cabeça como se quisesse afastar um pensamento importuno. “A fechadura está intacta, mas o pão está caído na estrada. Trabalho com este carro há seis anos, e isto nunca aconteceu antes. Era impossível ele ter-se aberto sozinho. E nós o fechamos cuidadosamente; tenho certeza.”

Ivan também se mostrava perplexo.

“Eu também estou certo disto.”

Inclinou-se e pegou um dos pães.

“Pouco antes, no caminho, Deus me falou para diminuir a marcha, mas não vi motivo para isso, e não parei. Ele me falou novamente, e eu não obedeci. Agora, ele me obrigou a parar.”

“É. Eu sei que existem umas fábulas desse tipo na Bíblia. Minha ama costumava contá-las para mim, quando eu era criança.”

Ele retirou o quepe e coçou a cabeça, enquanto Ivan recolocava o carro em movimento de volta à rodovia, e tomando a direção contrária, a fim de reaver os pães caídos. Um ônibus *Ikarus* passou por eles velozmente, cheio de turistas, em demanda do mar Negro.

“Meu pai era judeu, e muito religioso. Toda sexta-feira, ia à sinagoga de Kiev. Minha avó contava-me estórias à luz das velas sagradas. Certa vez, contou-me de um homem das Escrituras que sonhou com um grande pão de cevada caindo sobre o arraial dos midianitas e derrubando uma grande tenda. Isto significava vitória para o general hebreu.”

Saltou do veículo sorrindo, e apanhou mais alguns pães caídos no chão. Voltou à boléia, bateu a porta, e o carro prosseguiu.

“Mas que negócio é este de Deus fazer meio carregamento de pão atravessar uma porta fechada?” completou dando um riso sem graça.

Quando, porém, voltou-se para Ivan tinha no rosto uma expressão séria.

“Aconteceu alguma coisa, e Deus queria que nós parássemos; agora estou certo. Vendo que eu ignorava sua ordem, ele fez com que o pão se extraviasse, para obrigar-nos a uma parada. Mas não sei a razão disto”, explicou Ivan.

Tomou-lhes bastante tempo recolher todos aqueles pães, um por um, na estrada tranqüila.

“Talvez ele tenha feito isto para puni-lo”, gritou Harmansky lá de baixo para o colega. Depois riu.

“Da próxima vez vou requisitar outro motorista”, completou.

Ao reiniciarem a marcha, com o pão meio empoeirado outra vez trancado na parte traseira do veículo, ele voltou a comentar:

“Vocês batistas são muito estranhos, Ivan. Não parecem se importar com o que lhes possa suceder. Talvez eu creia em Deus em certos momentos. Acho que muitas pessoas crêem um pouco. Mas o que

adianta andar por aí berrando isto para as autoridades e complicar a vida?"

"Existe liberdade de pensamento em nosso país", respondeu o outro lentamente. "A constituição afirma que cada cidadão é livre para crer no que desejar e praticar religião, se quiser. Não deveria haver necessidade de se esconder o fato de ser crente, camarada."

O oficial acendeu um cigarro impacientemente.

"Você está falando de lei, mas sabe muito bem que o Departamento de Segurança Pública não liga a mínima importância para ela."

Obedecendo a um hábito, ele moderou a voz.

"Eu não diria estas coisas para qualquer um, Ivan; mas você é muito benquisto. A maioria dos rapazes o conhecem, e já ouviram você falar a respeito de Deus. Não é nenhum segredo para ninguém que muitos soldados mudaram de idéia acerca do ateísmo por sua causa e pelo modo como vive. Por isso, eles também estão sob suspeita."

Percebendo que o outro ia retrucar, ergueu a mão pedindo-lhe que esperasse.

"Quanto a mim, se for interrogado, quero poder dizer que você nunca falou comigo sobre religião. Por favor, vamos deixar as coisas como estão."

Ele se remexeu um pouco, nervosamente, e depois recostou-se à porta da boléia.

"Entretanto, quero lhe dizer o seguinte: a KGB já esteve aqui com indagações a seu respeito, junto a Malsin e ao Polit-ruk. Você é um bom rapaz. Não estou querendo dizer que saberia explicar as coisas estranhas que lhe acontecem. Não procuro saber das novidades, e as que já conheço, tento esquecer. Todos sabem que você é ótima pessoa. Será que não dá para você viver de um jeito que não lhe cause problemas? De que adianta sua vida, se passa horas e horas, dias e dias, encerrado com os oficiais? se é tirado da cama para interrogatórios? se é chamado a todo instante? Você acabará se matando, e o bem que poderia ter realizado, ficará perdido. Naturalmente, você já deve ter pensado que pode ficar preso, não? Se você não se

incomoda de perder a vida, é lógico que isto só diz respeito a você...”

E sua voz morreu, sufocada pelo horror da cena que lhes surgira diante dos olhos. O ônibus *Ikarus*, que passara por eles na estrada, quando apanhavam os pães, encontrava-se dentro de uma vala à beira da estrada, todo retorcido. Os corpos dos passageiros haviam sido arremessados em várias direções, e alguns estavam horrivelmente presos às ferragens de um guindaste virado, com o qual, aparentemente, o veículo colidira. Envolvidos no acidente estavam também alguns carros particulares, pois, ao que parecia, tinha havido um engavetamento. O corpo de um velho pendia grotescamente de um pára-brisas quebrado. Viaturas policiais e ambulâncias começavam a acudir ao local e algumas pessoas corriam de um lado para outro, sobre estilhaços de vidro partido, sujos de sangue. De todos os lados, ouviam-se gemidos.

Ivan e Harmansky deixaram-se ficar assentados, em silêncio, completamente aturdidos.

“Se não tivéssemos nos atrasado por causa dos pães, teríamos sido envolvidos neste acidente”, disse Harmansky sombriamente. “Poderíamos até ter morrido. Deus salvou sua vida”, completou com os olhos marejados, firmando as mãos trêmulas no painel dianteiro.

“Deus salvou *nossa* vida”, corrigiu Ivan com voz embargada e comovida. “Não é só a mim que ele ama, mas a todos nós; a você também, camarada.”

De repente, Harmansky inclinou a cabeça, cobriu o rosto com as mãos, e desatou a soluçar.



Todo grilo conhece sua lareira.

Malsin cuspiu fora a lasca de unha que cortara com os dentes, e passou a língua na carne viva da ponta do dedo. Suas mãos já estavam feridas; ele se sentia doente pelo excessivo número de cigarros que fumava. Diante dele, mais uma vez, encontrava-se a pasta de Ivan Moiseyev. Outro relatório tinha que ser enviado, desta vez por causa do alvoroço provocado por ele e pelo camarada oficial Harmansky, quando regressaram ao quartel com a remessa de pão. Já passara da conta o número de relatos de incidentes causados por Ivan, todos inexplicáveis, e ainda por solucionar.

Positivamente, principiava a crer que tais incidentes nunca teriam fim. Que deveria escrever? “O bom andamento do quartel foi perturbado a semana passada por boatos de que Ivan Moiseyev e Vadim Harmansky contavam que Deus retirara alguns pães que se encontravam em um veículo trancado, e os lançara na estrada, a fim de atrasá-los, e evitar que se envolvessem em um acidente automobilístico de grandes proporções.” O próprio Malsin fora verificar o que era aquele aglomerado ao redor do furgão que trazia o carregamento de pão. Harmansky chorava, ao narrar o acontecido. Obviamente, ele sofrera um choque nervoso. Um novo pensamento ocorreu ao Coronel. Talvez devesse mandar prender Harmansky

por negligência. Tratava-se, logicamente, de um caso de irresponsabilidade — não trancara devidamente a porta do carro. Mas deu de ombros. Ele se encontrava aos cuidados de psiquiatras. Melhor deixar por isso mesmo.

Mas por que tinha que ser Moiseyev? Sempre Moiseyev!

O oficial de assuntos especiais fora averiguar a respeito do tal acidente, e aquilo só servira para aumentar a comoção que ia pelo quartel. Moiseyev era um gênio, quando se tratava de explorar uma situação e alegar que outro milagre fora operado por seu Deus.

A despeito de todas as táticas de reeducação política empregadas, ele continuava a propagar sua ideologia. Malsin sentira-se gratificado quando descobrira que o rapaz freqüentara uma igreja clandestina, na Moldávia. Talvez fosse possível incriminá-lo com base neste fato, embora ele já fosse muito antigo. Na verdade, o que irritava o coronel, dia e noite, era a desobediência deliberada de Ivan. Ele fora advertido a que não falasse de suas crenças religiosas. Os oficiais, militares e políticos, tinham trabalhado com ele de todos os modos legais possíveis, e de outros não tão legais, também.

Uma brisa soprou pela janela e espalhou a cinza dos cigarros sobre os papéis. Malsin continuou a fitar os documentos da pasta de Moiseyev, sem se preocupar em limpar a cinza.

A situação estava-se tornando constrangedoramente difícil de manejar. O relatório do hospital militar de Simferopol, com seu carimbo oficial, achava-se bem debaixo de sua mão. Duzentos dos homens que participaram do grupo de destacamento enviado para a colheita em novembro passado declaravam acreditar que Moiseyev recebera uma espécie de cura sobrenatural, dos seus ferimentos. Na certa, haviam sido influenciados pelas histórias que escaparam do gabinete do cirurgião. Malsin ainda se irritava ao lembrar o tremor de emoção que percebera na voz do médico ao relatar-lhe os fatos pelo telefone.

“Coronel, pela primeira vez na vida, estou vendo que Deus existe.”

Afinal, que tipo de médicos eram os de Simferopol? Cientistas, não eram. Ele não levaria ali nem mesmo um animal. Acendeu outro cigarro. Fora uma sorte que os soldados pertencessem a diversos pelotões, de outros quartéis. E se tivessem sido todos de Kertch? Duzentos homens chegando de volta ao lugar com fantásticas histórias de milagres!

Todo e qualquer acontecimento tinha uma causa natural. No caso de Moiseyev ter ficado dias sob a neve, por exemplo, talvez ele fosse dotado de uma capacidade inata de suportar o frio. Durante a guerra era conhecido de todos o fato de que alguns homens tinham capacidade de realizar façanhas sobre-humanas. Muitas vezes, um ato de heroísmo que se pensava resultar de coragem e bravura, fora ocasionado simplesmente pelo fato de um soldado não ter escutado uma ordem ou não ter entendido uma estratégia. Um acidente de genética, às vezes, fazia com que um homem se pusesse, momentaneamente, em posição de vantagem sobre os outros; discrepâncias, como o daltonismo ou um pequeno porte. Talvez o caso Moiseyev fosse apenas uma questão de genética. Era certo que o rapaz suportara temperaturas baixíssimas e fortes pressões, quando submetido ao processo de reeducação de Sverdlovsk — se é que os relatórios procedentes de lá podiam ser levados a sério. O cigarro de Malsin terminou. Ele apagou-o impaciente no cinzeiro já transbordante.

Não havia dúvidas de que Moiseyev teria mesmo que ser levado a julgamento. Há um ano e meio ele desafiava abertamente o Exército Vermelho, resistindo aos mais elaborados esforços de instrução política. Sua insistência em afirmar que não violara nenhuma lei do país e que sofria perseguições por causa de sua fé era uma acusação direta contra o Estado soviético e sua ordem social. Só isto já era razão suficiente para que fosse preso. A Constituição da URSS garantia

liberdade de pensamento a todos os cidadãos. Não existia perseguição religiosa na Rússia.

Malsin sentiu-se extenuado. Ultimamente, dormia muito pouco. Embora isto não fosse conveniente no momento, teriam que formular processo contra Moiseyev, por suas atividades subversivas, por sua pregação de religião e pela sua atitude contrária à realidade soviética. Dolotov deixara bem claro que uma pessoa com tais convicções nunca poderia ser liberada do exército. Ele lembrara a Malsin que uma das funções das forças militares era justamente purgar a sociedade de movimentos contrários aos interesses do proletariado. Teriam que levar Moiseyev a julgamento. Nestes seis meses que lhe restavam de serviço militar, ele deveria ser julgado, sentenciado e enviado para reclusão antes que chegasse a hora de se levantar a questão de sua baixa. Malsin tocou a sineta de mesa. Instantes depois, a porta do gabinete se abriu lentamente e o soldado de guarda espiou para dentro.

O coronel pigarreou com impaciência. Desagradou-lhe constatar que ele pertencia ao mesmo pelotão que Moiseyev.

“Traga-me Ivan Moiseyev. Quero-o em meu gabinete, imediatamente.”

O soldado fechou a porta rapidamente, mas reabriu-a em seguida. Parecia hesitante.

“Sinto muito, coronel. Moiseyev partiu ontem para a Moldávia, de licença. Só deverá retornar dentro de uma semana, no dia doze.”

“Com os diabos!” gritou Malsin, extravasando fúria e cansaço. “Como é que uma pessoa em circunstâncias especiais como as de Moiseyev é tratado como os outros? Por que não me consultaram antes? Ele não deveria sair de licença.”

Além de voltar-se para o soldado a cada pergunta, seu olhar era tão enfurecido, que o rapaz ficou pálido de susto.

“Não sei, senhor coronel. Deve ter havido algum engano.”

“Saia daqui!”

A voz do coronel estava sufocada pela cólera. Era impossível trabalhar-se direito estando-se cercado de tamanha incompetência. Sua esposa estava fora. Iria para casa. Enfiou os papéis na valise que pegara da mesinha ao lado, e caminhou para o corredor com determinação, sentindo-se reanimar interiormente ao tomar a decisão de que, fosse como fosse, iria conduzir o problema de Moiseyev a uma solução satisfatória.

Todas as janelas da casinhola de madeira estavam abertas à suave brisa primaveril daquela manhã de domingo. E circulação era o de que se precisava, pois a sala estava repleta de crentes.

Os jovens achavam-se do lado de fora, recostados aos portais, e suas vozes transportavam o cântico para as campinas e plantações adjacentes. Ninguém faltara naquela dia, pois sabiam que o irmão Ivan estaria presente, de licença do serviço militar. A jovem Svetlana Petrovna achegou-se um pouco mais à janela, para dar uma olhada no rapaz, assentado na plataforma junto com os pastores, à frente da congregação. Trajava as mesmas roupas domingueiras que usara antes, mas parecia bem mais velho. A moça se indagava se ela também havia mudado assim, nestes meses. Entoavam-se os velhos hinos da Moldávia, que todos apreciavam tanto. Era um modo de comemorar a visita de Ivan, e, ao mesmo tempo, de confortá-lo. Svetlana aderiu ao cântico de todo o coração. Ouvira dizer que Ivan enfrentava sérias dificuldades.

Vários pastores falaram, mas ela sabia que antes de encerrarem a reunião, pediriam a Ivan que pregasse também. Encostou o queixo no parapeito e ficou a observar a família Moiseyev, todos assentados próximo aos pastores. Seus rostos como que brilhavam de gozo e emoção. Até mesmo alguns não-crentes estavam ficando curiosos, e se aproximavam das janelas, comprimindo-se contra os jovens, desejando enxergar lá dentro. Uma mulher, em quem reconhecera uma

supervisora da fábrica de seda, puxou-a pelo braço, afastando-a da janela um pouco, e perguntou-lhe:

“O que está havendo de especial aqui hoje? O que está acontecendo?”

Outros aldeões também estavam a empurrá-los com os outros, procurando ver o que se passava dentro do salão. Nina Kopnik, a prima de Svetlana, suspirou meio impaciente. Todos os jovens já tinham perdido seu lugar junto às janelas.

“Mas assim os incrédulos vão poder ouvir a pregação”, sussurrou-lhe Svetlana, consolando-a. “Tanto melhor!”

Após o cântico dos hinos, os pastores convidaram Ivan para ser o primeiro a falar. Ele leu alguns versos do Velho Testamento, de uma Bíblia que tomara emprestada de alguém.

“Então o Senhor abriu os olhos a Balaão, e ele viu o Anjo do Senhor, que estava no caminho, com a sua espada desembainhada na mão; pelo que inclinou a cabeça e prostrou-se com o rosto em terra.”

Ivan ergueu os olhos para a congregação, com um sorriso radiante no rosto.

“Hoje também Deus envia seus anjos, aos seus seguidores, e nos revela seu poder.”

Sem tirar os olhos do moço, a supervisora procurou uma posição mais cômoda para ouvi-lo. Parecia fascinada. Por um instante, Svetlana conseguiu enxergar o rosto do rapaz que estampava uma expressão de terna emoção.

“Gostaria de ler também”, continuou ele, “o verso de Marcos 14:35, que diz: ‘E, adiantando-se um pouco, prostrou-se em terra; e orava para que, se fosse possível, lhe fosse poupada aquela hora.’ Assim também, queridos irmãos, estes momentos de provação que nos sobrevêm são muito penosos. E muitos têm passado por isto. Foi numa hora destas que nosso Senhor recorreu à oração. Ele sabia bem o que o aguardava, mas nós não sabemos. Em vez de entregar uma mensagem agora, gostaria de convidá-los a orar. Vamos orar, assim como o Senhor orou.”

O tom de voz com que pronunciou tais palavras provocou lágrimas nos olhos de Svetlana. A supervisora e alguns outros afastaram-se dando de ombros. Afinal, aquilo não era nada de excepcional. Aqueles batistas estavam sempre orando. Svetlana e os outros jovens retomaram suas posições na janela. Então Ivan não iria pregar. Pedira que orassem.

Foi somente após o término do prolongado culto que os adultos saíram, cedendo lugar aos jovens para que se aproximassem de Ivan, aumentando a lotação da já apinhada sala. O contato dos moços com ele foi sombreado pelo constrangimento. Ninguém queria fazer-lhe perguntas embaraçosas, embora todos desejassem conhecer alguns detalhes dos problemas que enfrentava. Alguém fechou mansamente a porta fronteira e as janelas. Uma velhinha, sentada ao lado de Ivan, sacudiu-o pelo braço.

“Ivan, conte-me como vão as coisas”, pediu-lhe com voz comovida.

Foi uma tarde inesquecível para Svetlana. Que maravilhas o Senhor operara! O milagre da cura, o caso dos pães, a licença do sargento! Muitos dos relatos de Ivan suscitavam exclamações de louvor. Alguém orou em favor dos oficiais; outro, dos novos irmãos ali no exército; outro intercedeu pelos soldados que haviam escutado o testemunho do evangelho. Então, nos momentos em que suas vozes silenciavam, Ivan retomava sua narrativa, falando das operações de Deus, com o rosto irradiando felicidade, pelo gozo de estar entre os seus.

A tarde já estava caindo quando a família Moiseyev encetou sua caminhada pela estrada de terra, da congregação de Slabodzeya para sua casa, em Volontirovka. Os garotos menores estavam sonolentos, tropeçando ao lado da mãe, indiferentes à beleza das colinas douradas pela luz do sol, e das árvores reverdecidas. Sua irmã e dois dos irmãos mais velhos entoavam baixinho os hinos mais apreciados, voltando-se vez por outra para olhar Ivan por sobre os ombros, enviando-lhe um sorriso. Cada árvore por

que passavam, cada trecho da estradinha, cada cerca, eram bem conhecidos. Daí a pouco já se divisava ao longe a casa de seu irmão casado, perto daquela matinha onde ele costumava procurar cogumelos, durante o verão.

Seu pai, mantendo-se a passo com ele, prosseguia em silêncio, não querendo perturbar as recordações que quase adivinhava no coração do moço. Um papa-figo rasgou o ar acima deles, soltando seu trinado agudo.

“Está tudo tão bonito”, comentou Ivan em voz baixa, como se receasse quebrar o silêncio do crepúsculo.

Vasily Trofimovich sorriu compreensivo. Lá adiante, no campo, viam-se as maquinarias pertencentes à fazenda coletiva, prontas para reiniciarem o trabalho na manhã seguinte. De repente, Ivan estacou e segurou o pai pelos dois braços, fitando-o com olhos molhados.

“O que vou dizer é muito triste, pai, mas quero que o senhor saiba de uma coisa. Nunca mais voltarei à Moldávia.”

Gravadores de fita magnética e microfones eram coisas tão estranhas na humilde residência da família Moiseyev, como o seriam na corte de São Petersburgo, à época dos czares. Mas o irmão Zheluak aparecera por lá com sua aparelhagem, no último dia das férias de Ivan, todo entusiasmado por uma idéia que lhe ocorrera. Havia vários anos ele vinha gravando o programa de rádio que captava em seu receptor de ondas curtas, e depois rodava-o para sua família e outros crentes, após os cultos. Seria muito fácil gravar a palavra de Ivan e sua narrativa das experiências que tivera no exército. Não havia razão para que apenas os irmãos da região de Suvorovskiy conhecessem as maravilhas que o Senhor operara em favor dele. Poderiam gravar uma fita, e ela seria circulada por toda a Moldávia, pelos pastores, e tocada em muitas

congregações. Como traria conforto aos crentes! Como eles glorificariam a Deus!

Logo que Ivan começou a falar, Joanna Constantina principiou a chorar, por algum motivo. Aqueles meses haviam sido de muita tristeza para ela, já que sempre lia nas entrelinhas da correspondência do filho. Vasiliy acalentara esperanças de que, ao ver o rapaz, os temores dela se acalmassem, mas desde que ele chegara, ela mal dormia, fitando-o sempre com a fisionomia tão preocupada, que o próprio Ivan acabara gracejando.

“Mãe, acho que a senhora seria capaz de lutar contra todo o Exército Vermelho por minha causa”, dissera ele pilheriando. Mas depois acrescentara: “Tudo está nas mãos de Deus. Nós podemos orar, é verdade, mas não podemos decidir como é que as coisas devem ser. A vontade de Deus será feita. Nossa única intenção deve ser a de nos tornarmos dignos dele.”

Joanna tentara sorrir quando seu olhar encontrou o do filho, mas percebera nele um desapego a tudo, e aquilo a preocupava. À noite, ela se sentia dominada por temores, e de dia por um pavor inquietante. Nada devia lhe acontecer. Ele era seu filho.



Numa terra onde se anda nu, todos se envergonham de roupas.

Malsin estava impaciente, andando de um lado para outro em seu pequeno apartamento, indo de uma janela à outra, olhando a rua lá embaixo, procurando distinguir o vulto de sua esposa abrindo caminho rapidamente entre o povo. Seu filho de dez anos já se encontrava inclinado sobre suas lições escolares, com os livros espalhados sobre a mesa da sala de jantar. Ocasionalmente, erguia a cabeça para reparar a inquietação do pai.

“Mamãe chega já, pai”, dizia imitando o jeito materno de acalmar o marido. “Espero que tenha passado no mercado e comprado verdura.”

Malsin concordou, e jogou-se numa cadeira.

O caso Moiseyev iria melhorar. Ele estava satisfeito. Mas Galina deveria estar em casa. Queria contar-lhe que, no final das contas, fora bom que Moiseyev tivesse ido para casa. O intervalo de tempo dava-lhe uma folga para pensar, para planejar uma estratégia, para conferenciar com o Polit-ruk distrital. E tudo isso contribuiria para que tivesse uma visão mais clara dos fatos. O menino levantou os olhos novamente com uma expressão de alegria.

“Mamãe chegou!”

Galina Ivanova fechou a porta com a ponta do pé, levando a sacola de barbantes cheia de beterraba para

a cozinha, e largando-a sobre a mesa. Ao lado dela colocou outros embrulhos menores. Fitou o marido apreensivamente, depois, mudando o semblante, sorriu para o garoto no aposento anexo.

“Quer tomar chá?” perguntou, dirigindo-se automaticamente para a pia, a chaleira entre os dedos. Seus braços já estavam readquirindo o tom bronzeado, devido ao forte sol da primavera.

Malsin enfiou a mão no bolso, à cata de um cigarro.

“É. Um pouco de chá agora seria bom.”

Tragou profundamente a fumaça do cigarro.

“Você vai gostar de uma coisa que vou lhe dizer; estou muito satisfeito com o caso Moiseyev agora.”

Galina depôs a vasilha com água sobre o bico de gás, com uma deliberada calma. Esforçando-se para não se alterar, sentou-se numa cadeira em frente à do marido. A sacola de beterrabas e os pacotes menores eram como uma pequena barreira de permissão entre os dois.

“Nós já tínhamos decidido não discutir mais o assunto.”

“Porque eu estava indeciso sobre como proceder. A questão não é nada simples. Esta fantástica habilidade que ele possui de resistir às nossas técnicas de disciplina, de provocar incidentes os mais estranhos e divulgar seu fanatismo tem sido fora do comum. Ocorreu-me agora que o que temos a fazer é explorar cada pergunta, cada faceta do caso em seus mínimos detalhes. No fim das contas, foi bom que ele tivesse ido para casa. Sua ausência devolveu-me a segurança de que eu carecia. Preparei um plano de ação que funcionará perfeitamente.”

“Um plano de ação.”

Galina dirigiu-se ao fogão, pegou a chaleira com a água a ferver e, mecanicamente, derramou-a no pequeno samovar, que fora um presente de casamento. Quanto ambos haviam mudado desde então!

Malsin empurrou para um lado o volume de compras, e depositou ali a xícara que a mulher lhe entregara.

“Sei que este problema tem estado ocupando sua mente, e está enervando-a. Ele está pendente sobre nossa cabeça há vários meses. E sabe como é que eu sei que você não tem dormido bem? É que eu também não tenho. É um milagre eu ainda não ter sido chamado perante o *Spetz-Otdel*¹ para dar explicações de todas estas irregularidades. Parece que os truques que este Rasputin com carinha de tolo sabe aprontar não acabam mais.”

A xícara de Galina continuava escondida por detrás dos embrulhos.

“Um milagre”, repetiu ela.

Malsin ficou irritado pelo modo desagradável com que ela o fitava e repetia suas palavras.

“Até onde sei, o Partido Comunista não acredita em milagres. Que vocabulário estranho!”

“Estou tentando lembrar-lhe que você tem vivido sob tensão por causa disto. Vim aqui dizer que o caso Moiseyev será solucionado dentro em breve. Já tomei medidas decisivas. Hoje de manhã ele retornou a Kertch, e foi detido. Creio que você ficará mais tranqüila se souber que, juntamente com os agentes de segurança, o processo já foi instaurado e ele foi detido legalmente.”

“Não quero saber deste processo nem de Moiseyev. Já lhe falei várias vezes para não conversar comigo sobre ele.”

Era difícil tolerar a incrível suscetibilidade feminina. Mesmo nos dias atuais, eram bem poucas as que conseguiam o índice de objetividade proposto pelos padrões socialistas, necessário à liberação total da pessoa. Anteriormente, ele tivera esperanças de que Galina fosse uma destas.

¹ *Spetz-Otdel*: sigla para Spetsialnij-Otdel (“Departamento Especial” ou KGB).

“O problema é que ele está disposto a ir para a prisão. Está tão perdido no labirinto de suas fantasias, que para ele tanto faz estar aqui ou ali. Qualquer lugar serve, conquanto que possa continuar com suas práticas anti-soviéticas, fazer suas pregações batistas, e realizar seus milagres. Que vitória! O Exército Vermelho mandar um pregador assim para o campo de concentração!”

Fez uma pausa e suspirou profundamente.

“Mas todo homem possui um limite de resistência, e Moiseyev também. E é a este limite que vamos chegar.”

“Eu lhe falei para não me contar estas coisas!” exclamou Galina, com a voz sufocada pela cólera. “Já disse que não suporto ouvir isto.”

Num segundo ela se colocou de pé junto à pia, com a xícara na mão. Deliberadamente, ergueu o braço e espatifou-a contra a borda do móvel. Depois fez o mesmo aos pires, com maior violência.

Num acesso de fúria, Malsin girou o braço e vibrou-lhe uma bofetada que a atirou de encontro à parede. A seguir, apanhou a valise e saiu para o hall encarando o rosto afogueado da esposa e sua expressão de ódio. Firmemente, passou à sala, abriu a porta e saiu, batendo-a com força. Numa calma controlada, encaminhou-se para a rua, andando vagarosamente. Galina que se danasse!

Apesar da temperatura amena, a cela estava bem fria. A janelinha, lá no alto, deixava entrever um céu azul brilhante. Fora, ele se estenderia por sobre o presídio, sobre a cidade de Simferopol, e, mais além, formaria uma ampla cúpula sobre os campos e colinas que agora reviviam ao toque do verão, e sobre os rios brilhantes, e mais longe ainda, sobre os vinhais fragrantés da Moldávia.

Ivan estivera fitando o céu durante horas e horas. Por fim, abaixou os olhos e procurou orar. Dominava-o um vago sentimento de imponderabilidade e desincorporação. Era como se a vida tivesse parado, e ele

estivesse suspenso na atmosfera, com a sensação de que os eventos que se desenrolavam ao seu redor eram irreais. Seria aquela idéia de morte apenas uma fixação de sua mente? Será que Malsin dissera mesmo que, se ele se recusasse a mudar seus pontos-de-vista, não iria ser nem sentenciado nem desligado do exército? Com toda certeza, ele compreendera mal. Às vezes o idioma russo lhe era muito obscuro. Muitas das palavras ele não entendia direito.

E afinal, não era a morte o que Ivan mais temia, mas sim a possibilidade de vir a negar a Cristo, suas visões de anjos, a cura de seu corpo, o amor de Deus que tantas vezes inundara seu ser com uma energia vivificante. Ele não sabia ao certo o que se faria a um homem dentro daquelas celas especiais, a portas fechadas, para obrigá-lo a renunciar à fé, blasfemar e aceitar idéias que repudiava interiormente. Ele temia sua própria fraqueza.

Uma sombra invadiu o compartimento. Era impossível livrar-se dos pensamentos que o atormentavam de mil maneiras: sua morte não redundaria em nada. Uma nova onda de angústia tomou conta dele, e começou a caminhar pelo quartinho. Se o último recurso fosse a morte, se ele resistisse até este ponto, se pelo poder de Deus conseguisse suportar até a morte, então morreria. E estava acabado. A sensação de perda irreparável torturou-o então. Antes, o futuro se lhe apresentara com promessas de bondade e misericórdia em todos os dias da sua vida. Assaltaram-no imagens de sua família, seu lar, seus amigos, sua terra natal. Começou a pensar na esposa que nunca teria. Rostinhos infantis como que dançavam perante ele, na cela.

“Estou enlouquecendo!”

Diziam que a religião levava um homem à loucura. Desesperadamente, ele fixou o pensamento num trecho das Escrituras.

“Salva-me ó Deus, porque as águas me sobem até à alma. Estou atolado em profundo lamaçal, que não dá pé; estou nas profundezas das águas, e a corrente

me submerge. Estou cansado de clamar, secou-se-me a garganta; os meus olhos desfalecem de tanto esperar por meu Deus. São mais que os cabelos de minha cabeça os que, sem razão, me odeiam; são poderosos os meus destruidores.

“Tu, ó Deus, bem conheces a minha estultice, e as minhas culpas não te são ocultas. Não sejam envergonhados por minha causa os que esperam em ti, ó Senhor, Deus dos Exércitos; nem por minha causa sofram vexame os que te buscam, ó Deus de Israel.”

O rosto de Prokhorov, o sargento armênio, acudiu-lhe à lembrança. Recordou o sorriso com que o saudara ao voltar da colheita. Abraçara-o várias vezes e beijara-o nas faces. Depois, dera-lhe novo abraço, dizendo: “Meu irmão!” Ele cumprira sua promessa de crer no Senhor. A evocação da pessoa de Prokhorov suavizou-lhe o sofrimento. Ivan assentou-se no catre de metal. Muitos outros haviam crido. Todo o seu ser como que se retraía à aproximação da provação, mas será que Deus não se mostraria fiel?

“Persevere! Persevere!” disse a si mesmo em voz alta. “Segue em frente, ao comando de Cristo.”

O promotor militar reunira as mesmas acusações disparatadas que Ivan conhecia de sobra, pois as ouvira inúmeras vezes antes, dos oficiais do Polit-ruk de Kertch. De acordo com o artigo 142, ele era acusado de violar o Código, por ser membro de uma igreja batista clandestina, da Moldávia. Em Kertch, também, ele assistira a reuniões de grupos não autorizados pelo governo, em suas horas de folga. Pelo artigo 190, parágrafo primeiro, do Código Penal, era acusado ainda de distribuir literatura difamante contra o Estado soviético. Adicionava-se a isto uma carta que ele escrevera aos pais afirmando estar sofrendo por Cristo.

“A liberdade de consciência é prerrogativa de todos os cidadãos da URSS, mas você, deliberadamente, maculou a União Soviética e o Exército Vermelho.”

O oficial do tribunal apanhara uma papeleta e lera algumas linhas: "Decreto de Lenine, ponto cinco: 'A observação de ritos religiosos é garantida a todos os cidadãos, desde que ela não provoque a subversão da ordem e não interfira com os direitos de outros cidadãos da República soviética'."

Lançou a Ivan um olhar estudado, e prosseguiu. "Várias vezes, camarada Moiseyev, você já interferiu com os direitos dos seus colegas de pelotão, e de companhia, e até nos de soldados de outros pelotões com os quais entrou em contato. Esta sua constante mania de orar e pregar são intoleráveis aos que o cercam. Inúmeras vezes, você já recebeu ordens de parar com esta perseguição aos outros, mas desobedeceu a todas. Sua prática de ritos religiosos em propriedade do Estado é uma violação direta do regulamento que determina completa separação entre a Igreja e o Estado. Não é este tribunal quem o condena, são suas próprias ações. Entretanto, mais uma oportunidade lhe será concedida, para que aceite o julgamento desta corte, e confesse suas atividades anti-soviéticas, e renuncie publicamente aos seus pontos-de-vista. Vamos dar-lhe três dias para que considere o assunto."

De Simferopol, foi enviado de volta a Kertch a fim de passar ali os três dias de espera, e depois, levado à prisão militar da cidade. Novamente, começaram os interrogatórios, com o Major Gidenko e o Capitão Yarmak fazendo a leitura das acusações e informando-lhe, aos berros, que seria em Kertch que cumpriria sua pena de detenção por sete anos. Ivan remexeu-se impacientemente no banco dos réus. Gidenko apresentara outro ultimato para daí a três dias. Por que será que o tribunal estava indeciso, parecendo não querer sentenciá-lo? Ele dissera a todos, diversas vezes, que estava disposto a ir para a prisão.

Malsin bocejou. A inquirição levada a efeito por Gidenko fora demorada, e ele permanecera até o fim. Não voltara mais ao apartamento desde que tivera a discussão com Galina. Por uns segundos considerou a

hipótese de ir em casa, mas depois desistiu. O caso Moiseyev exigia todo o seu empenho e atenção. A estratégia planejada precisava ser realizada com absoluta precisão, evitando os erros incríveis que desde o começo haviam cercado este caso. Agora que se devotara a ele com tempo integral, conseguira acompanhar todo o seu andamento até aquele instante. Não; não poderia descansar ainda.

Com um grande senso de realização, Malsin recordou os passos dados até o momento. Moiseyev comparecera perante o comissário Dolotov, e fora acusado formalmente. Como não confessara sua culpa, o caso fora recambiado ao Polit-ruk de Kertch, onde ele tivera uma audiência com seus oficiais políticos, e fora por eles interrogado. Novamente, fora-lhe concedido um ultimato. Se ele se recusasse a aquiescer (e Malsin estava certo de que recusaria) seria enviado ao Polit-ruk distrital, em Odessa, para novo inquérito, antes de ser transferido para Simferopol e se proceder ao que Malsin denominava “as últimas conseqüências”. Não importava que os interrogatórios e ameaças anteriores não tivessem surtido efeito. Ele deu de ombros. Não importava a que altura dos acontecimentos Moiseyev se dobraria, mas ele se dobraria. Dentro em breve, iniciariam a fase das audiências especiais, em Simferopol.

Estava-se tornando cada vez mais difícil para Ivan lembrar-se da data. Tinha havido tantas idas e vindas entre a prisão e o quartel de Kertch para as audiências, que ele estava perdendo a noção do tempo. Achava-se, uma vez mais, de pé junto ao banco dos réus, em Simferopol, com o rosto muito pálido. O tanado da pele, que adquirira durante as férias na Moldávia, desaparecera, dando lugar à palidez do confinamento. Sentia-se faminto. Tinha sido maltratado pelos guardas, e dormira muito pouco nas duas últimas semanas. Os oficiais o fitavam impassíveis, aguardando que falasse. Sua voz estava rouca pelo cansaço, mas procurou emitir, com clareza, o

idioma russo, que ainda apresentava alguma dificuldade para ele.

“Declaro que sou inocente dos atos de que me acusam, e novamente rogo para ser ouvido pelo tribunal.”

O comissário Dolotov acenou afirmativamente, com certo pesar.

“Na época do meu engajamento fiz o juramento de praxe, e tenho me esforçado para não quebrar minha palavra, minha promessa de lealdade total e obediência às forças armadas da URSS. Foi-me impossível obedecer algumas das ordens recebidas, por serem injustas e irem de encontro à liberdade de pensamento que nos é garantida pela Constituição. Desobedei a tais ordens, não por querer ser desleal ao Exército Vermelho, mas porque elas eram absurdas e, acima de tudo, porque eu tenho um vínculo de ordem superior com Jesus Cristo. Ele me deu certos mandamentos a que não posso desobedecer.”

“Você recebeu ordens especiais de Jesus Cristo?” perguntou Dolotov revelando um leve interesse.

“Sim; como qualquer outro cristão; já que todos temos o dever de testemunhar das maravilhas que o Senhor fez por nós, isto é, de falarmos de sua glória onde estivermos. Camarada comissário, eu nunca importunei os outros com a pregação do evangelho. Quando percebo que algum deles está interessado, eu lhe falo do amor e cuidado de Deus por mim e por todos os que o amam. Não considero crime dar um pedaço de pão a um faminto. Grande parte dos acontecimentos que se deram comigo e com outros foi milagre. Há pessoas que dizem que Deus não existe, porém, ele opera milagres porque ama a todos os homens e deseja que todos se salvem. A única prática religiosa que mantive no quartel foi orar. E qual é a lei que proíbe o cidadão soviético de orar? Os senhores ordenam que eu não fale de minha fé, mas o amor de Deus não pode ser reprimido. Existe um verso na Bíblia que diz o seguinte: ‘Quando pensei: Não me lembrarei dele e já não falarei no seu nome, então isso me foi

no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer e não posso mais.' Não peço misericórdia, porque ela vem de Deus. Estou disposto a ir para a prisão de bom grado. Já me disseram que minha pena é de sete anos. Então podem me sentenciar. Será inútil dar-me outro período para reconsideração. Não posso negar a Deus, pois ele me deu muitas alegrias; só posso louvá-lo."

Sem dizer palavra, Dolotov fez um brusco aceno de cabeça para o guarda. Malsin tentou conter a irritação que lhe queimava o estômago. Tinha que se controlar. Tudo estava seguindo o curso planejado, embora a segurança com que Moiseyev se havia, fosse de enfurecer qualquer um. Fazendo um sinal aos agentes de segurança que tinham estado presenciando tudo, assentados a uma mesinha ao fundo do salão, ele carregou uma cadeira para junto deles, e assentou-se também. Sorria sem convicção, mas procurou mostrar-se sociável.

"É simplesmente uma questão de tempo, camaradas", comentou. "No momento ele está sendo enviado para a cela de segurança da prisão, para permanecer lá o período que for necessário."



A morte não leva o velho, mas o maduro.

Ivan estava cada vez mais ciente do que o aguardava. Diversas vezes os tribunais tinham ameaçado mandá-lo à prisão, se não modificasse suas crenças, e, quando viam que ele se recusava a isto, apenas adiavam a decisão. Ele já lhes dissera, da maneira mais clara possível, que Jesus Cristo lhe dera o mandamento de proclamar sua Palavra no lugar onde estivesse, fosse no exército ou em outro lugar, e tanto a oficiais como a soldados. E ele tinha de obedecê-lo. Ainda assim, a sentença não foi proferida.

A princípio, imaginou que as autoridades temessem uma reação negativa de seus colegas se o enviassem para a prisão. Muitos deles haviam se convertido; e outros declararam crer na existência de Deus, confessando ter presenciado milagres. Sergei também se tornara um centro de atenções em seu pelotão. Os soldados o procuravam com perguntas, ou pediam que orasse por eles ou que lhes lesse trechos das Escrituras. Ivan suspirou. Agora veio-lhe um enorme desejo de ver o amigo. Várias vezes, solicitara permissão para que ele o visitasse, mas era trocado de cela — e, por conseguinte, de guardas — com tanta frequência, que duvidava que seu pedido tivesse chegado aos oficiais. Mas estava certo de que Sergei e vários outros soldados estavam intercedendo por ele em oração. Contudo, as autoridades não precisavam recluir a

reação deles. Era comum, após uma sentença ser pronunciada, efetuarem-se prisões em massa.

O Senhor lhe falara inúmeras vezes: “Jesus Cristo vai partir para a peleja.” É. Ele sabia disto. Desde que regressara da licença, tinha estado em constante batalha. Esta nova cela estava cheia de poças de água. O ar era viciado. Não recebera pão para o jejum. Não era isto uma luta? Não lutava ele contra seus temores, seu anseio de ter uma vida normal, e contra o horror do desconhecido? Não suportava a pressão contínua das repetidas ameaças, audiências, interrogatórios, ultimatos, transferências de uma prisão para outra, de uma cela para outra? Não testemunhava para os guardas e para seus inquisidores? Mas alguma coisa lhe dizia que a batalha não seria a prisão.

Esta cela era úmida e não tinha cama. Lembrava-lhe dolorosamente a cela de Sverdlovsk, onde fora recolhido há um ano atrás. Estremeceu ao recordar o pesadelo que tinha sido a sucessão de celas: o cubículo com água gelada gotejando do teto, depois, a refrigeradora, depois a agonia do macacão pressurizado. “Jesus Cristo vai partir para a peleja.” Enquanto aquelas palavras repassavam por sua mente, uma aguda sensação de outra presença junto dele colocou-o imediatamente alerta. Uma grande alegria se espalhou suavemente por todo o seu ser, aquecendo-o, ardendo em seu coração, levando-o a se pôr de joelhos sobre a água.

“Você irá à peleja por mim. Tenha bom ânimo. Estou com você. Eu venci o mundo.”

“Jesus Cristo vai partir para a peleja.”

Ele vencera o mundo. Ivan também venceria. Suas dúvidas se dissiparam. Não haveria sentença para ser cumprida, nem desligamento do exército. Seu rosto estava molhado de lágrimas. Prostrou-se do melhor modo que pôde no exíguo espaço, e adorou a Deus, chorando.

Um guarda que fazia a ronda resolveu espiar para dentro da cela. Ali estava uma cena que poderia relatar ao tribunal. Com um toco de lápis anotou em

seu livrete: "Moiseyev deitado na água, chorando." Tinha esperanças de que aquilo fosse um bom sinal. Quem sabe muito em breve ele cederia. Era terrível ter que apelar para tais meios a fim de conseguir seus objetivos. Davam-lhes um nome pomposo, mas continuavam sendo tortura do mesmo jeito.

Ivan suportou aquela agonia durante dez dias, no fim dos quais orava em delírio, pedindo a morte e a libertação que o Senhor lhe prometera. Por fim, o tribunal resolveu parar. Malsin ficou fora de si, ao ver a notificação.

"É de nosso consenso que os esforços de persuasão são inúteis. Este prisioneiro deve ser sentenciado e remetido para o presídio. Insistir nas tentativas poderá resultar em conseqüências imprevisíveis."

Em outras palavras, se for para continuar estas técnicas de interrogatório, que as conseqüências sejam de responsabilidade da KGB, e não do tribunal de Simferopol. Mas aquilo não estava de acordo com os planos! Malsin tinha uma fortíssima dor de cabeça. Seus projetos haviam sido preparados com precisão. Não era de sua intenção deixar Moiseyev regressar ao quartel enquanto não tivesse cedido.

A cantina da prisão era um lugar imundo. As poucas mesas que havia eram sujas e ensebadas, e tinham um odor desagradável de pano podre. Desejou poder tomar uma dose de vodca, enquanto mexia o açúcar no café, com uma colher de estanho. A KGB tencionava dar prosseguimento ao plano, trabalhando com Moiseyev em seu próprio departamento, em Kertch. Talvez a melhor coisa a fazer fosse transferir o caso todo para eles. O tribunal militar tinha que se deixar guiar por certos escrúpulos, o que não era necessário às forças de segurança. A KGB tinha amplos poderes para atos administrativos, para vetar as cortes de justiça e anular recursos legais, desde que isto fosse imperativo para preservar o bem-estar das classes trabalhadoras. Malsin pôs-se de pé, lentamente. Aquela dor de cabeça estava acabando com ele.

Seguiu-se um intervalo de tempo enquanto aguardavam que Moiseyev se restabelecesse para retornar a Kertch. Ali, foi colocado em um cômodo especial. O coronel fazia questão de que tudo tivesse a aparência da maior normalidade possível. Não queriam provocar incidentes com os soldados. Ele elaborou todo o plano com meticuloso cuidado, concentrando-se ao máximo, apesar da dor de cabeça que não o deixava.

No meio da noite, ele se recordou de quando fora que a dor começara. O encarregado do interrogatório colocara o pé de Ivan dentro de um aparelho congelador. Fora uma medida improdutiva. Malsin desaprovava tais atos de ameaça. Deviam colocar o rapaz de corpo inteiro na cela refrigeradora, imediatamente. Só o choque já teria produzido os resultados desejados; quanto mais a permanência numa temperatura subcongelante, principalmente para um organismo já enfraquecido como o dele. Mas o incidente do pé servira para comprovar suas conjecturas quanto ao fato de que a resistência de Moiseyev ao frio era acima do normal. Numa situação em que outra pessoa estaria berrando de dor, Moiseyev prosseguiu com suas orações, alegando sentir apenas um pouco de dor. Era visível que seu pé se congelara. Malsin pegou o copo de vodca na mesinha de cabeceira e retificou aquele pensamento. Era óbvio que o pé de qualquer pessoa normal se congelaria. O encarregado declarou que o pé estava congelado; que o aparelho funcionava perfeitamente. Apesar de se achar em péssimas condições, Moiseyev transformara o fato em mais um de seus milagres. Naturalmente, Deus o curara em resposta às suas orações. Fora a expressão de terror na fisionomia do encarregado que lhe provocara esta dor infernal. Bebeu rapidamente, buscando o efeito máximo do álcool. Nada mais importava.

Bem, ele dera ao rapaz um ultimato final. No dia seguinte venceria o prazo. Colocou mais bebida no copo. Muito breve, estaria de volta ao lar, junto de Galina e de Sasha. Aquela situação desagradável já estaria resolvida. Galina ficaria alegre. Caiu num sono inquieto.

to, levemente consciente da dor que latejava no fundo de sua mente.

Durante toda a parte da manhã do dia 16 de julho, ele ficou ocupado com uma delegação de altos diretores do partido, na Iugoslávia. Desejara que eles fossem recepcionados por qualquer um dos outros oficiais mais graduados, mas as instruções vindas de Odessa tinham especificado que o Tenente-coronel Malsin seria o indicado para fazer as honras da casa em Kertch, e levar a delegação para uma volta de reconhecimento do quartel. Era um despropósito estar ali a falar de métodos de treinamento militar, de programas de ciência política e de planos de licença, durante toda aquela manhã, enquanto Moiseyev estava em liberdade.

Aquele seria o último dia. A ação seria levada ao ponto máximo, até que ele cedesse. Malsin precisou se esforçar para manter sua atenção concentrada nos visitantes. Quase não conseguia reprimir a sensação de triunfo que o dominava, ao imaginar Moiseyev na plataforma do auditório do Palácio da Cultura, superlotado, humildemente repudiando suas idéias religiosas e confessando as mentiras proferidas contra o Estado soviético. Agora, os soldados que haviam sido levados à crença veriam no que dera seu mentor. Talvez Moiseyev suplicasse por clemência e pedisse que lhe concedessem a chance de corrigir os colegas que conduzira ao erro. Tal fato causaria ótima impressão no relatório que seria enviado a Dolotov.

Perto do meio-dia, ele conseguiu desembaraçar-se dos delegados iugoslavos e das formalidades de despedida, alegando "negócios urgentes". Os oficiais da KGB tinham estado a esperá-lo em seu gabinete grande parte da manhã. Ele próprio estava espantado com a paciência deles. Agora que já transcorrera algum tempo, ele se sentia satisfeito de ter elaborado um plano tão perfeito. Todos os detalhes tinham sido bem calculados. O sigilo observado em Simferopol seria mantido em Kertch. Não haveria rumores nem

especulações entre os soldados do pelotão de Moiseyev.

Ivan iria à sede da KGB ao volante do veículo, como se fosse a serviço. Ele e os oficiais de segurança deixariam o quartel num Pobeda. Uma súbita sensação de alegria fê-lo vibrar. Era de se lamentar que tivessem de tomar medidas tão drásticas. Mas, para se alcançar o fim desejado — purificar a mente dos homens e edificar um socialismo puro — havia ocasiões em que tinham de empregar tais métodos. E os homens da KGB eram técnicos no assunto. Com um rápido olhar para o relógio, pegou o telefone para requisitar as viaturas. Dentro de alguns minutos estariam com Moiseyev na câmara à prova de som da polícia de segurança. Desta vez ele cederia.

Por alguma razão, nunca ocorrera a Malsin que Moiseyev poderia preferir a morte. Isto não entrara em seus planos. Naturalmente, sua morte não afetaria a KGB. Eles já haviam mencionado a possibilidade antes. Para Malsin, entretanto, aquele desfecho brutal arrebatava-lhe seus sonhos de vitória.

Ele transpirara profusamente durante toda a tarde. Agora, apesar do calor daquele dia de julho, tremia de frio, a boca seca de pavor. A cabeça parecia querer explodir. Sem acreditar em seus olhos, contemplava o corpo imóvel de Moiseyev no chão do aposento. Teria que arranjar explicações, fazer um relatório, notificar os pais do rapaz, e dar uma satisfação aos seus colegas de pelotão. O outro soldado crente, Sergei, poderia ser detido. Mas, como explicar a morte de Moiseyev aos soldados?

Os funcionários da KGB estavam arrumando as coisas. Malsin estava parado, de pé, com os braços cruzados, para tentar controlar o tremor. Desejava poder sentar-se, deitar-se. Se ao menos houvesse tempo de voltar atrás e verificar onde fora que errara, ouvir novamente o que Moiseyev dissera antes que seus gemidos e orações silenciassem para sempre. “Cris-

to... ama todos os pecadores.” Será que fora isto que ele dissera?

Gotículas de sangue continuavam a escorrer das perfurações feitas ao redor do seu coração. Os policiais estavam certos de que ele não morrera ainda e que seria possível dar um jeito para que se assemelhasse a um acidente. Estavam tratando Malsin como se fosse um tolo, afastando-o do caminho enquanto enrolavam o corpo de Moiseyev num cobertor. Mas, na certa, devia haver um modo de se livrar daquela dor de cabeça. Sentou-se com a cabeça entre as mãos. Eles que afogassem Moiseyev, como desejavam. O mar Negro estava logo ali. Procurou lembrar-se de uma coisa — se ao menos a cabeça parasse de latejar — era uma coisa que Moiseyev dissera.



O que já é certo, não pode tornar-se mais certo.

No momento em que recebeu o triste telegrama, Joanna Constantinova tomou a deliberação de não se comover. Era como se tivesse sido atingida por uma bala de canhão, e houvesse restado tão pouco dela, que, se começasse a chorar, as energias que ainda possuía se escoariam. Mandou uma das crianças ao campo, à procura de seu marido. O outro filho, tão aterrado quanto o primeiro, correu ao seu chefe para avisar que não iria ao trabalho nesse dia. Joanna tentou concentrar-se e coordenar os pensamentos. Havia muitas coisas a serem feitas. Algumas providências deviam ser tomadas, se fossem requerer o corpo de Ivan.

Seus olhos permaneceram secos durante o trajeto até Kertch. Os campos que ladeavam a estrada de ferro estavam banhados pelo brilho amarelo do escaldante sol de julho. Ela se espantava de Semyon conseguir ficar contemplando uma paisagem tão clara por tanto tempo.

Estava certo que ele, sendo o filho mais velho, os acompanhasse para auxiliar nos preparativos, mas ela preferia que não tivesse vindo. Era terrível não poder desabafar com Vasiliy, quando seu coração se comprimia de dor. O filho acreditara piamente na informação dada pelo exército, e procurava imaginar os

detalhes do afogamento, às vezes fazendo conjecturas angustiantes, olhando fixamente o panorama.

“Como poderia ele ter se afogado tendo amigos por perto? Por que não conseguiram fazê-lo reviver? Por que tinha de acontecer um acidente tão trágico destes?”

Nestes instantes, Joanna fitava o marido, numa cólera desesperada. Será que não sabiam que um rapaz de uma aldeia como Volontirovka não tinha meios de aprender a nadar? Toda a família estava bem a par do fato de que Ivan não sabia nadar. Mesmo que ele nunca tivesse escrito carta alguma, que nunca tivesse gozado aquela licença em casa, e portanto não lhes tivesse relatado o que se passava, mesmo assim todos eles perceberiam que havia alguma coisa errada com aquela história de afogamento.

Joanna ficou admirada com o tamanho da cidade de Kertch, suas ruas repletas de marinheiros e soldados, o cheiro de peixe e os piados agudos das gaivotas cortando os ares e misturando-se aos ruídos do tráfego. Seu rosto magro mostrava-se afogueado pelo calor, intensificado pelo uso da vestimenta preta. Seu marido e filho se locomoviam desembaraçadamente pelas ruas congestionadas, ao se dirigirem para o ponto do ônibus — que lhes fora indicado por um transeunte — que os levaria ao quartel.

Não pensara que iria se entrevistar pessoalmente com o Coronel Malsin. Mas agora, enquanto ele lhes falava, segurava-se ao braço de Vasiliy, sentindo a mente girar em torvelinho. Mas certamente eles aceitariam uma xícara de chá. Havia algumas medidas a serem tomadas, mas seu filho Semyon poderia cuidar disto. O exército desejava poupar os pais aflitos o máximo possível. O choque fora tão terrível!

O coronel também parecia ter sofrido um rude golpe. Com espanto, Joanna observou que suas mãos tremiam e seu rosto estava bem escovado. Ele cumprimentou Semyon com um aperto de mão, num visível empenho de demonstrar cortesia. Então, ele era membro do Komsomol de sua cidade. Excelente! Um bom

rapaz, ele. Poderia cuidar das formalidades militares para que seus pais descansassem um pouco da longa jornada. Malsin deu alguns passos em direção ao seu gabinete, em companhia de Semyon, mas voltou-se, e parou hesitante diante do casal. Durante um breve momento, pairou entre eles uma forte sensação de constrangimento, mas, por fim, ele indicou, com um ligeiro movimento de cabeça, um grupo de cadeiras na saleta de espera. Joanna sentou-se juntamente com o marido, sentindo-se ainda meio apreensiva. A voz do coronel soava rouquenha, sem dúvida pelo excesso de cigarros e pela fadiga.

Ela teve um pouco de dificuldade para ouvi-lo e entender sua linguagem, quando voltou a falar-lhes, um cigarro ardendo entre os dedos.

“Camaradas Vasiliy e Joanna Moiseyev, há uma coisa que quero lhes contar.”

Abaixou mais a voz e prosseguiu gaguejante.

“Eu me achava presente quando seu filho morreu. Ele lutou contra a morte. Demorou a morrer, mas morreu como um cristão.”

A última palavra ficou como que suspensa no ar. Ela fitou o homem estupefata. Será que entendera bem? Que coisa mais estranha para ser dita por um oficial do Exército Vermelho! O tom firme de seu marido quebrou o silêncio.

“Agradecemos por ter-nos contado isto. Não temos qualquer dúvida a este respeito. O Senhor é fiel até a morte.”

Malsin virou-se e caminhou para sua sala nervosamente. O que se passava com ele? Por que sentira o impulso de mencionar aquilo acerca de Ivan Moiseyev? Ele morrera afogado. Devia conservar isto em mente. Tinha que se concentrar neste ponto. Quando voltasse para casa, comentaria com Galina. Desabafaria com ela, contando-lhe tudo. Cerrou a porta e fitou Semyon. Quanto a este, não havia incertezas acerca de sua ideologia política, já que pertencia à Liga Comunista Jovem. Teria que explicar-lhe bem suas respon-

sabilidades. Malsin respirou fundo e acendeu outro cigarro.

Uma cálida brisa noturna soprava pela janela entreaberta do trem, ao regressarem para Volontirovka. Joanna não se surpreendeu de Semyon não lhes relatar nada de sua longa entrevista com Malsin. As luzes do carro transformavam as vidraças em espelho, e ela via o rosto de seu filho refletido nelas. A pequena lua crescente, no céu escuro, era como uma foice sobre sua cabeça. O vagão estava cheio de pessoas cansadas que retornavam de férias, algumas pendendo a cabeça de sono, outras oferecendo aos companheiros de viagem fatias de frios ou de queijo que retiravam de seus farnéis. Mas Semyon mantinha-se ereto, fitando a escuridão da noite que caíra. Uma mecha de cabelos tombou-lhe na testa, mas ele não se moveu.

Uma vez apenas, afastou o olhar da janela e fitou seus progenitores, primeiramente o pai inclinado em oração, e depois a mãe. E novamente voltou-se para a janela. Um ruído seco e rápido, semelhante ao bater de uma porta, fez Joanna virar-se e olhar a entrada do vagão. Ela se fechara de repente? Não; fora apenas sua imaginação. Fora Semyon que se fechara. Naquele momento então começou a chorar. De alguma forma, por alguma razão que estava fora de sua compreensão, Semyon também os deixara.

Eles carregariam o corpo dele pela aldeia, num caixão aberto, como era costume do lugar. O pranto de Joanna continuava, enquanto no outro lado do aposento os homens preparavam Ivan para o enterro. O cheiro da lâmpada de *flash* queimada ficou no ar. Os pastores trabalhavam em silêncio, esforçando-se para vestir o cadáver com seus trajes tradicionais. Que adiantava fotografar o estado em que o exército deixara o corpo dele? Joanna tomou um gole de água de um copo que uma irmã lhe estendia, mas depois empurrou-o. Alguém limpou suas lágrimas.

Ela fechou os olhos doloridos. Agora, os homens ajuntavam as peças da farda de Ivan, e acenavam às

irmãs para que trouxessem as flores para o ataúde. Involuntariamente, ela abriu os olhos a um novo barulho de passos. Um papel estava sendo passado de mão em mão. Joanna lembrou-se de que Vasiliy estava preparando uma declaração para assinarem. Estava resolvido a provar, com testemunhas, que o cadáver de Ivan não correspondia à descrição do certificado de óbito entregue pelo oficial Platonov, e que declarava “morte por asfixia”. As queimaduras, as perfurações e cortes, as marcas de pancadas teriam que ser atestadas antes do sepultamento. Mas quem ousaria crer naquilo, mesmo que o documento fosse assinado por todos os habitantes da Moldávia? Vasiliy inclinou-se para ela e chamou-a suavemente. Ela colocou seu nome logo abaixo do dele. Entorpecida, observava o marido dirigindo-se de um para outro com o documento. Havia tanta coisa que não carecia de explicação! Agindo com inteligência, ele estendia a caneta não somente aos crentes, mas a outros vizinhos e demais pessoas presentes.

Os crentes começaram a cantar, aparentemente sem um dirigente certo. Joanna ergueu-se meio desajeitada, com o auxílio das irmãs que estavam com ela no sofá. Os sons do hino — “Sou peregrino” — elevavam-se dali e eram ouvidos até nas ruas e campos. Muitos habitantes do lugarejo já lotavam a pequena casa dos Moiseyev. Outros se postaram do lado de fora, escutando junto às janelas fechadas, encostados às paredes laterais do chalé. Ela sabia que um ou dois dos pastores iriam pregar. Talvez até mesmo em sua morte Ivan conseguisse levar almas a Cristo. Na certa, a maioria do povoado nunca tinha ouvido um sermão evangélico, nem presenciado um culto fúnebre. Os crentes continuaram cantando até que, por fim, o irmão Chapkiy postou-se à frente do caixão, com a Bíblia aberta. As últimas notas do hino morreram suavemente, e ele tomou a palavra.

“Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos”, falou em um tom calmo.

Várias mulheres começaram a chorar em silêncio. Joanna sentou-se outra vez, não dizendo nem pensando nada.

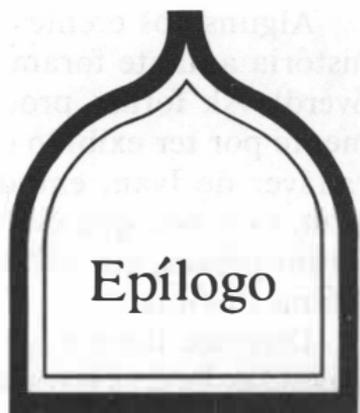
O tempo parecia haver parado. Ela sabia que os irmãos deviam ter pregado, já que havia tantos incrédulos presentes. Os jovens deviam ter declamado seus poemas. Entretanto, para ela, nada disso acontecera, e agora achavam-se todos na rua, encaminhando-se em fila para o cemitério. Seguindo atrás do caixão ao lado do marido, sentiu o clarão do sol cegar sua vista. O mundo inteiro precisava saber o que fora feito a Ivan. Viu com grande conforto que os estandartes contendo inscrições de versos das Escrituras eram carregados bem no alto, balouçando nas hastes de madeira, ao sabor da aragem quente que se elevava da rua esburacada. Os irmãos começaram a entoar um hino, mas ela não tinha alma para cantar. Os textos bíblicos haviam sido impressos em russo e no dialeto moldávio, e Joanna fixou os olhos nas palavras: “Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro.” “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma.” Aquilo seria como um atestado para a cidade e para o país de que eles não eram tão ignorantes, que não soubessem o que se passara. “Vi debaixo do altar as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus.” Que os versos proclamassem em altos brados o que eles não podiam dizer.

O cortejo fúnebre foi descendo lentamente, atravessando a aldeia em direção ao cemitério, atraindo grupos de trabalhadores para fora dos campos, e tirando os velhos de dentro dos chalés. Seu filho Volodia ia à frente de todos carregando de encontro ao peito uma foto de Ivan, tirada quando viera de licença. O rosto dele parecia fitar os espectadores com uma expressão eloqüente, como se desejasse comunicar-lhes um pouco de sabedoria cristã. Alguns dos lavradores se reuniram ao séquito, pois, afinal de contas, o morto fora um soldado, e seu funeral era um acontecimento incomum. Os pastores caminhavam juntos, cantando, e as duas únicas bíblias, já bem

usadas, eram portadas reverentemente, uma em mãos de Fyodor Gorektoi, o mais velho deles, e a outra nas de seu primo, Pyotr, a cabeça e a barba branca dos anciãos rebrilhando à luz do dia.

No canto do cemitério, onde a cova fora aberta, havia um pequeno aglomerado de árvores. A longa fila se desfez, o povo se espalhando à sombra delas, todos curiosos, apertando os olhos a fim de protegê-los da luz do sol. Os crentes ainda cantavam. O Pastor Chelorskii abriu a Bíblia, e pregou novamente dirigindo os olhos, vez por outra, ao grande número de trabalhadores das fazendas adjacentes, e aos velhos e criancinhas que o escutavam.

Havia um quê de inexorável na progressão dos eventos. De repente, Joanna agarrou o braço do marido. Naquele momento, a tampa do caixão ostentando o selo do exército que fora rompido, era recolocada sobre o esquife e este baixado à terra. Agora eles cantavam: “Ao lar eterno”. Olhando por sobre as cabeças inclinadas, ela contemplou dolorosamente seus filhos mais jovens que choravam e o semblante descaído dos outros moços, amigos de Ivan. Havia carregado flores durante todo o percurso, e conservaram-nas em mãos enquanto durou a cerimônia. Agora, porém, as pás de terra batiam sobre o caixão, e eles se adiantaram, e depositaram-nas na borda do túmulo, aos montes. Stefan Alexandrovich estivera carregando o texto que dizia: “Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro”. Com um movimento brusco, enterrou o mastro no chão. Outros jovens se chegaram a ele e se ajoelharam à sombra do estandarte. Um pesado silêncio envolveu a todos. Até mesmo os curiosos que estavam procurando ver o caixão sendo baixado ficaram quietos. E sob o céu aberto, naquele torrão socialista, eles começaram a orar.



Doze dias após o sepultamento de Ivan, a família Moiseyev começou a divulgar os fatos narrados neste livro. Dirigindo um protesto formal a Moscou, eles exigiram uma abertura de inquérito, com autópsia a ser processada por uma equipe médica da qual participassem dois médicos cristãos.

Não houve resposta imediata. Enquanto isto, o pelotão de Ivan, o 61968T, de Kertch, foi desfeito. Os soldados que o formavam foram enviados para diversas partes da União Soviética. Não restaram nem dois deles no mesmo lugar.

O filhinho do Coronel Malsin sofreu uma queda de uma carroça, vindo a falecer em consequência dos ferimentos.

Galina Malsin foi internada numa clínica psiquiátrica. O coronel foi desligado de seu posto. Diz-se que está perturbado, e obcecado pela idéia de que Deus o está punindo.

O Concílio de Parentes de Prisioneiros divulgou os fatos relativos ao caso de Ivan em seu boletim, que é publicado clandestinamente. Cartas de condolências provenientes de toda a Rússia, desde Leningrado até a Sibéria, chegavam aos montes no endereço da família Moiseyev. Em pouco tempo, a história alcançou agências ocidentais, e foi circulada por veículos noticiosos tanto seculares como religiosos, em trinta países, provocando furiosos desmentidos por parte das autoridades soviéticas.

Alguns dos crentes apanhados no ato de passar a história adiante foram detidos. Dois dos pastores de Sverdlovsk foram processados — um deles simplesmente por ter exibido durante um culto uma foto do cadáver de Ivan, embora não fizesse comentário algum. Conta-se que um total de vinte e duas pessoas já foram presas, em várias partes da União Soviética e até na Polônia.

Diversos lares e igrejas estão sendo submetidos a repetidas buscas para apreensão de documentos, cartas, fitas magnéticas, etc., que sejam referentes ao caso de Ivan Moiseyev. Em alguns lugares da Moldávia, certos agentes, com excesso de zelo, arrancaram o Pentateuco das bíblias, por terem visto ali a palavra *Moiseyev* que, em russo, significa Moisés.

Por fim, em setembro de 1972, cinqüenta e dois dias após o funeral, uma comissão de inquérito foi a Volontirovka. Começaram a interrogar todas as pessoas que haviam assinado o documento. Os não-crentes, atemorizados, negaram tudo, até mesmo o fato de terem visto o corpo de Ivan e terem apoiado o gesto da família.

No dia seguinte, o cadáver foi exumado. Somente os pais e um irmão dele tiveram permissão para testemunhar o ato. A comissão — que por sinal não contava com a participação de médicos cristãos, como fora solicitado — retirou dele o coração e tecidos adjacentes, e depois o sepultou novamente.

Até o momento, não fizeram nenhuma declaração pública a respeito do caso.

As últimas notícias que se tem de Sergei, o amigo de Ivan, que também é crente, são de que ele teria sofrido perseguições nos meses finais de seu serviço militar, e também recebera ultimatos para abandonar suas crenças.

Outro filho do casal Moiseyev, que é crente, encontra-se atualmente servindo o exército.



Segunda Parte

DOCUMENTOS

Anotações de um caderno pertencente a Ivan Moiseyev, deixado em mãos de alguns crentes de Kertch, antes de sua morte.

Durante toda a minha vida vou me lembrar de quando vi anjos pela primeira vez. Eu tinha quinze anos. Lembra-se, Ivan? Você estava trabalhando na terra, e sob seus pés estavam inúmeras cobras, mas você continuou a caminhar sem medo algum. Andou bastante, e consegui derrotar até a serpente maior, mas só o fez porque Cristo o ajudou.

Recorda-se da visão que teve, em que estava observando o mar do alto de um penedo, em companhia de um anjo? Então ergueu-se uma tempestade violenta e um navio começou a naufragar. Obedecendo a uma ordem do anjo, você saltou na água e salvou muitas almas, arrastando-as para a praia. As ondas rugiam ameaçando tragá-lo. Depois que salvou a última pessoa, você próprio caiu ao chão, exausto, mas o anjo o levantou e recolocou-o de volta no alto da rocha, para continuar a vigiar.

Lembra-se de como Jesus lhe revelou que ainda há muito trabalho aqui na terra, e que uma grande área permanece improdutiva, e como ele lhe disse que você deve cultivar este terreno?

Lembra-se de que estava cansado, certa vez, quando ia para o interrogatório, e um anjo desceu dos céus e lhe disse: "Ivan, não receie nada. Vai; eu vou com você"?

Lembra-se das letras de fogo que apareceram no céu, e que diziam: "Eis que cedo venho"? E a outra mensagem escrita em chamas, e que o Senhor lhe proibiu de revelar a outros? Esta você não pode relatar a ninguém.

Lembra-se de quando estava na prisão, e eles estavam-se preparando para torturá-lo no fogo, e você viu tudo?

Lembra-se de que durante dois dias você ficou sem saber se vivia na carne ou fora dela, após ter visto a Jerusalém celestial? E de como é maravilhoso conviver com um anjo?

Lembre-se de que a oração é a melhor forma de contato com Deus.

Lembre-se de sua família — seu pai, sua mãe, seus irmãos e irmãs, e lembre-se de quem você ama mais — seus familiares ou Jesus Cristo?

Apesar de tudo, você ainda não se dedicou a Cristo com todas as suas forças.

Trechos das últimas cartas de Ivan para seus familiares.

Data desconhecida

Paz seja com os senhores, queridos pais. Alguns irmãos de Zaprozhiye vieram visitar-me e passaram algum tempo comigo. Estou muito alegre, apesar de saber que alguém da União me tenha traído na semana passada, delatando minha pregação.

Embora eu seja militar, trabalho para o Senhor Jesus, a despeito das provações e dificuldades. Jesus Cristo ordenou-me que pregasse sua Palavra nesta cidade, em qualquer reunião, no pelotão, ou fora dele, e tanto a oficiais como a soldados. Fui chamado à sede de uma divisão, para uma audiência especial. Não foi fácil, mas o Senhor interveio e tudo acabou bem. Tive oportunidade de proclamar sua mensagem para os oficiais mais graduados, mas eles me insultaram muito e me expulsaram de lá.

Salvos são os que vivem pela vontade de Deus, e não pela vontade do homem. Obedeçam os mandamentos do Senhor Jesus e depois verão que eu realmente presenciei muitos milagres e tive várias revelações.

No Senhor,

Ivan

15 de junho de 1972

Saudações cristãs aos meus amados pais.

Recebi sua carta que me fez muito feliz. Quero dizer que pela graça e amor de nosso amado Pai, estou bem de saúde. Escrevi-lhes quando o Senhor me revelou qual era o caminho mais certo, e o modo como

os crentes devem viver. Na outra carta, contarei mais sobre este trabalho, pois o Senhor me revelou tudo.

Queridos pais, quando eu estive em casa, Ilyusha ensinou-me um salmo. Pedi-lhes que o escrevessem para mim. Que bom ver Ilyusha decorando salmos e ensinando até para os mais velhos que não os sabem, para que possam cantá-los também!

Ontem fui à igreja de Kertch, e vi irmãos de outra congregação, que ainda não conhecia, porque não estamos filiados à União. Havia ali um irmão de Sochi. Já tinham ouvido falar a meu respeito ali também. Nosso contato com eles foi muito valioso. E todos daqui e de Sochi mandam saudações no Senhor aos irmãos da Moldávia.

Queridos pais, Deus já me mostrou o caminho, e eu devo seguir por ele. Já decidi que vou segui-lo, mas não sei se voltarei, porque agora a batalha está mais árdua que no começo. Daqui para a frente, terei lutas mais difíceis e maiores que as que já enfrentei. Mas não as temo. Ele vai adiante de mim. Não se entristeçam por minha causa, queridos pais. É porque amo a Jesus mais do que a mim mesmo que o obedeço, embora minha carne receie o sofrimento, e não deseje passar por estas coisas. Faço isto porque dou mais valor ao Senhor do que à minha vida. Não seguirei a minha própria vontade, mas farei o que ele mandar. Ele está dizendo: "Vai!" E eu vou.

Não se aflijam, se esta for a última carta de seu filho. Eu próprio, quando tenho estas visões e ouço as vozes dos anjos, eu próprio me espanto, e quase nem acredito que eu, Ivan, o seu filho, converso com eles. O homem Ivan também tem seus pecados e falhas, mas, através do sofrimento, o Senhor os apagou. E eu não vivo como desejo, mas como o Senhor quer.

Agora, quero dirigir algumas palavras aos que não crêem em nosso Senhor Jesus Cristo. Vocês se dizem anticristãos porque sabem, embora não creiam, que existe um Deus que me deu vida — pois este corpo estava morto. Você, Semyon, meu querido irmão, você sabe que o Pai celeste pode dar-lhe vida. Até eu já

estou-me cansando de insistir com você. Mas já se passou bastante tempo, e eu estou bem longe. Quero que você saiba, Semyon, que existe um Deus. Quero que saiba e creia que eu conversei com anjos, e fui com eles a um outro planeta, onde nos aguarda a vida eterna. Creiam! Creiam se puderem, todos os que não o conhecem ainda. Estou-lhes escrevendo porque vi tudo isto, e sei que é verdade.

30 de junho de 1972

Saudamos a todos no grande amor de Jesus Cristo. Quem lhes escreve é Ivan, o menor dos irmãos.

Ainda posso escrever-lhes com relativa liberdade, e podem ficar sabendo que, após a alegria do encontro com Sergei, sobrevieram-me não apenas uma, mas muitas provações. Fiquei contente com tudo; quando não há tempestades nem ventos adversos, a vida se torna bastante monótona. Mas eu já estou-me acostumando a estas tormentas.

Que maravilha é saber que longe desta terra há um lugar de imenso gozo! Ó irmãos, prossigam corajosamente. Não temam, se tiverem de passar pelo fogo, a caminho do lar celestial.

Se o seu coração está mais apegado a alguma coisa do que a Jesus, então não é digno de segui-lo.

Agora quero falar sobre o maravilhoso corpo dos anjos, que é como o que teremos, se formos fiéis até a morte. Eu desejava muito ver os anjos, e eu os vi. Vi como se vestem, e já lhes falei sobre isto. O corpo deles não é como o nosso; seus corpos não são opacos e, sim, transparentes. Quando olhamos para eles, podemos ver através deles. É como se fossem de vidro. E eles são puros por dentro e por fora, puros como o cristal, como um vidro. Podemos enxergar o seu interior também. Eles não têm nem um pecado, nem uma falha. Estes corpos espirituais nós os teremos um dia. Com eles, poderemos ver a Jesus Cristo e os anjos, e ao Pai celestial, e saberemos o que cada um está pensan-

do. Oh! Que gozo! Quanta pureza e quanto amor existem ali! Como tudo é puro! Tão puro que se políssemos o melhor vidro, ainda não seria tão claro como este corpo que nos aguarda.

Ficarei esperando a resposta ansiosamente. Desejo que todos os irmãos queridos prossigam para esta terra celestial.

9 de julho de 1972

As saudações do seu filho vão se findar em breve. Estou fraco, mas ainda posso saudá-los no amor do Senhor Jesus, e na paz de Deus. Eles me proibiram de pregar a Jesus cristo, e estou enfrentando torturas e provações, mas disse-lhes que não deixarei de espalhar a boa-nova acerca de Jesus. E o Senhor confundiu-os perante o pelotão inteiro, quando me torturavam. Um soldado que saíra de licença por um milagre de Deus, contou o fato a todos, e depois, ficando de pé, perguntou: "De quem é este poder que fez isto?" Mas as autoridades não quiseram me soltar, apesar de ficarem envergonhados. Depois, perguntaram-me por que uma árvore estava verde e a outra seca, sendo que se achavam lado a lado. Indaguei qual era a diferença entre uma e outra, e eles responderam: "A diferença é bem grande: uma está viva e a outra morta." Respondi então que esta mesma diferença existe entre um crente e um anticristão. Mas eles continuavam confusos, e grandemente perturbados.

11 de julho de 1972

Saúdo a todos no amor de Jesus Cristo. Ivan é quem escreve esta. Sinto-me muito feliz por vocês. Talvez ainda possamos nos encontrar pessoalmente. Vocês já devem saber que minha baixa do exército foi vetada. Mas estou trabalhando por Cristo com todas as minhas forças. Não desejo me vangloriar, mas

quero que saibam disto e espero que não se esqueçam de mim em suas orações.

Na noite do dia 10, eu preguei o evangelho, e, após uma longa discussão, um soldado se converteu. Fiquei muito contente, e senti minhas energias se renovarem. Ainda não me encontrei com Sergei.¹ Glória ao Senhor por tudo! Se eu os vir, narrarei tudo com detalhes, tudo o que não posso dizer por carta.

Quando ele contempla o mar bravo
Para os que retornam da luta
“Ondas terríveis nos assolam,
Mas gozo e coragem enchem nosso ser.”

Para aqueles que retornam vitoriosos
Da luta contra as ondas medonhas e bravias
“Nós marchamos em frente, para as praias
Caminhando para a vitória final.

Para você haverá dias sem aurora,
Como soldado, a angústia da separação.
E tempos difíceis, no bojo das dificuldades
Ouvindo, ao que parece, o gemido dos irmãos.”

Mas não! Poder abundante envia o Senhor
E pelo exemplos deles, sobrevêm-lhe a esperança
Embora só problemas lhe tragam os fados.

Cumpriu a ordem mais difícil emanada dos céus,
Suas últimas forças dividindo com outros,
Muitas vezes lutando contra a fúria do mar.

Tudo o que faz é obedecendo ordens.
E embora lhe seja difícil prosseguir,
Obedece o santo mandamento de Cristo.

¹Trata-se evidentemente de um outro encontro além do que é mencionado na carta de 30 de junho.

Pressinto que não me verão mais... e se pensam em vir aqui, quero dizer-lhes que não adiantará. Eu me lembrarei de vocês em minhas orações. Desejo muito encontrar-me com Sergei. Talvez meu último trabalho já tenha sido executado. Recebam minhas calorosas saudações cristãs, que partem do menor dos irmãos. Não esperarei resposta, e até peço que não me escrevam.

Até o dia em que nos veremos de novo, Deus esteja com vocês, queridos amigos. Tenho sentido muita tristeza sempre que penso em vocês, mas lembro-me de uma coisa: estou cumprindo as ordens de Cristo.

Saudações de

Ivan

14 de julho de 1972

A obra é imensa e eu sigo as ordens de Jesus. As provações são grandes e os sofrimentos não são leves. Tenho muito que contar mas não posso fazê-lo por carta. Estou esperando a visita de Sergei, que o Senhor me prometeu. Ah! que nós não nos envergonhemos de falar sobre o Senhor. Todos aqui têm visto os milagres e afirmam crer que Deus verdadeiramente existe. Vou plantar a semente, e seguir em frente, como o Senhor me ensinou através do seu Espírito Santo e de seus anjos.

Não se espantem, mas eu estou-me esforçando bastante neste trabalho. Saibam também que estas coisas não são fáceis para o corpo. Continuo frequentando as reuniões, embora me tenham proibido. Os irmãos daqui enviam saudações a todos. Também eu mando saudações a todos: Slabodzeya e Yernokley (igrejas).

Gostaria que Semyon e Galya pudessem crer no poder do Senhor, e ver sua operação e entender que ele existe, como já fazem todos aqui: oficiais e soldados. Todos dizem que Deus existe, e o temem, pois vêem os milagres e constatam seu poder. Gostaria também que vovó viesse a crer em Deus e compre-

der que o caminho que está trilhando conduz ao inferno. Jesus Cristo está chamando e quer dar-lhe vida eterna; eu não posso conceder a vida a ninguém. Creiam no evangelho. Se receberem a notícia de que estou preso, saibam que deixei aqui em Kertch um caderno com algumas anotações, onde relato os milagres. Talvez possam vir aqui para apanhá-lo, ou talvez alguém daqui o leve para vocês. O Senhor sabe. Sejam verdadeiros cristãos. O Senhor os fortificará e lhes dará de sua força e poder.

Orem, pois ele é rico, e lhes dará de graça tudo que pedirem. Não me esqueço de vocês em minhas orações.

No Senhor,

Ivan

15 de julho de 1972 (ao seu irmão Vladimir)

Querido irmão,

Recebi sua carta e demorei a responder, porque houve uma grande tormenta. Quando Sergei chegou, ele também sofreu, e seus livros e até postais foram confiscados.

Não conte tudo a papai e mamãe. Diga apenas: "Ivan escreveu, e disse que Jesus vai partir para a peleja. Esta luta é de Cristo, e Ivan não sabe se voltará dela."

Desejo que todos os amigos, jovens e velhos, se lembrem deste verso de Apocalipse 2.10: "Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida."

Receba esta última carta, na terra, do menor dos irmãos.

Ivan

A Editora Betânia dispõe de maior documentação acerca dos fatos relatados neste livro. O leitor que desejar obter essas informações (em língua inglesa) poderá escrever para o seguinte endereço: Cx. Postal 10 – 30.000 Venda Nova, MG. Favor incluir Cr\$15,00 para cobrir as despesas de fotocópias e correio.



Um relato do que aconteceu quando um soldado cristão resolveu falar abertamente de Cristo dentro do exército soviético. As pressões que sofreu de seus companheiros ateus e de seus superiores. O que faria você, se estivesse nessas circunstâncias?

Ivan era um jovem diferente: cristão genuíno, soldado exemplar, não se deixava amedrontar pelas ameaças dos oficiais e nem pelo escárnio dos colegas. A fé e o relacionamento íntimo com Cristo eram mais importantes que a sua segurança pessoal ou a aprovação dos companheiros de farda. Seu caráter cristão foi provado até ao sangue, no exército vermelho.

Este livro notável, repleto de experiências vivas, conta como foi que Ivan pagou o preço maior, para não negar seu Senhor.

Mas não pense que este é simplesmente mais um livro sobre o sofrimento dos cristãos na Rússia. Acima de tudo, o leitor verá a fidelidade de Deus e a ação milagrosa do Espírito Santo em defesa de um servo totalmente consagrado a ele.

Experimente o impacto do que significa viver e morrer por Cristo em um país anticristão; você se sentirá desafiado a renovar seu compromisso de fidelidade para com o Senhor e a interceder, com redobrado interesse, em favor de seus irmãos que vivem em países sem liberdade religiosa.



Editora Betânia